

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**Givanildo Pereira de Oliveira**

**EDUCAÇÃO E CULTURA DE PAZ:  
UM OLHAR PARA O COTIDIANO ESCOLAR A PARTIR DO ENCONTRO COM OS  
HIBAKUSHAS**



**Sorocaba/SP**

**2022**

## Ficha Catalográfica

O47e Oliveira, Givanildo Pereira de  
Educação e cultura de paz: um olhar para o cotidiano escolar a partir do encontro com os Hibakushas / Givanildo Pereira de Oliveira. -- 2022.  
141 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota  
Dissertação Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba,  
Sorocaba, SP, 2022.

1. Educação – Aspectos morais e éticos. 2. Paz – Estudo e ensino. 3. Paz - Educação. 4. Vítimas da bomba atômica. 5. Prática de ensino. I. Reigota, Marcos, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

**Givanildo Pereira de Oliveira**

**EDUCAÇÃO E CULTURA DE PAZ:  
UM OLHAR PARA O COTIDIANO ESCOLAR A PARTIR DO ENCONTRO COM OS  
HIBAKUSHAS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

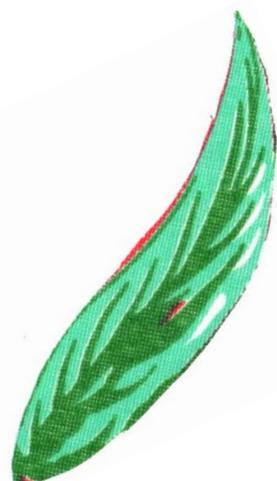
Orientador: Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota

**Sorocaba/SP**

**2022**

**Givanildo Pereira de Oliveira**

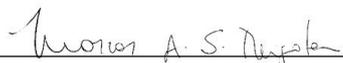
**EDUCAÇÃO E CULTURA DE PAZ:  
UM OLHAR PARA O COTIDIANO ESCOLAR A PARTIR DO ENCONTRO COM OS  
HIBAKUSHAS**



Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 23/02/2022.

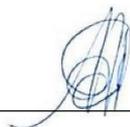
**BANCA EXAMINADORA:**



Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota  
Universidade de Sorocaba



Prof. Dr. Thiago Henrique Barnabé Corrêa  
Universidade de Sorocaba

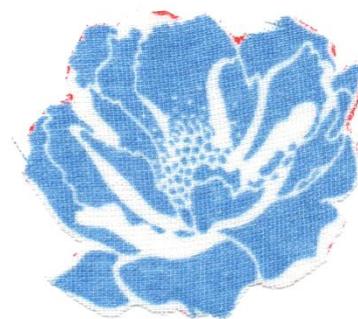


Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida dos Santos Crisostomo  
Universidade Paulista

## AGRADECIMENTOS

Ao longo desta caminhada, que não começou quando entrei no mestrado, gostaria de agradecer todas as coisas da vida que me trouxeram até aqui.

À minha mãe, dona Creuza, que em meio a toda sua simplicidade nunca deixou de me incentivar e acreditar em mim. Ao meu pai, Antônio, que do seu jeito tímido e de poucas palavras, a seu modo sempre expressava o que estava sentindo, inclusive demonstrando o orgulho tremendo dos meus estudos. Aos meus irmãos, José Joaquim e Eduardo, por praticamente terem me arrastado e me acolhido tão bem quando cheguei em Sorocaba e, apesar de todas as dificuldades, sempre seguraram na minha mão. Ao meu irmão mais velho, José Reinaldo, que nunca quis sair do sertão mineiro e que cuida dos meus pais, trazendo um pouco mais de tranquilidade enquanto alfabetiza nas escolas rurais da região e segue uma profissão tão honrosa e importante naquele lugar.



Agradeço também ao local onde trabalho e toda a direção da empresa, em nome de José Eduardo de Souza, por acreditar e confiar em mim e sempre me apoiar na minha busca de conhecimento e autonomia para colocar em prática os aprendizados e fazer com que a empresa esteja totalmente atravessada pelo cotidiano escolar.

Ao meu amigo João Batista, desembargador do trabalho, que luta incansavelmente contra o trabalho infantil e se envolve em todas as causas buscando por justiça e paz, querendo um mundo melhor e com quem tive a oportunidade de fazer tantas parcerias.

Aos meus amigos e parceiros de trabalho, Ronaldo Lopes e Marcos César que não resistiram às complicações da Covid, mas que tanto contribuíram comigo nessa caminhada com conversas ou gestos de amor, carinho e incentivo.

Agradeço ao meu amigo Newton, pela parceria diária e por ser meu ouvinte em muitos momentos. Ao meu amigo e companheiro Danilo, que cuida de mim e sempre esteve com uma palavra de conforto nos momentos de angústia, que apesar das complicações de todo esse tempo, sempre teve paciência e leveza para comigo. Ao meu parceiro de trabalho e amigo Álvaro, que me escuta, incentiva e auxilia em muitos momentos, apresentando músicas e sugestões de refinamento da dissertação.

À minha filha, que me traz paz e tranquilidade sempre que deparo com suas mensagens no celular.

Ao professor Eder Proença e à professora Sandra Ferraz, por compartilhar todas as histórias da construção do Parque da Paz, na Escola Municipal “Prof.<sup>a</sup>. Maria Domingas Tótora de Góes”, em Sorocaba – SP, com tamanho acolhimento, interesse e disponibilidade.

Às professoras Eliete Jussara Nogueira e Alda Romaguera, que deixaram marcas profundas na trajetória, sempre com palavras afetivas e que apontavam novos horizontes para adentrar nesse universo da pesquisa.

Agradeço ao carinho e cuidado que os professores da banca de qualificação tiveram e os encaminhamentos sugeridos para o texto: professora Maria Aparecida Crisostomo, que com sua doçura e leveza, sugeriu conexões importantes para a pesquisa; o afeto e cuidado dos professores Thiago Corrêa e Eder Proença, que mesmo como suplentes, deram contribuições valiosas para o aprofundamento do trabalho; professora Alda Romaguera, que com toda sua poética estética, presenteou-me com uma preciosidade que se encaixou perfeitamente com aquilo que gostaria de apresentar. Com seu olhar, a pesquisa ganhou mais sentido e beleza. Gratidão querida!

E especialmente, ao professor e orientador Marcos Reigota, que em meio a tanta turbulência me inspirou a pensar o tema dessa dissertação, sua relevância para a contemporaneidade e que me é tão caro. Agradeço a paciência, serenidade e seriedade que desempenha seu trabalho e que me proporcionou o sentido de paz que tanto almejo. Quisera poder honrar seu legado e me tornar um professor como você! Muito obrigado!

A todos os personagens que me foram importantes para a escrita das narrativas, suas histórias me fazem refletir o sujeito que quero me tornar.

Um agradecimento especial a todos aqueles e aquelas que não se conformam com o mundo de violência, de desrespeito e que lutam e resistem para que todas as formas de vida sejam valorizadas. Ao cultivar a paz e a esperança dentro de si, na expectativa de construirmos o mundo melhor, vocês me enchem de orgulho e de vontade de continuar sempre!



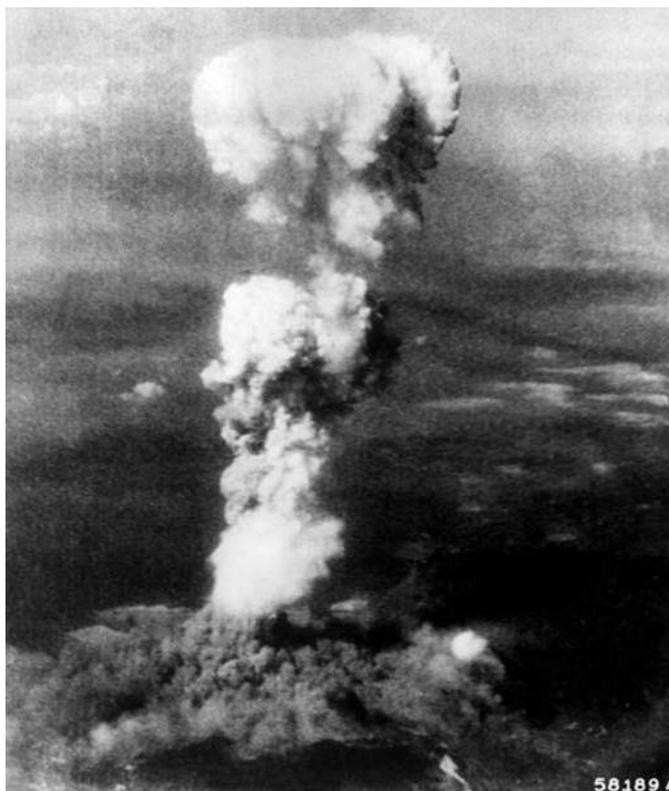
**Figura 1** – Hiroshima, 1945.



**Fonte:** Foto de Bernard Hoffman. The Life Picture Collection. Getty Images.

A ferragem contorcida do que sobrou de um cinema surge sobre os escombros a cerca de 800 metros do epicentro da explosão. A bomba que atingiu Hiroshima matou cerca de 70 mil pessoas imediatamente. Outras 70 mil ficaram feridas e mais milhares morreram desde então por causa da exposição à radiação.

**Figura 2 - Rosa de Hiroshima**



**Fonte:** <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2019/08/12-fotos-historicas-lembram-o-horror-dos-bombardeios-em-hiroshima-e-nagasaki.html>

### **ROSA DE HIROSHIMA**

Compositor: Vinícius de Moraes

**Música link:** <https://youtu.be/sR1gC4GsFGM>



Pensem nas crianças  
Mudas, telepáticas  
Pensem nas meninas  
Cegas inexatas  
Pensem nas mulheres  
Rotas alteradas  
Pensem nas feridas  
Como rosas cálidas  
Mas, oh, não se esqueçam  
Da rosa da rosa  
Da rosa de Hiroshima  
A rosa hereditária  
A rosa radioativa  
Estúpida e inválida  
A rosa com cirrose  
A anti-rosa atômica  
Sem cor sem perfume  
Sem rosa, sem nada

## RESUMO

Do encontro do pesquisador com os hibakushas – sobreviventes da explosão da bomba atômica de Hiroshima –, esta pesquisa se volta ao conceito de Cultura de Paz, ao apresentar narrativas que giram em torno de trajetórias de sujeitos anônimos que criam possibilidades, através de micro ações, no cotidiano escolar ou fora da escola, envoltos na tentativa de estabelecer a paz. O embasamento teórico gira em torno de autores como Paulo e Nita Freire, Peter Spink, Marcos Reigota e Nei Alberto Salles Filho, que contribuem para fazer brotar as narrativas dos atravessamentos vividos ao longo da trajetória e ganham relevância no enfrentamento das violências cotidianas, para superá-las. A escolha metodológica pelas narrativas vem da perspectiva ecologista de educação, que propõe ao pesquisador tornar-se parte da própria pesquisa, trazendo à cena, caminhos percorridos, reflexões experimentadas e aquilo que vai lhe atravessando: textos, encontros, filmes, músicas, exposições, enfim, o cotidiano em que atua e pode ser o palco para a construção de sentidos que nosso tempo anda carente. Com a força e empatia dos hibakushas; a postura freireana do esperar e; a transcendência indígena que nos convida a adiar o fim do mundo, o objetivo da pesquisa é evidenciar as subjetividades como potência para disseminar a cultura de paz, mesmo diante de um cenário de pandemia que aterroriza e mata.

**Palavras-chave:** Cultura de Paz. Cotidiano Escolar. Hibakushas.

## **ABSTRACT**

From the researcher's encounter with the hibakushas - survivors of the Hiroshima atomic bomb explosion -, this research turns to the concept of Culture of Peace, by presenting narratives that revolve around the trajectories of anonymous subjects who create possibilities, through micro actions, in everyday school life or outside school, involved in the attempt to establish peace. The theoretical basis revolves around authors such as Paulo and Nita Freire, Peter Spink, Marcos Reigota and Nei Alberto Salles Filho, who contribute to bring out the narratives of the crossings experienced along the way and gain relevance in the confrontation of daily violence, to overcome them. The methodological choice for the narratives comes from the ecological perspective of education, which proposes to the researcher to become part of the research itself, bringing to the scene, paths traveled, experienced reflections and what goes through him: texts, meetings, films, music, exhibitions, finally, the daily life in which he works and can be the stage for the construction of meanings that our time is lacking. With the strength and empathy of the hibakushas; Freire's posture of *esperar e*; the indigenous transcendence that invites us to postpone the end of the world, the objective of the research is to highlight subjectivities as a power to spread the culture of peace, even in the face of a pandemic scenario that terrifies and kills.

Keywords: Culture of Peace. Everyday School Life. Hibakushas.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hiroshima, 1945	8
Figura 2 – Rosa de Hiroshima	9
Figura 3 – Registro de um encontro único.	16
Figura 4 – O autógrafo	19
Figura 5 – Carro Alegórico da Águia de Ouro	21
Figura 6 – Gildásio Jardim, artista e educador popular	25
Figura 7 – Itacambira (MG)	45
Figura 8 – Escola Municipal “Casemiro Gago”.	47
Figura 9 – Sítio onde vivi minha infância, Itacambira (MG)	53
Figura 10 – Dona Elvira, e seu esposo João	55
Figura 11 – O armazém: memórias de infância em uma réplica.....	57
Figura 12 – Seu José e o presente.....	58
Figura 13 – Registro com Nita Freire	63
Figura 14 – Encontro com os hibakushas – Uniso/2019	69
Figura 15 – Senhor Takashi Morita autografando o livro	71
Figura 16 – Ilustração gráfica criada por	72
Figura 17 – Registro com Lúgia Zanella do Projeto Hibakusha	74
Figura 18 – Projeto Hibakusha – autógrafo ..	75
Figura 19 – Grupo Ritmos de Pensamento e Nita Freire	77
Figura 20 – Parque da Paz	84
Figura 21 – Marcos Reigota no bate-papo com as crianças	85
Figura 22 – Marcos Reigota e Eder Proença, inauguração do Parque da Paz	86
Figura 23 – Marco de inauguração do Parque da Paz	90
Figura 24 – Em uma formação do trabalho – Fazenda Ipanema.	93
Figura 25 – Lançamento do livro de Tânia Aversi – Itapetininga-SP – 2019	101
Figura 26 – Registro na Ocupação Paulo Freire – Itaú Cultural – Dez/2021	107
Figura 27 – Ilustração do artista Francisco Brennand	109
Figura 28 – Revoada de passarinhos – Trienal Frestas – Sesc Sorocaba	113
Figura 29 – Dona Creuza, minha mãe	123
Figura 30 – Seu Antonio, meu pai	123
Figura 31 – Árvore sobrevivente em Hiroshima	126
Figura 32 – Plantas no apartamento onde moro	131

## SUMÁRIO

1	Introdução.....	15
2	Encontros metodológicos.....	26
3	Cultura de paz.....	31
4	Por um fio.....	34
5	Estamos por um fio ou por um triz?.....	39
6	Viver custa caro.....	43
7	Itacambira-MG.....	45
8	O que o sertão me ensinou?.....	47
9	Aprendendo gestos de paz.....	51
10	Elvira: um símbolo de paz.....	54
11	Educação para a paz no cotidiano do trabalho.....	56
12	Sonhos se criam.....	59
13	No olho do furacão.....	64
14	Cada volta é um recomeço.....	67
15	Os hibakushas.....	69
16	A paz pode estar do seu lado.....	73
17	Ritmando paz e amor.....	76
18	Escolta de vaga-lumes.....	79
19	Um hibakusha em meu caminho.....	81
20	Escola da paz.....	84
21	De volta para casa.....	91
22	Anunciação.....	94
23	Movimentos ecopacifistas.....	97
24	Novos tempos exigem novas práticas.....	99
25	Um olhar para o futuro: micro ações no cotidiano.....	102
26	Paulo Freire vive e pacifica.....	104
27	Bonitezas em meu caminho.....	110
28	Um encontro para falar de sonhos.....	114
29	Dialogando com Kurosawa.....	117
30	Afinando e refinando o olhar.....	119
31	Ser cultivador como os meus pais.....	123





32 O fiel da balança.....	127
33 Beija-flor professor.....	128
34 Considerações finais.....	132
Referências.....	137

## 1 Introdução

Chegar ao tema da dissertação de mestrado não é uma tarefa fácil. Mas como minha vontade de fazer parte do cotidiano escolar é uma constante, isso pulsa em mim desde criança, quando com um pedaço de carvão, brincava de professor e por ali, entre muitos afazeres, sempre achava um tempinho para rabiscar as paredes limpas da minha mãe. Paredes que eram todas pintadas de barro retirado dos córregos próximos da casa onde morávamos. Eu sempre levava bronca da minha mãe, que me dizia para parar de sonhar e contentar-me em concluir pelo menos o ensino fundamental.

Passados alguns anos, superei as expectativas da minha mãe, terminei o ensino médio com 17 anos e tinha dado por encerrada a minha carreira acadêmica, uma vez que precisava muito trabalhar e naquele momento, muitos sonhos deveriam ficar adormecidos dentro de mim.

Alguns anos se passaram, saí do vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, de uma cidadezinha de pouco mais de cinco mil habitantes e me mudei para Sorocaba-SP, em busca de melhores condições de trabalho e vida. No ano de 2012, aqueles sonhos adormecidos voltaram a me povoar e a possibilidade de voltar a estudar e colocar outros planos, talvez nunca imaginados, passam a ser considerados. Em 2016, concluo a graduação em Psicologia e firmo comigo mesmo o propósito de nunca mais sair do ambiente acadêmico!

Queria muito buscar uma pós-graduação, mas dessa vez ligada à área de educação e conversando com um amigo, fiquei sabendo do programa da Universidade de Sorocaba, onde iniciei a aventura como aluno especial, em 2018. Ainda sem saber o que pesquisar, fui participando das aulas e buscando inspiração. Em 2019, com algumas ideias na cabeça, mas ainda com muitas dúvidas, fui incentivado pela professora Eliete Jussara Nogueira a fazer a minha última disciplina como aluno especial, com o professor Marcos Reigota.

Matriculado na disciplina “Cultura. Meio Ambiente e Cotidiano Escolar I, foi amor à primeira vista: serenidade, doçura, leveza e coerência foram alguns dos adjetivos que comentei com os meus amigos mais próximos a respeito do professor Reigota.

E, como nada é por acaso, a tal da sincronicidade funciona mesmo. Um certo

dia o professor Reigota fez um convite para o grupo participar de uma palestra no auditório da Uniso com os sobreviventes da bomba atômica, relatando ser algo imperdível.

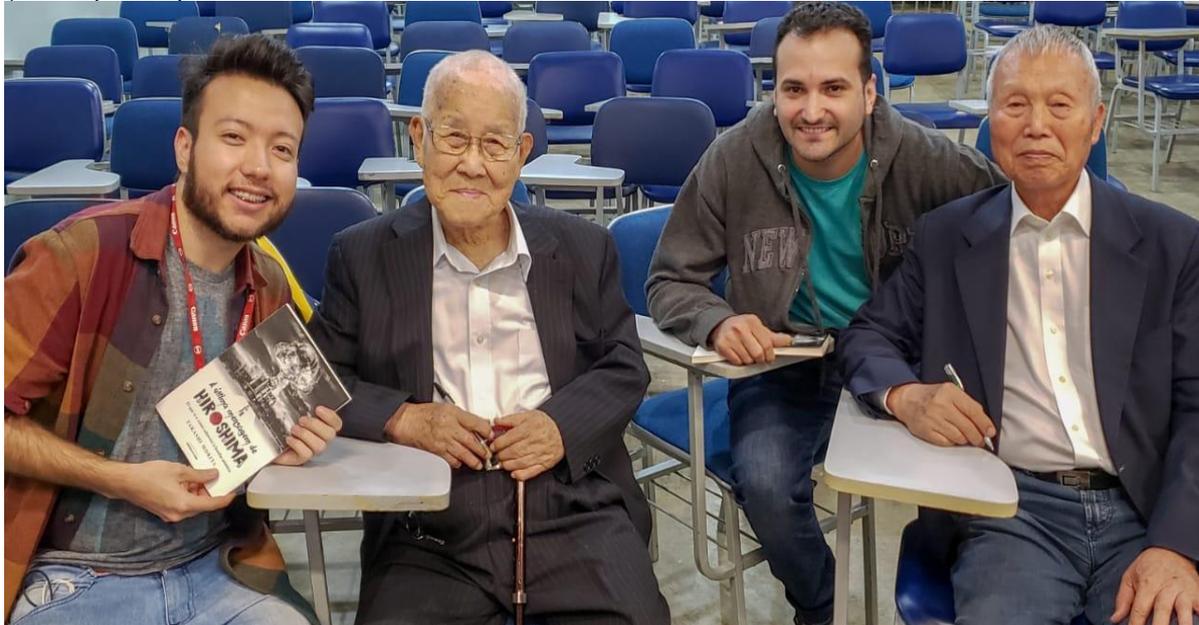
Confesso que, em um primeiro momento, o convite não me fez muito sentido, mas como tinha simpatizado muito com o professor, fiz questão de faltar a uma reunião do trabalho, que seria às 8 horas e ir até o auditório do Bloco D da Uniso para assistir a palestra. Porém, essa foi uma das manhãs mais impactantes na minha vida! Fiquei anestesiado e comentei, posteriormente, com o professor, que desde então, não havia mais parado de pensar no assunto.

Algumas questões ficaram pulsando em minha cabeça: porque nunca tinha ouvido falar daquilo antes? Como assim sobreviventes da bomba atômica vivos?

Foi o estopim para o que eu iria vir a pesquisar: um olhar para o cotidiano escolar a partir do encontro com Hibakushas que, sofrendo na pele os horrores de uma explosão atômica, defendem a cultura da paz, abominam a guerra e as consequências que podem trazer às populações civis e a toda a espécie de vida na Terra.

**Figura 3** – Registro de um encontro.

(Da esquerda para a direita, Ricardo Kazuoo, Takashi Morita, eu – Givanildo – e Kunihiro Bonkohara



Fonte: Arquivo pessoal.

Com toda aquela gama de informações e extremamente mexido com o encontro, não parava de imaginar o quanto todos que ali estavam, foram impactados com as falas e testemunhos do senhor Takashi Morita e Kunihiro Bonkohara.

Naquela mesma semana, o professor Reigota havia comentado, na aula, sobre

o seu livro, “Hiroshima e Nagasaki” (2015), fruto de uma densa pesquisa realizada com apoio da Fundação Japão, em vista de uma “pedagogia e práticas sociais ecopacifistas” (REIGOTA, 2015, p. 9) e que sendo recusada por diversas editoras, depois de doze anos de sua finalização, resolveu incluí-lo, gratuitamente, em uma plataforma na internet com algumas centenas de downloads, inclusive meu, que não resisti e me debrucei na narrativa em busca de aprofundar-me na temática que me inquietou e me mobilizou a presente pesquisa.

A leitura de “Hiroshima e Nagasaki” me emocionou por diversas vezes. Senti-me no centro das discussões sobre as armas e a produção da energia atômica, tão destrutiva e nociva à vida. Os relatos sensíveis do pesquisador, tanto para as notícias que corriam o mundo, mas principalmente com um olhar atento para e nas cidades que foram atingidas pelas bombas atômicas, em 1945, me instigam a também buscar mais informações, a querer saber mais das histórias daquele povo e dos visitantes que estavam presentes nas celebrações pela Paz naquele momento narrado no livro.

Chego à conclusão, que essa deveria ser uma das leituras obrigatórias nas escolas de Ensino Médio, nos cursos de graduação, na formação cidadã de cada um e cada uma, pois pode gerar mais empatia, vontade de cultivar a paz e sensibilizar cada um a lutar pacificamente, contra tudo o que destrói, violenta e mata a vida. Essas narrativas geram reflexão com significado e pertinência.

Na página 106 do livro, Kiyomi Sakamoto, que acompanhou Reigota na viagem ao Japão, apresenta a frase dita pelo papa João Paulo II, em seu relato “Observações sobre a celebração pela Paz” (p. 90), “relembrar o passado é responsabilizar-se pelo futuro. Pensar em Hiroshima é negar a guerra e tornar-se responsável pela paz”. Todos e cada um e cada uma, em seu lugar de vivência, deveria se tornar responsável pela paz e pelo seu futuro e pelo futuro coletivo.

Ao narrar a visita que faz ao Hiroshima Peace Memorial Museum, Reigota (2015, p. 62) afirma que para estar ali é “necessário muito preparo físico e psicológico”, pois ao se deparar com os inúmeros objetos, maquetes, os mais diferentes materiais que sofreram o impacto da explosão atômica, vídeos e informações a que buscava, também escreve que encontrou presentes e impressões deixadas por visitantes ilustres ao museu e menciona uma das mensagens do Nobel de Literatura de 1984, o escritor japonês, Kenzaburo Oe, que “acredita que a vida de muitas pessoas muda radicalmente depois da visita ao museu e, que tal afirmação se baseia na própria

experiência” (Idem, p. 65). Reigota concorda com a afirmação do escritor e também ousou dizer que, mesmo sem ter estado lá, também corroboro com ambos, afinal, em minha experiência de encontrar os sobreviventes da bomba atômica e escutar seus relatos de como enfrentaram tal violência e destruição, mas de forma calma e com serenidade espalham sua paixão pela vida e pela paz, me causaram uma transformação na forma de compreender a vida, as relações sociais e, principalmente, a mim mesmo no mundo e acredito que isso deva ocorrer com a maioria das pessoas que têm essa oportunidade.

Após concluir a leitura do livro de Reigota (2015), me debrucei na leitura do livro do senhor Takashi Morita (2017), que adquiri no dia da palestra e que contém a dedicatória dele. Essa obra também contribuiu para o aprofundamento com o tema da pesquisa. Morita nos traz, com relatos de sua experiência naquela explosão de 6 de agosto de 1945, antes de mais nada, a mensagem de perdão, paz e amor. O autor expande a mensagem que ele nos deixou enquanto dizia, calmamente “A última mensagem de Hiroshima: o que vi e como sobrevivi à bomba atômica”, que é o título da obra.

Morita (2017, p. 12) inicia o texto do livro da seguinte forma:

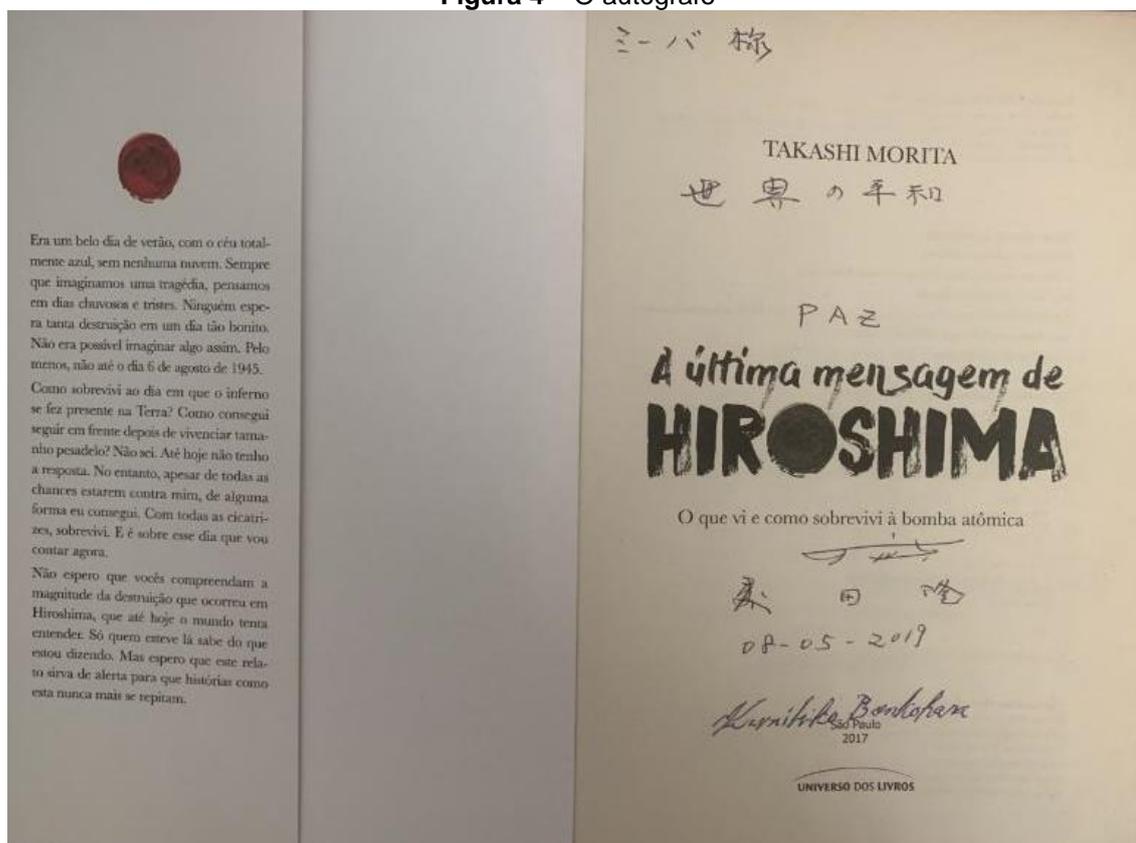
Eu vejo minha sobrevivência como um milagre. Chegar aos 93 anos sofrendo o que eu sofri, certamente, é um privilégio que me foi concedido. Ao longo da minha vida, estive diante dos piores atos que um ser humano pode cometer contra um semelhante. Os momentos de maior angústia serviram apenas para que eu compreendesse o que não desejaria nem a um inimigo. Ou melhor: aprendi que nunca mais deveria pensar em alguém como um inimigo. **A lógica da guerra não dá espaço para a dignidade humana. (Morita 2017, p. 12, grifo nosso).**

É uma mensagem transformadora, que suspende tudo aquilo que havia escutado e lido, enquanto estudante do ensino básico, sobre a Segunda Guerra Mundial, seus efeitos e desfecho. A mensagem do senhor Morita é urgente para o momento histórico que estamos vivendo.

Querendo mergulhar mais no assunto, a professora Alda Romaguera contou sobre um evento que teria em São Paulo, do cineasta argentino Roberto Fernandez, que lançaria dois documentários produzidos sobre os sobreviventes da bomba atômica, que fiz questão de me organizar para não perder.

No dia, cheguei um pouco adiantado ao local do evento, o senhor Takashi Morita também já havia chegado e sentou em uma cadeira em minha frente apoiado em uma bengala.

Figura 4 – O autógrafo



Fonte: Arquivo pessoal.

O evento começou às 19 horas e, para minha surpresa, tinha aproximadamente doze pessoas, um público muito pequeno diante de toda aquela riqueza de conhecimentos, informações, experiências, humildade e, principalmente, estado de paz que estava sentido ao estar presente. Ao final, fui presenteado com uma cópia do documentário “08:15 de 1945”, de Fernando Fernandez (2012).

O cineasta argentino, Roberto Fernandez, contou que procurou entender como foi lidar com uma experiência tão devastadora, como foi possível superá-la, e como esses sobreviventes levam essa mensagem de paz nas escolas e, ainda, o quanto isso tudo impacta a vida das pessoas.

Assisti o documentário duas vezes e fico me perguntando: como isso reverbera nas outras pessoas?

Voltei daquele evento reflexivo e totalmente impactado pelo conteúdo do documentário e imaginando que caminhos seguir, onde mergulhar, tentando entender como essa experiência pode impactar o cotidiano escolar?

Talvez uma das possibilidades que está ao meu alcance é falar, escrever e de certa forma, espalhar o quanto mais puder, sobre o tema, numa tentativa

desesperada, mas crítica, localizada e fundamentada, de evitar que o céu caia sobre as nossas cabeças, eliminando toda a forma de vida da Terra, fazendo referência a Davi Kopenawa (2015). Desvelar junto com aqueles que comigo convivem, outras formas de viver e viver em grupo.

Tomado por esses pensamentos e buscando mais informações, percebo que essa temática também garantiu seu espaço no carnaval 2020, a escola de samba Águia de Ouro, campeã paulista, naquele ano, trouxe para a avenida a simbologia do horror da guerra, mostrando o quanto a inteligência e desenvolvimento da ciência também podem ser utilizados para fins obscuros. O enredo da escola foi “O poder do saber; se saber é poder; quem sabe faz a hora, não espera acontecer”. De acordo com o texto de Augusto Fernandes (2020), no Correio Braziliense, além de trazer a história do conhecimento, em ordem cronológica, desde a Idade da Pedra, o desfile da escola campeã, também abordou temas como a educação, inclusive fazendo referência à Paulo Freire, e apresentando, durante o desfile, uma das suas frases mais citadas em trabalhos sobre educação: “não se pode falar de educação sem amor” (FREIRE, [1979] 2008, p. 29).

Fernandes cita outras questões que a escola apresentou, como a saber respeitar a diversidade, em que houve destaque de pessoas portadoras de deficiências, e mais adiante cita o carro alegórico que representou a explosão da bomba atômica na cidade de Hiroshima, como se pode ler neste recorte:

Outro componente do desfile que chamou a atenção foi a presença de um carro alegórico que lembrou a destruição provocada pela bomba atômica que atingiu a cidade de Hiroshima, no Japão, durante a Segunda Guerra Mundial.

O carro foi minimamente detalhado, e contava com a representação da fumaça da bomba, à frente, e com a simulação de um prédio em chamas, atrás, onde mais de 100 pessoas contracenavam a agonia provocada pelos efeitos da bomba. A ideia da Águia de Ouro foi alertar que o conhecimento humano também pode ser usado para a destruição. (FERNANDES, 2020, online).

**Figura 5** – Carro Alegórico que retrata ataque com bomba nuclear, contra Hiroshima



**Fonte:** <https://twitter.com/g1saopaulo/status/1231420734871916546>

Assim, toda visibilidade que o carnaval tem sobre boa parte da população e na cultura brasileira, acaba por contribuir, também, para disseminação desses temas tão caros e importantes para a reflexão sobre o passado que não queremos e temos que lutar para não deixar que se repita.

Entender o poder de devastação e destruição das armas atômicas e da guerra também nos coloca em marcha para pensarmos na possibilidade de construirmos uma cultura de paz; uma educação capaz de promover solidariedade, empatia e espírito de comunidade que seja capaz de abarcar ideias centrais da essência humana. Em outras palavras, e para trazer Paulo Freire (1996, p. 136), “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”.

Para Freire (2019, p. 23), em “Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos”, só é possível vencer aquilo que nos domina, se o reconhecermos como dominante, mas ao mesmo tempo, não se dar por vencido, “submisso ao poder que nos esmaga, o que afoga em nós a possibilidade de reação e da luta”. Não é possível lutar com a vontade enfraquecida, a resistência frágil, a identidade posta em dúvida, a autoestima esfarrapada.

Assim, a importância de nos ater aos escritos e relatos dos sobreviventes da bomba atômica e todos os testemunhos que denunciam o distanciamento do homem de si mesmo e que nos mobilize a fazermos frente a uma luta de resistência, de força em prol de uma sociedade menos armada e mais pacifista.

Da mesma forma, que possamos implementar nos cotidianos escolares e nos meios onde quer que estejamos, a bandeira da paz.

Todas essas reflexões e atravessamentos vividos e inspirado pela perspectiva ecologista de educação<sup>1</sup>, de Marcos Reigota (2010), me senti impelido a mergulhar nesse tema, vasculhando meu cotidiano e os cotidianos escolares de colegas, notícias e informações que me chegam, sobre o impacto causado pelo contato com os sobreviventes das bombas atômicas no Japão e outras ações, histórias e possibilidades para uma possível cultura da paz e o desejo de novas formas de viver em grupo.

A dissertação que apresento foi construída com pequenas narrativas, em que bio:grafias<sup>2</sup> (REIGOTA, PRADO, 2008), ora minhas, ora de outros personagens que

---

<sup>1</sup>O termo perspectiva ecologista de educação será explanado logo mais adiante, ao desenvolver o processo metodológico da pesquisa.

<sup>2</sup>Bio:grafia, a partir de Reigota e Prado (2008), seria os registros das experiências singulares vividas por sujeitos anônimos e que trazem ao centro dos debates, o potencial político e pedagógico, além de características que nos ajudam a compreender o contexto e diversidade de modos de vida, das relações éticas e estéticas no cotidiano. Tais registros contribuem para a ampliação do sentido de cidadania,

vou encontrando pelo caminho, apontam, a partir do meu olhar pesquisador, acontecimentos que impactam minha forma de pensar, ser e estar no mundo, onde a paz seja uma meta.

Encontrar o professor Reigota, que me proporcionou novos encontros e as leituras a respeito dos Hibakushas, me posicionou em um outro lugar, em que, novamente com Paulo Freire (1996, p. 134), me vejo disponível

À vida e a seus contratempos. Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, à chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. É na minha disponibilidade permanente à vida a que me entrego de corpo inteiro, pensar crítico, emoção, curiosidade, desejo, que vou aprendendo a ser eu mesmo em minhas relações com o contrário de mim. E quanto mais me dou à experiência de lidar sem medo, sem preconceito, com as diferenças, tanto melhor me conheço e construo meu perfil.

Dito isso, o leitor encontrará, adiante, pequenas narrativas, pré e, principalmente, de dias pandêmicos, que talvez, anteriormente passassem despercebidas. Tenho pensado nas transformações pelas quais passei e também naquelas que pude contribuir para que outras pessoas, foram vivenciando a partir de diálogos, experiências formativas em conjunto e provavelmente outras formas que me escaparam à percepção, mas resultaram em pessoas mais compreensíveis, empáticas, solidárias e que contribuem para a construção da paz onde quer que estejam.

Mais dois apontamentos são importantes nesta introdução. O primeiro se refere às imagens incluídas no texto não são meras ilustrações, mas compõem o trabalho, ampliando as narrativas. São imagens como força do conceito, como escreve Eder Proença (2017), em sua tese de doutorado, ao defender que as imagens utilizadas no trabalho podem e devem criar novas leituras e compreensão por parte de cada leitor.

O segundo apontamento é sobre a indicação da inclusão do artista plástico e educador popular, Gildásio Jardim, um mineiro, também do Vale do Jequitinhonha, pela querida professora Alda Romaguera, no momento da qualificação. Apesar da mesma não fazer parte da banca de defesa, faço questão de trazê-lo na pesquisa, primeiro pela relevância do trabalho e também para prestar uma homenagem a

---

assim como para a diversificação dos aportes teóricos e metodológicos que dêem novos sentidos às práticas pedagógicas e aos cotidianos escolares.

professora Alda que me acompanhou de perto nessa trajetória.

Gildásio Jardim vive na cidade de Padre Paraíso-MG e sua aproximação com a arte tem início na infância. Com apenas sete anos começou a pintar, sempre inspirado nas vestimentas, costumes e tradições do cotidiano rural que observava. Como era de uma família pobre, ele criava suas próprias telas com pedaços de tecido de algodão cru e restos de madeira. Nunca fez um curso de pintura, ou seja, é um autodidata. Graduiu-se em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

A conexão com a minha história foi imediata. Quando comecei a ver as obras de Gildásio Jardim, disponíveis nas redes sociais, fui transportado para a minha infância e, principalmente para as memórias afetivas com a minha mãe, que sempre usava vestidos de chita, ou de estampas florais, muitas vezes confeccionados por ela mesma.

O artista é criador de uma técnica que utiliza o tecido de chita ou outros estampados, geralmente para fazer roupa como tela para suas obras que consiste em pintar em 3D, cenas do cotidiano vivido e experimentado ali no Vale do Jequitinhonha.

Em um pequeno vídeo, Gildásio Jardim se apresenta e comenta sobre suas motivações e influências, como as fotografias de Sebastião Salgado e as poesias de Manoel de Barros. Sobre o objetivo do seu trabalho, ele diz:

*Um dos meus objetivos, ao realizar esse trabalho, é tentar pintar a poesia que há no cotidiano do nosso povo. A ideia é tentar mostrar ou capturar a beleza da estética, a beleza do povo simples, em suas atividades cotidianas. Os valores da cultura popular, no patrimônio material e imaterial da nossa cultura popular. É um trabalho que vai na contramão da estética da cultura pop, imperialista que tem invadido e atropelado a nossa cultura popular do nosso povo, no último século, especialmente. (Gildásio Jardim, 2020, vídeo on-line)*

Inspirado no artista e com a colaboração de Eder Proença, resolvi incluir no texto, recortes e colagens feitos de chita para ampliar o potencial estético e apresentar ao leitor, um pouco das cores que fizeram parte da minha infância e que compõe os cenários de onde vim, o Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais.

A figura a seguir, de Gildásio Jardim pintando em uma tela de chita é, ao mesmo tempo, a oportunidade do leitor conhecer o artista e uma homenagem a minha mãe, que tantas vezes a vi nesta cena, fazendo nossas roupas, mas também ao professor Marcos Reigota, cuja mãe também era costureira.

**Figura 6** – Gildásio Jardim, artista e educador popular.



Fonte: <https://www.conhecaminas.com/2016/12/conheca-gildasio-jardim-o-artista-das.html>

## 2 Encontros metodológicos

Para a empreitada da escrita da dissertação, muitas outras pesquisas foram consultadas e me inspiraram para o resultado que apresento.

Fazer parte do Grupo de Pesquisa Perspectiva Ecologista de Educação, liderado pelo professor Marcos Reigota (2010), contribuiu de maneira decisiva para a escolha metodológica da pesquisa, uma vez que pretende apresentar aos leitores e leitoras narrativas do cotidiano escolar e de outros espaços que não escolares, mas que também possibilitam aprendizagens, conhecimentos e uma postura de olhar para as questões do presente, se posicionando política, ética e esteticamente.

Nesta perspectiva, pensada como possibilidade de teorizar uma prática reflexiva, evidenciamos que as práticas sociais e pedagógicas dos sujeitos da história, que emergem de seu cotidiano, sejam escolares ou não, quando são colocadas em ação, principalmente por professores pesquisadores anônimos, na dialogicidade e no respeito das relações, criam outras possibilidades de se fazer educação.

Na tese construída por Tânia Aversi (2021), cujo título “Pedagogia em deslocamentos no cotidiano da indiferença: narrativas desde uma revisita a perspectiva Freire (ana)”, pode-se compreender que os caminhos de uma pesquisa nunca são os mesmos e funcionam de formas diferentes, de acordo com o olhar, a disposição e criatividade do pesquisador.

Utilizando uma metáfora de viagem, Aversi (2021) vai trazendo ao leitor, seus deslocamentos conceituais, reflexivos e de localização, desvelando, num mundo “marcado cada vez mais profundamente por posturas de indiferença [...] de um privilegiado grupo em relação à condicionantes invisibilidade das outras expressivas parcelas de humanos, aos quais têm sido negados seus direitos mais básicos” (Idem, p. 14), pequenos fragmentos de não-indiferença.

Com um aporte teórico embasado, principalmente em Paulo Freire e em amplo diálogo com a perspectiva ecologista de educação (REIGOTA, 2012), Aversi (2021) aponta que sua trajetória, enquanto se constituía pesquisadora, foi se transformando ao compreender que a educação deve ser menos adjetivada e mais compreendida como ato político. Ela escreve que nesse processo, “seu olhar voltou-se para uma escola possivelmente menos indiferente ao outro e às outras formas de existência”

(AVERSI, 2021, p. 180).

Nesse sentido, corroboro com a pesquisadora, ao afirmar que sua pesquisa não traz dados para análises ou resultados quantitativos.

São achados do e no cotidiano que podem ressignificar concepções de mundo, de educação e de prática docente. A (im)possibilidade de uma análise aprofundada, de uma interpretação ou pertinência do discurso dos sujeitos da pesquisa é o que menos interessa. Ficam estas tarefas submetidas ao eventual desejo ou interesse de outros pesquisadores. (AVERSI, 2021, p. 181).

Porém, diferentemente da estratégia utilizada pela Tânia Aversi, em que ela esclarece a narrativa da pesquisa será, em sua maior parte, na terceira pessoa do singular, nesta dissertação o leitor encontrará o pesquisador sempre na primeira pessoa do singular, ou seja, sou o pesquisador, mas ao mesmo tempo, participante e em certa medida, também o objeto da pesquisa.

As narrativas carregam minhas marcas: a minha presença, a forma de atuar diante dos diferentes contextos, meus posicionamentos sociais, políticos e culturais. Enfim a minha trajetória, quem sou, de onde vim, o que experimentei e em como estou me transformando. Construções e desconstruções conceituais, o processo de desaprender para reaprender, ou novamente com Paulo Freire (1996), a partir de minha leitura de mundo, de minha inconcretude, vou me tornando outro.

Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predestinada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e que cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é de um tempo de possibilidades e não de determinismo. (FREIRE, 1996, p. 52-53)

Apresento as narrativas em uma tentativa de dar sentido à vida e a todas situações expostas. Para isso, a utilização das bio:grafias é fundamental nesse trabalho, uma vez que para desnudar-me, exigiu exercício de olhar para as dezenas de experiências vividas, decifrar suas pertinências, enfrentar as cicatrizes e suas dores, as memórias familiares e as lutas enfrentadas para chegar onde estou.

Reigota e Prado (2008, p. 124) escrevem que bio:grafias está voltado à produção de narrativas ficcionais, onde discursos, imagens, retratos de si ou do grupo social ao qual um sujeito pertence, se tornam “possibilidades pedagógicas, políticas e

de produção de conhecimentos e sentidos sobre a sociedade em que os sujeitos vivem e atuam como profissionais e cidadãos”.

Minha busca por histórias e relatos que contribuam com uma educação pacificadora vem dos mais diferentes espaços e contextos e trazem evidências de possibilidades para que a educação e o cotidiano escolar estejam mais atentos e interessados em contextualizar essa temática da cultura de paz, por exemplo, evitando a ingenuidade e desconhecimentos pelos quais eu vivi.

Para Reigota e Prado (2008, p. 129), a utilização das bio:grafias, podem favorecer

[...] a visibilidade de “zonas desconhecidas” e são um convite para atentarmos a intimidade e privacidade com cumplicidade e abertura ao diálogo entre autor/a e leitor/a. Para isso, as bio:grafias podem refletir a veracidade dos fatos e sentimentos narrados.

[...] as bio:grafias permitem a presença de “múltiplas vozes” no espaço público sobre temáticas, conhecimentos, vivências e aspectos do cotidiano de locais específicos através dos relatos de seus cidadãos e cidadãs e de profissionais como os extensionistas, professores e professoras.

As pequenas narrativas que se encontram no corpo da dissertação são retratos das minhas vivências, dos encontros e desencontros, das saudades, das vontades e desejos, da minha vida no sertão, das poucas lembranças de infância e do escrever em meio a um contexto de pandemia global que mudou hábitos e costumes em todo o mundo, exigindo amadurecimento físico e emocional. Tais narrativas demonstram minha constituição política e cidadã e, portanto, pertinência pedagógica para compor a dissertação.

Diversos autores me acompanharam nessa caminhada com suas produções e contribuíram com a escrita, seja de uma forma direta ou até mesmo indireta, mas, que são polinizadores da ideia de cultura e educação pela paz. Cito alguns: Paulo Freire (1996), Nita Freire (2013), Guimarães Rosa (2019), Ailton Krenak (2019), Marcos Reigota (2010), entre tantos outros.

Principalmente em Reigota, encontrei o estímulo a me abrir e escrever sobre mim, a perceber um oceano de possibilidades, a desbravar o processo de narrar, de questionar, de posicionar, por onde então pautei toda a minha escrita.

Yang, Machado e Reigota (2017, on-line), em um ensaio que discute questões teóricas a respeito das narrativas, nos apresentam que elas, as narrativas não são imagens definitivas do objeto, “mas como uma perspectiva apresentada por seu narrador” e que se diferenciaria se fossem outros narradores. “Narrar-se é um

movimento contrário à perspectiva de neutralidade científica que colabora com a ideologia na produção de conhecimento, é deixar claro “quem e como se está pesquisando.”

Ou seja, nesse exercício de narrar-se, a história do pesquisador é parte do processo da pesquisa. “Ao narrar-se realiza um processo analítico, pessoal, singular e intransferível que traz outros sentidos à pesquisa e permite reconhecer-se como sujeito da própria história contribuindo para ampliação da cidadania” (YANG, MACHADO, REIGOTA, 2017, online).

Os autores também pontuam que o processo de narrar-se não se dá de forma linear, mas é fragmentado e atravessado pelos sentidos que vão perpassando o cotidiano e a vida do narrador. Eles escrevem “durante a narrativa o emaranhado de sentidos é remexido e ampliado pelos livros, documentários e eventos, o cotidiano se transforma e se reinventa” (Ibidem, on-line).

Se tais narrativas se passam no cotidiano vivido, utilizá-las numa pesquisa é uma possibilidade de trazer à tona, nossos questionamentos sobre o momento que vivemos e buscar alternativas para que se possa produzir, individual ou coletivamente, mudanças de sentido e ser e estar em grupo.

A intolerância, a violência e a destruição evidentes na explosão de agressividade que tem surgido no cenário brasileiro e no mundo, nas discussões rasas e ofensivas das redes sociais, nos discursos absurdos dos políticos na ocasião da votação do impeachment de 2015 no Brasil, dentre outras insanidades, defendeu-se abertamente um torturador, o terrorismo, como o que ocorreu em Nice na França, nos impõe a necessidade de questionar o instituído, a vida cotidiana do tempo presente.(Ibidem, on-line)

Ao ser inspirado pelas leituras apresentadas até aqui, o que apresento a seguir são narrativas singulares, em que me desnudo, mostrando minha essência enquanto sujeito do mundo e de minhas próprias história e atuação nos espaços onde atuo, repleto de questionamentos, dúvidas, incertezas, mas também, embebido no ímpeto Freireano, por ser um ser inconcluso, busco estar sempre atento, aprendendo e, de vez enquanto, ensinado, tendo em vista que sou um sujeito político, para o qual a ética, a estética são essenciais para a construção e fortalecimento da cultura de paz.

Nesse ínterim, músicas, documentários, artesanatos, poesia, literatura, exposições de artes me povoaram e fazem companhia nessa trajetória. Esses artefatos, dizem de mim e de mundos possíveis e sonhados, também do meu esperar Freireano, por uma educação e cultura de paz.

As narrativas a seguir estão divididas em experiências no sertão de Minas Gerais, na pequena cidade de Itacambira, no cotidiano escolar durante a escrita da pesquisa, nos encontros e desencontros, alguns marcados e outros casuais que me afetaram nessa trajetória e a explosão da pandemia. Não há uma ordem, não estão reunidas em conjuntos ou tópicos, nem mesmo há uma linearidade das narrativas. Elas se encontram soltas, por ora fundem e se confundem umas com as outras. Portanto, não há regras para a leitura daqui por diante, o leitor e a leitura podem escolher seu próprio caminho, compartilhando os sentidos que me provocaram e que espero que possam provocar a cada um e cada uma que vir a ler.



### 3 Cultura de paz

De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi sobretudo que a paz é fundamental, indispensável, mas a paz implica lutar por ela. A paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenta miopizar as suas vítimas. (FREIRE, apud FREIRE, 2017, p. 464)

Abro o texto que pretende discutir os conceitos de educação para a paz e cultura de paz, com o discurso proferido por Paulo Freire, em 1986, quando recebeu o Prêmio Unesco da Educação para a Paz, em Paris.

Dessa forma, já deixo marcado que a ideia de paz que trago para a discussão nesta dissertação está longe do pensamento do senso comum que acredita que paz é o antônimo de guerra, ou que para viver em paz não possa haver conflitos. O discurso de Freire evidencia que a paz é uma luta e que para construí-la, necessitamos superar todas as mazelas pelas quais o povo é submetido.

O professor Nei Alberto Salles Filho, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG-PR), é coordenador do Núcleo de Educação para a Paz, que se debruça em pesquisas que desenvolvem propostas pedagógicas relacionadas à Cultura de Paz, Educação em Direitos Humanos e Educação para a Paz. Uma das questões que motivam o núcleo é como a educação em geral pode incorporar uma educação para a paz?

Em um texto que compõe o e-book “Cultura de Paz, Direitos Humanos e Sustentabilidade: olhares interdisciplinares”, organizado por Salles Filho e Salles (2018), os autores Goss, Silveira e Salles Filho, escrevem que

Esses conceitos são acolhidos dentro da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU). A agenda é um documento com o intuito de legitimar todos os direitos fundamentais, acabar com a fome e a pobreza extrema, proteger a natureza com propostas sustentáveis, garantir educação e trabalho digno a todo cidadão, proteger dignificar e empoderar mulheres e meninas, além da garantia de moradias, saneamento básico, água potável e tantas outras metas que são propostas para mobilizar os diferentes países, em conjunto, para que haja avanços até 2030. (GOSS, SILVEIRA, SALLES FILHO, 2018, p. 11)

Ou seja, pensar cultura de paz na escola e fora dela, passa pelas reflexões que Paulo Freire já trazia em 1986 e, que se não estiverem resolvidas, minimamente, nos diferentes espaços em que a população vive, estaremos apenas tornando esses sujeitos mais opacos e menos visíveis em nosso contexto.

Salles Filho (2016) em sua tese de doutorado “Cultura de paz e educação para a paz: olhares a partir da teoria da complexidade de Edgar Morin”, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG, ressalta que cultura de paz e educação para a paz, apesar de estarem no mesmo campo e se complementarem, são conceitos diferentes.

A Cultura de Paz e a Educação para a Paz são ideias/conceitos diferentes, embora complementares em essência. Como Cultura de Paz, discutiremos o grande campo de atividades humanas que levam em conta um mundo melhor, mais humano, solidário, justo e sustentável. Portanto a Cultura de Paz cabe e vale para todos os seres humanos. Ao mesmo tempo há uma dimensão específica nesta definição, pois, se a Cultura de Paz envolve “todas” as coisas positivas, alguém pode ser contrário a ela? [...]. Neste quadro, defendemos a Educação para a Paz como a vertente educacional da Cultura de Paz. Um campo construído e pensado com ações pedagógicas voltadas ao esclarecimento sobre a cultura das violências em seu processo de mudanças para uma Cultura de Paz. Assim, argumentamos, nesta tese, que a Educação para a Paz é um campo de ensino, que pode e precisa ser estudado, devidamente articulado com a Cultura de Paz, para que sejam definidos seus aspectos básicos, devidamente claros e dotados de perspectiva e possibilidades para pensar o universo educacional. (SALLES FILHO, 2016, p. 14).

Esse autor também ressalta que é importante termos em vista, enquanto pensamos sobre cultura de paz e educação para a paz, que tais conceitos estão envoltos nas discussões sobre as violências que enfrentamos no cotidiano, sejam as estruturais – que são aquelas ligadas a problemas como a fome, miséria, tão denunciadas por Paulo Freire –; ou as violências diretas – aquelas que é desferida de uma pessoa para outra, como a briga de trânsito, por exemplo.

E, finalmente, Salles Filho (2016), escreve que o conflito é um fator relevante para considerar a cultura de paz, visto que está presente em nosso cotidiano e, infelizmente, conflito e violência acabam andando de mãos dadas, o que faz com que as pessoas confundam o que cada um significa e não que, diferentemente da violência, entendam o conflito como algo negativo, a ser evitado ou mesmo excluído de nosso cotidiano.

Pelo contrário, a existência do conflito pode ser produtiva para o crescimento daqueles que estão envoltos nele, quando pensado como uma questão a ser resolvida no diálogo, na compreensão das partes ou, para falar com Paulo Freire, da visão de mundo que cada um apresenta.

Dessa forma corroboro com os autores Goss, Silveira e Salles Filho (2018, p. 23) que conceituam a cultura de paz com relação aos “atos e ações de cada indivíduo perante seu posicionamento na sociedade, desde sua conduta moral, o ambiente que

está inserido e como transfere ao próximo seus desejos e anseios”

Faz-se primordial para nossos dias, marcados pelos antagonismos que geram ameaças e violências verbais, psicológicas e físicas, ao debater, por exemplo, a eficiência e eficácia de uma vacina para inibir maiores problemas quando exposto ao coronavírus, ações que estimulem o diálogo e a resolução de conflitos com respeito e civilidade. De forma que a empatia possa ser praticada.

Nita Freire (2006) registra que Paulo Freire inscreveu em sua epistemologia crítica a intenção de atingir a paz, sendo o diálogo viés para alcançar a cultura de paz.

A Paz tem sua grande possibilidade de concretização através do diálogo freireano porque ele inscreveu na sua epistemologia crítica a intenção de atingi-la. O diálogo que busca o saber fazer a Paz na relação entre subjetividades entre si e com o mundo e a objetividade do mundo, isto é, entre os cidadãos e a possibilidade da convivência pacífica, é que autentica esse inédito-viável. A educação pelo diálogo que forma homens e mulheres na e voltada para cultura da Paz, da solidariedade, da fraternidade, e da libertação humana.

A escola é um espaço preñado de possibilidades para que essas ações aconteçam e reverberem na sociedade. Uma criança que experimenta o respeito às diferenças, que reconhece o outro como igual em direitos e deveres, que é estimulada a resolver seus conflitos de forma pacífica e no diálogo será portadora da cultura de paz junto à família e a outros grupos que convive.



#### 4 Por um fio

Atravessado pelo contato com os sobreviventes da bomba atômica, confesso que, ao ouvir a afirmação de um amigo que me impelia que estamos por um fio, me perpassou um misto de sentimentos. Fiquei perplexo e sem saber o que responder. Não queria parecer desesperançoso e tão pouco minimizar os acontecimentos do tempo presente, em que nada está tranquilo ou estruturado. A lembrança do senhor Takashi Morita na noite de lançamento do documentário de Roberto Fernandez sobre os sobreviventes da bomba atômica, me veio à mente. Sua fala no evento alertava que estamos vivendo sobre um barril de pólvora muito mais poderoso do que a bomba lançada sobre Hiroshima. Em silêncio me retirei da conversa, sem saber exatamente o que pensar e o que dizer. Mais tarde, me senti inspirado a escrever sobre o assunto.

\*\*\*

Volto à minha infância. Às aulas que fizeram parte da minha primeira busca pelo saber. Naquela época, me fascinava os assuntos relacionados às guerras. Porém, hoje percebo que foram relatados superficialmente pelos professores, geralmente, pelo viés dos vencedores. Eu não entendia realmente os acontecimentos, as reais motivações que levaram os países a se enfrentarem, com horrores de mortes, inclusive da população civil e depois de tanto tempo passado, fui surpreendido ao encontrar testemunhos de sobreviventes. Passei a compreender por outro viés, os Hibakushas me mostraram uma nova versão e despertaram um novo olhar sobre os acontecimentos e sobre o futuro.

Lembro que, em meio aos morros de Minas Gerais, ainda criança, por volta dos oito anos, uma das memórias que carrego é de um terrível medo quando alguma aeronave passava por aquela região, totalmente isolada. Os boatos que se espalhavam entre a vizinhança era que a qualquer momento a Terra poderia desaparecer e acabar. Assim como fizeram com Hiroshima e Nagasaki, iria acontecer com o planeta.

Nessa época, meados de 1990, estava em pleno auge a guerra do Iraque. Na escola que frequentava, o discurso era como nos filmes hollywoodianos: os Estados Unidos era o lado bom da história e estaria lutando contra inimigos para proteger o

planeta.

O medo que sentia devia estar relacionado aos filmes que víamos nos canais de TV aberta. Sempre que algum avião passava era como se a qualquer momento, algo caísse sobre minha cabeça, com isso ficava apavorado.

Nos finais de tarde, em que eles mais trafegavam, ficava observando os pontos de luz no céu e, junto com os meus irmãos, tentava identificar de onde partiam e para onde iriam.

\*\*\*

Será que estamos mesmo por um fio?

Já se vão 76 anos desde os ataques a Hiroshima e Nagasaki, fato que não podemos esquecer: uma arma destrutiva desenvolvida a partir de pesquisas de grandes nomes da ciência e investimentos milionários, com o objetivo de aniquilar milhares de vidas humanas e demonstrar poder.

O desfecho da Segunda Guerra Mundial foi o estopim para o crescente desenvolvimento de armas nucleares por diversas nações. Em sua dissertação de mestrado intitulada "Hiroshima: A catástrofe atômica e suas testemunhas" a descendente japonesa e psicóloga e militante pela paz, Cristiane Nakagawa (2014) relata que nas duas grandes guerras mundiais, o massacre de pessoas e a crescente barbárie, em outros momentos, garantiu um lugar na contemporaneidade criando um movimento de esquecimento que acaba rejeitando o passado e nos tornando alienados no presente, frente a situações importantes e relevantes.

Aquele medo quando avistava um avião, na infância, ainda existe e de uma forma mais consciente, porém, agora o perigo é real e iminente.

Um colega do grupo, compartilhou durante uma de nossas aulas remota que além de diversas armas de aniquilação em massa produzidas no mundo, estamos agora, sob forte impacto de uma bomba viral, o coronavírus. Que em março de 2020, no caso do Brasil, nos trancou em casa, amedrontando-nos, pois sequer conseguimos entender como cada corpo reage à contaminação de tal vírus e nos faz refletir sobre a vida e sua finitude e também nossa forma de nos relacionarmos com o planeta. Como poderíamos evoluir nessa relação?

Nakagawa (2014) narra em sua dissertação o desespero das testemunhas

após a explosão da bomba. Estavam, como nós estamos tendo contato com algo totalmente desconhecido, não sabiam o que era e como tratar aquilo. Tomar água poderia levar a pessoa à morte e sequer os estadunidenses, que lançaram o explosivo, sabiam os efeitos produzidos e a radiação emitida.

As vítimas se tornaram cobaias para construção do saber efetivo produzido pelas bombas em humanos, resultando em muitas mortes posteriores e, para os sobreviventes, acompanhamento por toda a vida.

Não há diferença com o que estamos experimentando agora. O sentimento de impotência nos acomete. Por um lado, uma série de achismos e *fake News*, que rechaçam a Ciência e as recomendações da Organização Mundial da Saúde e do outro, milhares de pessoas morrem, dia após dia.

A ciência não está segura e os discursos de indiferença e banalidade em torno de tudo é aterrorizador em um momento em que a principal luta deveria ser em volta da e pela vida, pela segurança saudável de cada cidadão e cidadã.

A leitura da dissertação da Cristiane Nakagawa (2014) reverbera em minha mente por alguns dias e percebo que é mais uma fonte de produção de sentido em prol da paz.

Falar desses temas me fez refletir sobre estarmos por um fio e por mais que não queira acreditar, penso que realmente estamos. A humanidade constrói bombas extremamente potentes para demarcar poder, se apoderar das riquezas naturais de outras nações, numa ganância sem limites, enquanto a vida do outro, geralmente dos menos favorecidos e toda sorte de desgraçados do mundo, perde totalmente seu valor, são apenas números, se tornam algo natural, como se a eles restasse a sorte ou a conformidade de sua situação.

Estamos todos anestesiados? Não é perceptível que a vida e nossa existência neste planeta está por um fio?

Paulo Freire (2019) no livro “Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos”, escreve na terceira carta sobre o assassinato do índio pataxó, em 1997, em Brasília,

Que coisa mais estranha brincar de matar índio, de matar gente. Fico pensando aqui, mergulho no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desertificando-se no ambiente em que decresceram ao invés de crescer. (FREIRE, 2019, p.75)

Recordo-me, que na época, quando ouvi no rádio sobre o indígena queimado em Brasília, apesar de ser criança, fiquei indignado e perplexo pela barbaridade daqueles jovens.

Porém, o ato de crueldade que deveria ter proporcionado aprendizagem, continua acontecendo paulatinamente e vamos ignorando, fingindo que não estamos vendo, pouco se reflete sobre tais acontecimentos e vamos nos perdendo enquanto humanidade.

Enquanto escrevia, a TV estava ligada e pelo noticiário soube que mais uma vida foi ceifada tão cedo. O menino João Pedro, de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, foi vítima de uma bala disparada por policiais dentro de sua casa. O fio se rompeu. Um adolescente, provavelmente tão cheio de sonhos, como é o normal dessa idade, é ressaltado por sua mãe na reportagem. Daqui há alguns dias tudo será esquecido. Apenas mais um número para as tristes estatísticas de mortes do país. É a produção da ausência de sentidos que adentra a vida cotidiana, “que anula, despreza, desqualifica e ironiza qualquer importância e prioridade dada aos sentimentos básicos de convivência e de respeito à vida” (REIGOTA, 2019, p. 2).

E não deve ser assim! Não podemos nos conformar com tais questões como se fossem naturais. Elas não são!

O que aconteceu na sociedade brasileira contemporânea para que pessoas que pertenciam aos nossos círculos profissionais, sociais e afetivos, mais próximos tenham se tornado nossos detratores, juizes e algozes que proferem sentenças cruéis, injustas e irreversíveis? (Idem, p. 2)

É preciso que voltemos a nos importar! Ter empatia com as outras pessoas, não aceitar a violência e essa necropolítica claramente patrocinada pelo Estado. É preciso exercitar a cidadania e engrossar esse fio para que ele não se arrebente nunca. Freire (2020) afirma da necessidade de estarmos concatenados com o que se passa à nossa volta para podermos juntos, construir um futuro mais justo e democrático.

Não há possibilidade de pensarmos o amanhã mais próximo ou mais remoto, sem que nos achemos em processo permanente de “emersão” do hoje, “molhados” do tempo que vivemos, tocados por seus desafios, instigados por seus problemas, inseguros ante a insensatez que anuncia desastres, tomados de justa raiva em face das injustiças profundas que expressam, em níveis que causam assombro, a capacidade humana de transgressão da ética. (FREIRE, 2020, p. 54)

Atravessados pelos últimos acontecimentos, as ideias e pensamentos dos

sobreviventes da bomba atômica, assim como micro ações realizadas no cotidiano de escolas, entre outros meios, estimulados pelo desejo de justiça e de paz, se tornam extremamente poderosos para o enfrentamento de todas essas questões. Acima de tudo, nos permitem refletir e proporcionar oportunidades de não alienação e menosprezo pela nossa história.



## 5 Estamos por um fio ou por um triz?

Atravessado pelas reflexões acerca do momento histórico, econômico, social, epidemiológico e cultural, um fato me chamou a atenção na noite de quarta-feira do dia 20 de maio de 2020, que não me permitiu dormir.

Eu estava saindo do trabalho, por volta das 22h, quando fechamos a padaria no bairro nobre da cidade de Sorocaba. Era uma noite extremamente fria que exigia estar com muito agasalho para suportar. Minhas mãos estavam congeladas, e quando subi na moto para ir para casa, percebi alguém me dando “boa noite” e me chamando pelo nome.

Em um primeiro momento não reconheci quem era, desci da moto e me aproximei. Era a Duda, uma travesti com quem havia conversado há uns quatro meses atrás, quando me solicitara um café com leite em uma manhã. Eu não me esqueci. Havíamos combinado, enquanto ela agradecia a minha cortesia, que voltaria para trabalhar conosco mediante convite feito por mim. Porém, nunca mais a encontrei.

Naquela noite fria, Duda me contou que estava há pouco tempo em situação de rua, que havia sido expulsa de casa pela mãe e padrasto. Enquanto conversávamos sentados na calçada, notava os olhares curiosos ou seriam olhares preconceituosos?

Duda não apareceu para iniciar o trabalho, mas não havia esquecido o meu nome. E a notícia inesperada de que estava em situação de rua foi como um soco no meu estômago. Visivelmente isso estava acabando com ela. Sua vida estava por um triz e buscava um lugar seguro para dormir naquela noite fria. Na noite anterior, ela me relatou que havia sido violentada e no desespero por se livrar do agressor, perdera todos os seus pertences.

Senti-me como se estivesse sendo golpeado inúmeras vezes por todo o meu corpo. Duda me contou que no dia seguinte iria receber o benefício do governo federal, seiscentos reais e que poderia, enfim, procurar um lugar para morar.

Perguntei se ela estava com fome e a mesma recusou dizendo que já tinha comprado comida com algumas moedas ganhas ao longo do dia e até me ofereceu um pedaço do lanche que trazia consigo.

Duda recusou minha ajuda para arrumar um lugar quente e seguro para dormir com um pouco de dignidade e seguiu seu caminho pelas ruas da cidade, me deixando

com profundas reflexões sobre o valor da vida, sobre a importância de lutarmos para que nenhuma vida esteja por um triz ou por um fio.

Agendei com a Duda, para no outro dia, tomarmos café juntos, às dez horas. Dessa vez ela foi pontual. Sentamos no mesmo lugar onde havíamos nos conhecidos, uma vez que devido à pandemia, a loja estava impossibilitada de atender o público no seu interior.

Meu encontro com Duda me reportou de forma nítida e real o texto de Peter Spink (2008, p. 70), em que discorre sobre “a importância do acaso diário, dos encontros e desencontros, do falado e do ouvido em filas, bares, salas de espera, corredores, escadas, elevadores, estacionamentos, bancos de jardins, feiras, praias, banheiros e outros lugares de breves encontros e de passagem”. Penso nas aprendizagens que podemos construir e nas desconstruções de preconceitos e desenvolvimento da empatia, quando nós abrimos a tais encontros.

Duda desceu a rua de cabeça erguida, rumo à Caixa Econômica, com orgulho para a realizar a retirada do tão esperado benefício e que na sequência iria para o Paraná, onde encontraria outros familiares que entendiam sua condição e que estavam dispostos a ajudá-la a recomeçar sua vida.

Antes, porém, quis saber como ela, depois de tanto tempo, ainda lembrava meu nome. Ela foi tão rápida que me surpreendi. Me disse que eu tinha sido uma das poucas pessoas que a tratara como gente e que não lhe oferecia perigo.

A resposta de Duda me fez pensar como tudo está ao contrário no mundo. Uma atitude como a minha, que mostra empatia e respeito pelo outro, seja quem for, deveria ser a regra e não exceção. A vida de Duda e de tantos outros corpos estão por um triz, o mundo está por um fio.

Krenak (2019, p. 26) afirma em “Ideias para adiar o fim do mundo”, que “nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido de experiência da vida. Isso gera intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar”.

Reigota (2021), em seus últimos estudos, mergulha na reflexão de como a sociedade está produzindo ausência de sentidos, entranhada no mais íntimo do poder bélico, nos interesses econômicos de grupos e grandes empresas ao difundir o elogio da ignorância que anula, despreza, desqualifica e ironiza aqueles que prezam a boniteza, valorizam a vida em sua diversidade, buscam ser solidários e se empenham

na construção de uma sociedade justa.

O autor avança no tema sobre produção de ausência de sentidos no livro organizado por Nita Freire (2021), cujo título é “Boniteza”, palavra também utilizada para uma das narrativas no decorrer da escrita.

Para o que aconteceu na escola Estadual Professor Raul Brasil, na cidade de Suzano, em São Paulo, não faltaram vozes oficiais e oficiosas para alegar que se os professores e os funcionários estivessem armados, os assassinos não teriam êxito.

Nessa mesma direção, seguiram durante alguns dias os debates até que esse acontecimento fosse substituído rapidamente por outro tanto quanto sanguinário, esquizofrênico e relacionado com a política de morte e de extermínio apoiado pelo Estado que se encontra nos conceitos de “banalidade do mal” e de “Necropolítica” exemplos concretos. A tristeza, a desolação e o envergonhado sentimento de impotência ficaram então para aqueles e aquelas que são cotidianamente atingidos no corpo e nos valores mais profundos, pelo movimento constante de produção de ausência de sentido, que anula, despreza, desqualifica e ironiza qualquer importância dada aos sentimentos básicos de convivência e de respeito...

O que aconteceu na sociedade brasileira contemporânea para que pessoas que antes faziam parte do nosso círculo social e afetivo mais próximo tenham se tornado nossos detratores, juízes e algozes que proferem sentenças cruéis e injustas? O movimento político e cotidiano de produção de ausência de sentido enfatiza a mais completa indiferença sobre a boniteza da vida de forma geral e sobre a boniteza das relações de solidariedade, de responsabilidade e de empenho na construção de uma “sociedade mais justa”. (REIGOTA, 2021, p. 325-326)

Fazer essa reflexão já é o início para criarmos sentido.

Falar do encontro com a Duda é fundamental para essa dissertação, pois assim como os Hibakushas, ela é uma sobrevivente desse mundo aniquilador e produtor de ausências e de sentidos. Acolher a sua história e oferecer o mínimo que está ao nosso alcance, também fortalece a mensagem pacificadora que desejamos para o mundo.

As histórias contadas, refletidas e discutidas, podem contribuir para adiar o fim do mundo, podem engrossar os fios que estão nos segurando.

Em Hiroshima e Nagasaki, Reigota (2015, p. 58), apresenta uma narrativa que se entrelaça nesses fios. É o compromisso pela paz lida por crianças de uma escola de ensino fundamental na cerimônia pela Paz, em Hiroshima.

Apesar de nosso forte desejo pela paz, o mundo continua em luta com guerras, fome, pobreza e armas nucleares. As armas nucleares foram construídas por seres humanos e se quisermos construir o novo século genuinamente pacífico, todos nós seres humanos devemos com nossas próprias mãos eliminá-las da Terra. Para realizarmos isso, precisamos primeiro procurar resolver os problemas de intimidação e violência que experimentamos em nossas vidas. Foram os nossos avós que trouxeram a vida novamente a Hiroshima e com eles temos aprendido que verdadeiramente podemos, se trabalharmos juntos, criar um mundo feliz e

pacífico. Concluída a leitura, foram soltas centenas de pombas.

Situações como essa, vivenciadas por crianças, podem contribuir com a teia de fios que seguram o céu acima de nossas cabeças. Adiam o fim do mundo e criam novos sentidos.

O momento em que estamos vivendo nos aprisiona e ao mesmo tempo escancara as nossas fragilidades. Mostra o quão urgente é a nossa busca por entrelaçar fios de humanidade, que possam nos tornar militantes e resistentes em defesa da valorização da vida e do nosso planeta que há muito tempo suplica por novas formas de viver.

Quinta feira, 22 de maio de 2020. Vinte e um mil e cento e dezesseis vidas se foram por Covid 19 no Brasil.



## 6 Viver custa caro

Sempre sei, realmente. Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pejei para achar, era uma só coisa – inteira – cujo significado vislumbrado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver –e essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto; mas fora dessa consequência, tudo o que eu fizer, o que o senhor fizer, o que o beltrano fizer, o que todo o mundo fizer, ou deixar de fazer fica sendo falso e é errado. Ah porque aquela outra é a lei, escondida e vivível, mas não achável, do verdadeiro viver: que para cada pessoa, sua continuação já foi projetada, como o que se põe, em teatro, para cada representador – sua parte que antes já foi inventada num papel. (ROSA, 2019, p. 347)

Sempre fui bom ouvinte aos conselhos da minha mãe. Ouvia atento aquilo que em sua concepção eram os valores mais importantes para a vida: o que era certo e o que era errado. Seus ensinamentos estavam arraigados com os valores de seus antecessores. E ela teimava em dizer de nosso destino, coisa que sempre me incomodou e de alguma forma, não concordava, mas sempre em silêncio e sem enfrentá-la. Ficava pensando, como é que pode alguém nascer com uma trajetória traçada, anteriormente, e não ter oportunidades de viver uma vida outra, de experimentar outras possibilidades, realizar seus sonhos e desejos?

Se o tal destino existisse seria mais fácil e tranquila nossa caminhada neste mundo. Isso nos isentaria da responsabilidade sobre o amanhã e sobre a nossa vida, tudo estaria determinado.

Mas viver requer muita ousadia e vontade de transformação, requer sabedoria e, acima de tudo, vontade de desbravar, como se estivéssemos perdidos em uma mata fechada e com um facão, ir abrindo a nossa própria trilha, a partir de nossas escolhas.

Viver custa muito caro, requer posicionamento, requer convicção do caminho que queremos trilhar e acima de tudo entender que muitas vezes podemos estar sozinhos.

Recuso-me a acreditar que tudo que estamos vivendo já estava traçado. Acredito que como humanidade, chegamos aonde chegamos, porque nos perdemos em algum momento, os caminhos foram escolhidos a partir de ideias que não estavam voltadas para aquilo que realmente era importante. O poder, o acúmulo de bens e a

ganância humana acabaram por distanciar a maior parte das pessoas do sentido de nossa humanidade.

Krenak (2019) aborda esse tema caro ao planeta que são os impactos causados, sem respeito, sem noção de que esses males estão a nos afetar diretamente, vide as últimas incidências de chuvas no sul da Bahia, para citar um evento mais recente, ao qual o presidente do Brasil, que gozava férias em Santa Catarina, não foi, como esperado, fazer uma visita ao local, prestando solidariedade às vítimas e destinando a ajuda necessária para reduzir os danos. Inclusive, as cenas de Bolsonaro ou pescando ou realizando passeio de Jet Ski, foram veiculados em todas as mídias ao lado de imagens do desastre provocado pelas enchentes. O presidente chegou a recusar ajuda oferecida pelo governo argentino às áreas afetadas.

Se ouvíssemos o que os nativos têm a nos ensinar sobre o respeito ao meio ambiente, talvez a situação estivesse diferente. Krenak (2019, p. 42-43) escreve:

[...] estamos tentando abordar o impacto que nós, humanos, causamos neste organismo vivo que é a Terra, que em algumas culturas continua sendo reconhecida como nossa mãe e provedora em amplos sentidos, não só na dimensão da subsistência e na manutenção das nossas vidas, mas também na dimensão transcendente que dá sentido à nossa existência.

Continuar a manter nossa vida, nesse ritmo, vai nos custar caro.

Já passou da hora de pensarmos em novos caminhos, novas trilhas, novos rumos que respeitem o tempo da Terra e possibilite que cada pessoa possa escrever sua história como sujeito, como tanto defendeu Paulo Freire.

Não dá para ficar de braços cruzados vendo o presidente vociferar contra as decisões da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), acusando que há interesses dos técnicos do órgão na liberação da vacinação de crianças de cinco a onze anos, contra a COVID. Jamais imaginava que o desprezo pela vida, a falta de cuidado e empatia com o outro pudesse vir de onde menos deveria, o chefe maior do país.

Não dá para continuar a naturalizar o número de mortos na pandemia, as violências contra minorias por policiais, massacres em escolas, como em Suzano, ou outras bombas atômicas. Que os novos tempos sejam fruto de nossas escolhas e que a paz seja a bússola.

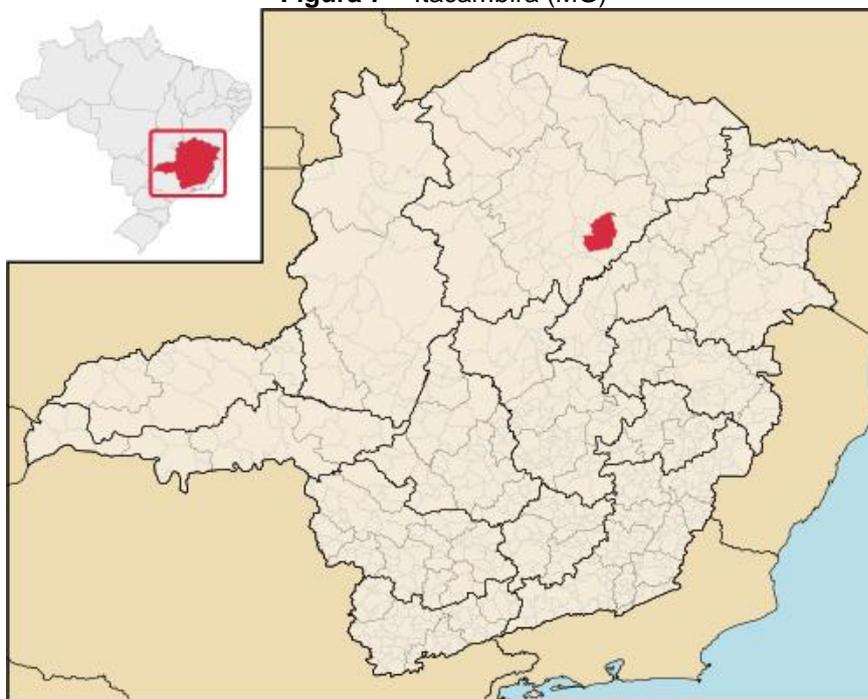
## 7 Itacambira-MG

Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e ruim, ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero todos os pastos demarcados... como é que posso com este mundo? Este mundo é muito misturado. (ROSA, 2019, p.162)

Uma cidadezinha de aproximadamente cinco mil e quinhentos habitantes, segundo estimativa do IBGE (2021), sendo a sua grande maioria moradores da zona rural, assim como meus pais. Itacambira, situada no norte de Minas Gerais, a cerca de quatrocentos e sessenta quilômetros de Belo Horizonte, tem seu nome em homenagem a grande quantidade de pedras preciosas encontradas na região pelos desbravadores, numa época em que ali vivam indígenas que falavam a língua Tupi Guarani, que segundo a história, foram utilizados como mão de obra para fundar a cidade e retirar as riquezas do solo. Itacambira significa pedra de cabeça pontuda.

É um lugar de povo simples, em que muitos adultos são analfabetos e vivem basicamente de uma agricultura de subsistência.

**Figura 7 – Itacambira (MG)**



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Itacambira#/media/Ficheiro:MinasGerais\\_Municip\\_Itacambira.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Itacambira#/media/Ficheiro:MinasGerais_Municip_Itacambira.svg)

Foi nesse vale que fui criado e sonhava com dias melhores para minha família e para todos daquele lugar.

Aprendi muitas coisas com os professores, com os vizinhos, com os meus pais e todos que me cercavam, naquele lugar praticamente isolado. As notícias do mundo chegavam pelo rádio à pilha do meu pai que era ligado em horários estratégicos. Basicamente todos os dias, às dezenove horas, momento em que era transmitida “A voz do Brasil” e, esporadicamente, em dias de jogos de futebol do Cruzeiro. Economizar as pilhas era essencial, pois não havia dinheiro para repô-las com frequência.

A história oral do local conta que o povo simples dessa cidade guarda em si a força e resistência desde o seu surgimento e que é capaz de manter viva a esperança das novas gerações em um lugar que muitos denominam de “Vale dos Esquecidos”. O município, assim como grande parte das pequenas cidades localizadas no “Brasil profundo<sup>3</sup>”, é predominantemente habitado por idosos, enquanto, geralmente os mais jovens buscam alternativas de estudos e melhoria da qualidade de vida que é sufocada pela falta de investimento em políticas públicas.

Atualmente Itacambira encontra-se dominada por grandes empresas que vieram de outros estados em busca de pedras preciosas, explorando a mão de obra barata que se sujeita a tais condições, muitas vezes, desumanas e provocando a destruição do solo, vegetação e rios que são de extrema importância para os povos rurais do local.

Tal situação acaba provocando disputas pelos espaços de exploração. Muitas pessoas acabam se envolvendo na busca de pedras preciosas, no sonho de quem sabe mudar as condições de vida sua e da família, mas acabam mortos.

Em Guimarães Rosa (2019) e Paulo Freire (1996), encontro a esperança de que uma vida mais humana, menos gananciosa, vida que se tenha por objetivo a pacífica e a alegria de viver junto e não combater, agredir e apagar o outro, como temos visto na história mundial e de forma mais gratuita e motivada pelo ódio ao diferente, como temos vivenciado na atualidade.

Escrever sobre Itacambira me enche de saudade e das boas e afetivas memórias vividas na zona rural, entre os morros e vales, que esse período de pandemia acabou não me permitindo passar as férias por lá.

---

<sup>3</sup>Termo bastante utilizado pelo professor Marcos Reigota ao denominar as regiões distantes dos grandes centros urbanos, de poder, cultura e produção do conhecimento.

## 8 O que o sertão me ensinou?

Da minha meninice, tenho saudades de uma enormidade de coisas. Mas o que mais tenho boas lembranças é do tempo de escola.

Desde muito criança, por volta dos 4 anos de idade, já acompanhava a minha mãe, dona Creuza, pelas trilhas, durante cerca de 1 hora, para chegarmos à escola. Ali ela era faxineira e cuidava da merenda. Era uma pequena escola rural, chamada Escola Municipal “Casimiro Gago”, perdida no meio do mato, com apenas duas salas e cercada por arames farpados que me garantiram uma cicatriz na perna. Hoje já não existe mais. Em minha última visita à Itacambira, pude constatar que o prédio estava em ruínas.

Ali, enquanto a minha mãe limpava, eu a ajudava no que conseguia. Quando começava a aula, a professora, dona Netinha, como a chamávamos, me deixava ficar na sala e ir aprendendo as lições. Na hora do recreio, a única brincadeira que me interessava era pega-pega. E lembro-me que ficava bastante incomodado com as críticas das outras crianças a respeito da merenda da minha mãe.

**Figura 8** – Escola Municipal “Casemiro Gago”



Fonte: Arquivo pessoal

No finalzinho da tarde, voltávamos para casa juntos, era muito bom e quase sempre essa volta era com trilha sonora. Fecho os olhos e parece que ainda vejo a minha mãe cantarolando.



**Beijinho Doce**  
João Alves dos Santos  
*Música link: <https://youtu.be/q9zOF4j1zk>*

Que beijinho doce  
Que ele tem  
Depois que beijei ele  
Nunca mais amei ninguém

Que beijinho doce  
Foi ele quem trouxe  
De longe pra mim  
Se me abraça apertado  
Suspira dobrado  
Que amor sem fim

Coração quem manda  
Quando a gente ama  
Se estou junto dele  
Sem dar um beijinho  
Coração reclama

Que beijinho doce  
Foi ele quem trouxe  
De longe pra mim  
Se me abraça apertado  
Suspira dobrado  
Que amor sem fim

Apesar do cansaço, era visível o sorriso no rosto da minha mãe. Havia felicidade em seu olhar.

O que mais me marcou nesse ciclo de ensino fundamental, além de aprender a escrever e ler, foram lições de humanidade e de amor da minha mãe.

Uma das lembranças tristes que até hoje visita meus pensamentos foi o dia em que ela rasgou seu único vestido, pois não consegui segurar com força, o arame farpado de uma cerca, para ela passar. Fiquei tão apavorado e já sabia que iria levar uma grande bronca, porém, ela simplesmente me olhou, com a mesma doçura e leveza que sempre demonstrava e me disse que não tinha problema, que chegando

em casa, ela faria um remendo e estava tudo certo, para completar ela me deu uma incumbência: que eu teria que estudar muito para que, quando ficasse adulto, e estivesse trabalhando, comprasse-lhe um vestido bem bonito.

Essa cena ficou marcada na minha memória como fonte de inspiração, cuidado e zelo com o outro.

Nessa época, além das atividades escolares, sabia da importância de ajudar o meu pai na roça, pois era dali que vinha a nossa subsistência. Todos os dias, eu e meus irmãos, às 6h da manhã já estávamos com as enxadas amoladas para o trabalho.

Terminando os anos iniciais do ensino fundamental, fui obrigado a cortar o cordão umbilical com minha mãe e com a professora Netinha, ali já não havia como continuar estudando. Passaria a sentir falta de muitas coisas, principalmente das longas caminhadas com a minha mãe todos os dias pelas trilhas que nos levavam para a escola e que sempre aprendia alguma nova lição de vida que carrego até hoje.

Minha caminhada agora seria um pouco maior. Para concluir o ensino fundamental, alguns quilômetros me separavam da escola, três horas e meia, todos os dias, até a Escola Estadual "Edmilson Bicalho Noronha", que apesar das dificuldades, resistiu ao tempo e continua firme, perdida no meio do mato.

Esse caminho todos os dias, de três horas, era regado com mangas, laranjas, goiabas, panãs e jatobás, cada uma a sua época e que ajudava a espantar a fome que sentíamos no caminho.

Quando concluí o ensino fundamental, com catorze anos, se quisesse continuar estudando, seria preciso mudar-me para uma cidade que tivesse o ensino médio, pois ali não havia. Minha mãe era minha principal incentivadora, e se propôs a vender quase todas as vacas que tínhamos – e que garantiam algum dinheiro para a casa com a produção de leite, queijos e requeijão – para comprar um pequeno barraco em um bairro pobre, na cidade de Bocaiúva (MG), cerca de oitenta quilômetros de Itacambira.

Em Bocaiúva concluí o ensino médio e comecei a trabalhar em uma pequena distribuidora de gás, enquanto tentava diversas vezes, frustrando-me, passar no vestibular da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde sonhava cursar a graduação em História.

O sertão me ensinou muitas coisas, principalmente a valorizar nossa essência, a vida simples, sem grandes complexidades e que hoje me faz tanta falta.

Mais uma vez convido Guimarães Rosa (2019), que na época tivemos que ler nas aulas de literatura brasileira e que me pareciam tão densos, e que hoje, por indicação do professor Reigota, me debrucei em seus escritos sobre o sertão e suas palavras ressoam nos meus ouvidos como música.

Imagino cada caminho, cada cidade, as palavras comumente utilizadas pelos meus pais e que hoje não fazem parte do meu vocabulário.

A história de Riobaldo e Diadorim se fundem na história da minha família e por isso, tem sentido especial. O aprendizado de cada um dos personagens do sertão, embora vivessem em guerra, era sempre um convite à paz, afinal, sem a paz não existe bonança.

Joca Ramiro, um personagem do livro, me impressiona com a sabedoria e suas virtudes de coragem e justiça.

“Grande Sertão: veredas” nos mostra que o bem e o mal estão dentro de cada um de nós. Precisamos lutar pela paz e pelo amor com coragem e a esperança do verbo esperar que Paulo Freire defendia, no sentido de que não devemos temer as dificuldades, mas enfrentá-las, nos mobilizamos para transformar a realidade.

Viver no sertão ou enfrentar o sertão que mora dentro da gente, continua sendo um desafio. Para os primeiros, enfrentando as dificuldades típicas e que já narrei anteriormente. Para os sertões do nosso interior, coragem.

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e ainda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito – por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia. (ROSA, 2019, p. 230)

Apesar das dificuldades, é preciso compreender as nuances da vida e da política; é preciso trabalhar e sobreviver. Sem coragem e sem a esperança de que podemos vencer as dificuldades e mudar nossa história pessoal e coletiva, é se entregar-se ao bem prazer das leis do mercado, da moda, das políticas desenvolvidas a partir de interesses das grandes empresas e empresários do país e do exterior. E assim, vamos distanciando-nos cada vez mais da nossa humanidade e, conseqüentemente, contribuindo para a queda do céu.

Acreditar na força do diálogo, do poder ouvir e do poder dizer vem comigo desde minha meninice, quando, nas noites do sertão, acendíamos fogueira e nos sentávamos ao redor. Ali era o espaço para nossas prosas. Cada um que quisesse poderia falar. Meus pais sempre tinham histórias para nos contar. Era um ritual, naquele momento nós crianças aprendíamos com as narrativas dos mais velhos.

Meu pai sempre falava que poderíamos aprender com qualquer um que ali estava falando, por mais que pensássemos que não iria acrescentar em nada. Esses momentos ganhavam novo sabor quando recebíamos visitas, pois era certeza que ouviríamos novas e instigantes histórias, enquanto a lenha queimava e batatas ou mandioca eram assadas na brasa.

A leitura de “Grande Sertão: veredas” nesse momento da minha trajetória desencadeou uma série de boas lembranças, mas também, me fez compreender que a luta do povo sertanejo é a luta de cada trabalhador, de cada desempregado, é a luta de cada cidadão e cidadã, no desejo de uma vida digna, mas democrática e mais feliz.

Se a viagem de Guimarães Rosa, em 1952, pelo sertão mineiro por dez dias, conduzindo uma boiada, teve por principal objetivo ver as expressões, histórias narradas, casos para aprofundar em algo que vivia desde a infância – impressiona o quanto isso possibilitou que sua escrita tivesse tamanha singularidade e importância para a literatura brasileira, e quanto essa obra contribuiu e contribui para a compreensão do humano e suas relações com o mundo. Reflexões sobre a vida, violência, amor e respeito com o outro diferente e o quão vasto é o conhecimento.

## 9 aprendendo gestos de paz

### A Paz (Heal the World)

Composição: Michael Jackson, Ricardo Georges Feghali, Cleberson Horsth Vieira de Gouvea, Eurico Pereira da Silva Filho, Paulo Cesar dos Santos, Sergio Herval de Lima e Luis Fernando Oliveira da Silva  
Música link: [https://youtu.be/OP4KB5FR\\_Mw](https://youtu.be/OP4KB5FR_Mw)



Deve haver um lugar dentro do seu coração  
Onde a paz brilhe mais que uma lembrança  
Sem a luz que ela traz ninguém se consegue mais  
Encontrar o caminho da esperança

Sinta, chega o tempo de enxugar o pranto dos homens  
Se fazendo irmão, estendendo a mão

Só o amor, muda o que já se fez  
E a força da paz junta todos outra vez  
Venha, já é hora de acender a chama da vida  
E fazer a Terra inteira feliz

Se você for capaz de soltar a sua voz  
Pelo ar, como prece de criança  
Deve então começar, outros vão te acompanhar  
E cantar com harmonia e esperança

Deixe que esse canto lave o pranto do mundo  
Pra trazer perdão e dividir o pão

Só o amor, muda o que já se fez  
E a força da paz junta todos outra vez  
Venha, já é hora de acender a chama da vida  
E fazer a Terra inteira feliz

Quanta dor e sofrimento em volta a gente ainda tem  
Pra manter a fé e o sonho dos que ainda vem  
A lição pro futuro vem da alma e do coração  
É buscar a paz, não olhar pra trás

Se você começar  
Outros vão te acompanhar  
E cantar com harmonia e esperança  
Deixe que esse canto lave o pranto do mundo  
Pra trazer perdão e dividir o pão

Só o amor, muda o que já se fez  
E a força da paz junta todos outra vez  
Venha, já é hora de acender a chama da vida  
E fazer a Terra inteira feliz

Venha, já é hora de acender a chama da vida  
E fazer a Terra inteira feliz  
Inteira feliz

Quando criança no interior de Minas, nossa pequena e simples propriedade fazia divisa com muitas outras, cujos moradores, assim como nossa família, viviam de

uma agricultura de subsistência. A ajuda entre todos era algo real, havia um sentido de comunidade que nos unia e isso foi um grande aprendizado para a vida.

É possível compartilhar o que temos com os que precisam. No sítio, compartilhávamos o arroz, as verduras que vinham das pequenas hortas, um pedaço de carne quando um porco era abatido. Sempre quando tinha um pouco mais em casa, minha mãe me incumbia para levar um pouco para os vizinhos, e quando nossos vizinhos também tinham mais que o suficiente, sempre nos era dado um pouco.

Até a dona Maria, considerada a fofoqueira da vizinhança, acabava recebendo e doando aquilo que tinha a mais.

Esses momentos eram vividos com alegria, apesar de pequeno na época, notava as expressões de contentamento e gratidão quando levava um pedaço de carne de porco para uma ou outra família da redondeza.

Embora soubesse que minha mãe não frequentava algumas daquelas vizinhanças, ela sempre me dizia que era uma forma de entregar aquilo que era dela e de levar um pouco do que ela tinha para o outro e que assim eu deveria encarar a vida. Um filho parecia ser filho de todos!

Pensando nessas histórias, me lembro que na apresentação que Nita Freire faz em *Pedagogia da Indignação* (FREIRE, 2019), escreve que “Paulo sempre dizia que as verdadeiras ações éticas e genuinamente humanas nascem de dois sentimentos contraditórios e só deles: do amor e da raiva” (FREIRE, 2010). Assim, compreendo as atitudes de minha mãe, dona Creuza, uma ação freireana para com a vizinhança.

Por diversas vezes, ela mencionava que todos precisavam se ajudar e que, se cada um fizesse um pouquinho desses gestos, nunca haveria de faltar nada para ninguém. E que, apesar do outro fazer ou não, ela jamais deixaria de insistir e praticar.

Hoje, passados mais de duas décadas, ela continua vivendo na mesma terra e empenhada na missão de compartilhar com os demais. Embora me pareça que as coisas estão mais difíceis, que esteja muito caro alimentar os animais e o solo já não produz tanto quanto antes, devido ao desgaste e a seca, nem isso impede que o pouco produzido também possa ser compartilhado com os vizinhos.

Embora distante, nunca deixei de estar próximo: uma vez por ano, nas férias, é para lá que vou para recarregar minhas baterias e a força para continuar seguindo em frente e – mais do que nunca – onde busco minha inspiração.

Com o advento da Pandemia, que nos trancou em casa desde março de 2020, me sinto devorado psicologicamente.

A saudade misturada com o medo e a incerteza do que virá me deixa um tanto desesperançoso, mas me encho de alegria quando – com muita dificuldade – consigo realizar uma ligação por telefone. É a única forma de ouvir a voz dos meus pais e sentir um pouquinho a energia daquele lugar – isso sempre acontece aos finais das tardes, quando minha mãe pega o telefone e sobe o morro para, lá do alto conseguir o sinal e então falarmos até o anoitecer ou a bateria do celular acabar. Ela sempre finaliza nossa conversa dizendo: “Deus te abençoe, meu filho, e cuide dos seus passos”.

Isso me conforta, traz alívio e segurança em um momento tão turbulento. Penso que todas as atitudes da minha mãe são práticas, educativas e que me ensinam e também aos outros e faz com que aquele lugar seja uma explosão de energia boa, que cura, que traz alívio e que transborda amor e paz. Finalizo esse texto cantarolando a música do grupo Roupas Nova. Enquanto ela toca na minha caixinha de som que sempre me acompanha nas escritas, em tom muito alto, acredito até que posso estar incomodando os vizinhos, mas tira um pouco do aperto no peito que estou sentindo nesse momento.

**Figura 9** – Sítio da família, Itacambira (MG)



**Fonte:** Arquivo pessoal

## 10 Elvira: um símbolo da paz

Em 2006, chego a Sorocaba-SP carregando nas malas muitos sonhos, mas a falta da família me trazia um sentimento de vazio, solidão e tristeza. Por muitas vezes pensei em voltar para o aconchego do meu lar no vale do Jequitinhonha.

Foram três longos meses até que comecei a trabalhar e conhecer um dos meus melhores amigos, e com ele a amada Dona Elvira, senhora simples, de mais ou menos setenta e cinco anos, com uma sabedoria e amor inestimáveis.

Mãe de dez filhos procurou educá-los da melhor forma possível. Mesmo com todos crescidos, tratava-os como se fossem crianças, com muito carinho e dedicação, seguindo aquela sabedoria popular de que para a mãe os filhos nunca crescem.

Sempre fui frequentador de sua casa, pois ali sentia algo que não sentia desde a saída da casa dos meus pais: aconchego, paz e carinho.

Dona Elvira falava pouco, mas escutava muito e com gestos demonstrava tudo de melhor que um ser humano poderia. Ela sempre estava interessada em saber como estavam os meus pais e a minha filha.

Nas noites que por lá dormia, a cama tinha um cheiro de memórias afetivas. Assim que deitava, acabava adormecendo e era raro ela não acordar no meio da noite para arrumar o cobertor no meu corpo. Sentir esse cuidado e preocupação maternal, mesmo que no meio do sono, não tinha preço.

Ela se importava com as pessoas que estavam por perto.

Até que uma enfermidade no pé, até então sem explicação, a deixou por um mês internada em um hospital. Foi triste ver o seu sofrimento e quando estava na sua casa parecia que faltava algo que não saberia explicar; faltava ela com sua doçura, seu olhar sereno que transmitia muita paz e amor.

Recuperada da enfermidade e logo que voltou para casa, foi uma felicidade só. Porém, chegou à pandemia e tive que afastar, o momento exigia e por ela e seu esposo serem do grupo de risco não era possível o contato.

Em meados do mês de junho, ela começou a ter algumas complicações respiratórias. Foi um mês terrível, hospitais lotados. Ela acabou não tendo o atendimento que merecia e voltou para casa.

Com muito cuidado fui lá vê-la, mas confesso que fiquei assustado pela dificuldade de respiração que ela apresentava. Foi um momento, que apesar do

sofrimento, consolador ter, por algum instante, o olhar dela repousando em mim.

O tempo foi passando até que certo dia, no meio da tarde, ela chamou alguns filhos pois queria pedir perdão por alguma coisa que talvez tivesse feito a eles e queria muito que a união e amor prevalecesse sempre entre todos os irmãos. Naquela mesma noite foi internada, entubada e veio a falecer no finalzinho da tarde do dia 15 de agosto de 2020.

Deixou um legado de amor, paz e perdão que era perceptível para todos aqueles que com ela tiveram a oportunidade de se relacionar. Dona Elvira, mensageira da paz, princesa do amor e do perdão está para sempre em nossos corações. Perdi a minha segunda mãe e continuo ainda sem ver a minha mãe do sertão mineiro, mas tudo isso me fortalece cada vez mais a seguir lutando.

**Figura 10** – Dona Elvira e seu esposo, seu João, uma semana antes de sua partida.



Fonte: Arquivo pessoal.

## 11 Educação para a paz no cotidiano do trabalho

Há catorze anos, quando cheguei a Sorocaba e comecei a trabalhar no atendimento de uma padaria da cidade, no terceiro turno, tive o prazer de conhecer uma pessoa especial, o seu José, um cliente que se tornou grande amigo, confidente, parceiro que representa a figura de um segundo pai. Todo dia, por volta das 5 da manhã, lá estava ele, entrando na padaria para tomando o seu cafezinho de sempre com um adoçante.

A grande diferença que o seu José me ensinou, foi com sua serenidade e ponderação, foi em uma ocasião em que um cliente bastante alterado passou a maltratar verbalmente uma atendente, reclamando que o café que pedira não estava ao seu gosto.

Naquele momento, o seu José, muito educadamente, dirigiu-se ao homem alterado e sugeriu que tivesse calma, respeito e educação com aquelas pessoas que estavam lá. E explicou que frequentava a padaria há vinte e oito anos e que ali era um ambiente de paz, e que aquelas pessoas que estavam ali, trabalhando, transmitiam isso para ele todos os dias. No final, desafiou o cliente nervoso a tentar perceber isso nas próximas vezes que viesse até ali.

Fiquei um pouco atordoado com a situação.

Antes de sair da padaria, o seu José chamou a atendente que havia sido maltratada e lhe disse que na próxima vez que aquele cliente viesse até a padaria, ela deveria atender-lhe muito melhor do que todas as outras. Que aquele sujeito estava precisando disso para poder acalmar o seu coração das tribulações que lhe passavam.

No silêncio, apenas observei tudo o que se passava. Seu José acaba de tomar o seu cafezinho, depois se retira sereno e repleto de sabedoria.

Passados alguns dias, seu José me presenteava com a miniatura de um armazém, que me fez voltar ao passado, à venda do seu Dedé, onde sempre ganhava um doce de leite nos intervalos da escola primária, ou quando passava com minha mãe que ia comprar algo que faltava em casa.

Aquele presente me levou de volta a minha infância. Seu José a havia construído após me ouvir contar várias vezes da vendinha rural, no meio do nada, mas que ao adentrá-la, podia-se viajar por vários lugares do Brasil e até do mundo. Uma gaiola de passarinho, uma espingarda pendurada na parede e que me provocava

pavor, cestos com os cereais, as cobiçadas bolachas, o café, produtos de limpeza nas prateleiras, a sanfona que era usada nos fins de semana para o forró na varanda e a mesa onde ficava os mais velhos bebendo cachaça e falando sobre coisas aleatórias.

**Figura 11** – O armazém: memórias de infância em uma réplica



**Fonte:** Arquivo pessoal.

O presente me alegrou tanto que o coloquei num lugar de destaque na parede da sala, pois tem uma simbologia importante na minha história. E o gesto do seu José acabou me aproximando mais dele, o considero um professor com quem aprendo sempre e busco todos os dias ouvir suas histórias.

Freire (1996, p. 119-120) trabalha a ideia de que ensinar exige saber escutar,

Escutar é, obviamente, algo que vai muito além da possibilidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isso não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar ou melhor me situar do ponto de vista das ideias

Foi escutando o seu José, tanto no episódio que narrei acima, quanto em cada dia no cotidiano do trabalho, enquanto tomava seu cafezinho, fui entendendo o valor da escuta que Paulo Freire defende, não apenas quando a outra fala, mas também,

pelos gestos e mesmo a agressividade, para a partir daí poder agir e trazer, de forma lúcida e com propriedade, um posicionamento ao outro.

Percebo que cada vez mais, o exercício do escutar deveria estar mais presente em nossa vida. Escutar pode evitar que a agressividade do outro seja transformada em conflito e que isso afete meu bem-estar, meu trabalho, o relacionamento em grupo.

Em mais de 15 anos de relação com seu José, não poderia deixá-lo de fora da minha trajetória, pois tenho seu trabalho, suas ideias, seu jeito, suas ações como inspiração. Embora ele nunca tenha sido um educador em sala de aula, acredito que, assim como faz comigo, todos os dias, deixa suas pegadas por onde passa.

**Figura 12** – Seu José e o presente



**Fonte:** Arquivo pessoal.

## 12 Sonhos se criam

Inspirei-me na obra “Nós dois”, de Nita e Paulo Freire (2013), que estou relendo, para escrever esse texto.

Na obra, Nita dedica duas crônicas para relatar o espírito menino de Freire e ao lê-las, fui transportado, mais uma vez, para o meu tempo de criança, no povoado de Crispim, no município de Itacambira, em Minas Gerais, incrustado no famoso e carente vale do Jequitinhonha.

Naquela época, uma das minhas atividades preferidas era subir nos pés de manga, goiabeira e jabuticabeira e poder apreciar a fruta ali, in loco. Também gostava muito de jogar futebol com os meus irmãos no fim da tarde, em um gramado em frente à minha casa, a bola era feita com meia ou com uma bexiga que em volta passávamos leite de mangaba, fruta típica daquela região. Como somos três irmãos, os jogos eram sempre dois contra dois, e como em qualquer brincadeira de criança, acabava virando confusão.

Meu pai, um sujeito disciplinador, mantinha a cara sempre fechada e fazia com que o tumulto acabasse rapidinho e, não demorava muito, estávamos todos juntos conversando e dando risada como se nada tivesse acontecido. Coisa de crianças.

As brigas na escola também aconteciam e assim como ocorria com os meus irmãos, eram confusões passageiras. Num momento estávamos nos estapeando e alguns minutos depois, a raiva já havia passado e só pensávamos na próxima brincadeira.

Pena que com o tempo, essa qualidade crianceira também acaba ficando para trás e a gente passa a carregar sentimentos de rancor e raiva ao entrarmos em conflito com o outro e muitas vezes essa energia negativa nos imobiliza e cega, deixando o melhor da vida passar despercebido.

Max Horkheimer (2015) escreve que a hostilidade é uma característica que acaba sendo estimulada no ser humano desde sua infância e apesar de nós adultos não nos lembrarmos com clareza de todas as imposições postas pelos adultos, tais imposições nos forjaram a sermos o que nos tornamos. Uma criança apesar de não entender a força e dominação dos adultos sobre si utiliza da submissão como estratégia para não ser punida e, ou não perder o amor dos pais. Porém, desenvolve características que não favorecem a empatia, o viver e estar em grupo, respeitando as diferenças.

Segundo Nita Freire (2013), Paulo acreditava que o mais importante para atrair, instigar e estimular educadores para o mundo da imaginação e da criação é conversar sobre o seu lado menino. De acordo com Nita, Paulo Freire nunca o perdeu.

Acredito que um dos maiores prejuízos do ser humano é não preservar a sua essência de criança: que acredita no outro, sem meios termos; que não guarda raiva ou rancor do outro; que vibra ao estar num grupo, compartilhando suas ideias, brincadeiras, experimentando cada momento.

O modelo de sociedade em que cada um deve buscar, a todo custo, seu próprio sucesso, individualmente, sem valorizar o grupo que está ao redor, em que o sonho de ter é quase que o sinônimo de uma vida feliz, e por isso o consumismo desenfreado que enfrentamos, em detrimento do ser íntegro, sociável, companheiro e pacífico.

Para Horkheimer (2015), a única saída para o ser humano é tentar reconciliar natureza e razão, o que não é uma ação tão simples assim.

Por isso é fundamental o investimento no cotidiano escolar e naqueles em que estamos imbuídos. É no cotidiano, através de micro ações que podemos contribuir para despertar no outro esse olhar para si mesmo como parte integrada ao meio ambiente, desconstruindo noções do senso comum de que meio ambiente é apenas a natureza intocada, a floresta, a preservação das espécies, o cuidado com o lixo.

Segundo Nita (2013, p. 145-146), Paulo Freire se entregava a coisas que só crianças fazem e pensam,

Escondia-se atrás da porta para que eu o encontrasse. Alegrou-se com os comediantes mais ingênuos. Ficava exultante com os meus elogios ao seu belo assobiar. Entregava-se com grande ternura aos seus heróis de infância. O maior deles, Tom Mix; e na sua crença inabalável – seria cruel dizer numa crença de criança? – Na boa fé das pessoas, sem nunca ter levado em conta o temerário no comportamento de uns e outros. No fundo, Paulo nunca quis perder sua alegria-menina e sua enorme tolerância com relação às fragilidades humanas.

O quanto podemos tolerar as fragilidades humanas? Somos capazes de suportar e enfrentar nossas próprias fragilidades? Na vida adulta, parece que muito mais do que acolher o outro, somos estimulados a julgá-lo e pré-conceber conceitos que inferiorizam, menosprezam e marginalizam o outro e, conseqüentemente, a nós mesmos.

Max Horkheimer (2015) escreve que os ataques das nações imperialistas contra o resto do mundo devem ser explicados a partir de suas lutas internas e não em termos de seu assim chamado caráter nacional, o ataque totalitário da raça

humana contra tudo o que ela exclui de si deriva mais das relações inter-humanas do que de qualidades humanas inatas. Experimentamos isso desde muito cedo quando acontece o massacre da criança interna. O ser humano vivencia esse aspecto dominador desde o seu nascimento.

Segundo Horkheimer (Ibidem), no fascismo moderno, uma das armas poderosas de seus idealizadores é explorar as potencialidades rebeldes de cada um, os desejos reprimidos do seu povo.

Percebemos o fascismo acontecendo diariamente, ao assistirmos, anestesiados, todas as atrocidades que são cometidas contra as minorias pretas, pobres, femininas, LGBTQIA +. Nos discursos de ódio e negação da Ciência travestidos de religião.

Para Nita Freire (2013, p. 150-151), a constituição de Paulo, enquanto sujeito crítico e educador se deu a partir de

[...] suas reflexões sábias e profundas e de leitura teóricas diversas, a partir de suas observações e intuições sobre a realidade nordestina, mas também dessas “pequenas” coisas que ele viveu, que ele experimentou. A compreensão crítica de Paulo da educação nasceu, como ele mesmo dizia, na sua infância, na leitura de experiências de vida vividas, sentidas e refletidas. Nas suas leituras de mundo da infância mais remota, que na sua vida adulta tomou força de categorias de análise e reflexão. Não podemos duvidar de que as histórias de Tom Mix povoaram a criativa mente de Paulo, pois daquelas e deste ele jamais esqueceu. É que as histórias de Tom Mix fizeram sentido nele pela intuição de criança pobre e triste, mas já muito sensível e solidária aos dramas humanos.

Assim como Paulo Freire, coleciono grandes lições que vêm de minha infância, ao brincar solto no meio do mato, correr entre bananeiras e goiabeiras, subir na copa das árvores para apreciar o vento ou o aboio de um boiadeiro, no fim da tarde. Aprendi a tratar todos, sem distinção, de forma gentil e educada. De acreditar na palavra do outro. De ser solidário na dor ou na alegria de quem está ao meu lado. Continuo a apreciar as belezuras da vida e ser grato pelo que conquistei até agora. Vejo a sensibilidade como qualidade!

Talvez, seguindo o que Nita Freire (2013) nos traz sobre Paulo e sua alegria menina, pudéssemos criar novas formas de compreender a vida e nos relacionar com ela e com o mundo, renovando uma convicção política e de solidariedade ética para uma vida mais vivível.

[...] o traço maior e mais bonito desse pensador político-ético-educador que foi Paulo Freire foi a capacidade de criticar contundentemente os dramas da vida, sem, contudo, perder, em nenhum momento de sua presença no

mundo, a sua maneira de ser um adulto responsável, que soube amar e ser feliz, e por isso ter podido anunciar um mundo possível que só meninos de caráter puro, sério, de adulto, podem fazer. (FREIRE, 2013, p. 152)

Nesse momento, enquanto finalizo este texto, me vêm à cabeça os versos da música “Bola de Meia, Bola de Gude”, de Fernando Brant e Milton Nascimento que me faz voltar à minha meninice e transmite essa alegria-menina que tanto Nita Freire descreve na personalidade do nosso Patrono da Educação Brasileira.

Resgatar o espírito de criança que faz tudo com intensidade: ama, perdoa, se mostra autêntico e verdadeiro sobre o que gosta e o que não gosta, de não acumular sentimentos negativos, faz-se essencial para que possamos fazer de nosso cotidiano um espaço mais ético, democrático e de respeito para com as diferenças.

### **Bola de meia, bola de gude**

Composição: Milton Nascimento e Fernando Brant

Música link: <https://youtu.be/G9RS2BkbqHw>



Há um menino, há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão

Há um passado no meu presente  
O sol bem quente lá no meu quintal  
Toda vez que a bruxa me assombra o menino me dá a mão

E me fala de coisas bonitas  
Que eu acredito que não deixarão de existir  
Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor

Pois não posso, não devo  
Não quero viver como toda essa gente insiste em viver  
Não posso aceitar sossegado  
Qualquer sacanagem ser coisa normal

Há um menino, há um moleque  
Morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão

Há um passado no meu presente  
O sol bem quente lá no meu quintal  
Toda vez que a bruxa me assombra o menino me dá a mão

E me fala de coisas bonitas que eu acredito  
Que não deixarão de existir  
Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor

Pois não posso, não devo  
Não quero viver como toda essa gente insiste em viver  
E não posso aceitar sossegado qualquer sacanagem  
Ser coisa normal

Bola de meia  
Bola de gude

Um solidário não quer solidão  
Toda vez que a tristeza me alcança um menino me dá a mão  
Há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto fraqueja ele vem pra me dar a mão

**Figura 13** – Um registro com Nita Freire



Fonte: Arquivo pessoal.

### 13 No olho do furacão

Em meio a tantos acontecimentos diários, continuo lendo livros e escrevendo. Quando ligo a televisão ou leio os jornais percebo o caos que se instalou em 2020 e continua piorando no Brasil e no mundo.

Só no Brasil, já são quase duzentos mil óbitos pela COVID. Duzentos mil histórias paralisadas. Milhares de famílias que choram seus entes.

Enquanto tudo isso acontece, a saudade da minha família só aumenta, exatamente hoje vai fazer dois anos que não os visito. Só nos comunicamos pelo telefone, pois receio visitá-los e o vírus me acompanhar. O encontro, enquanto isso, vai sendo adiado mais e mais.

Lembro-me que sempre que por lá estava, nas férias, montava em um cavalo e visitava todos os vizinhos para contar as novidades e para saber como estavam. Era muito bem recebido com café e biscoito feitos no fogão à lenha.

Nunca deixava de visitar as escolas que por lá estudei, e que nesse momento também estão fechadas e com pouquíssimos alunos fazendo atividades em casa, a internet é artigo de luxo, algumas poucas casas possuem, apenas daquelas famílias com maior poder aquisitivo.

Diante dessa situação, fico imaginando como será o retorno dessas escolas, como é que as famílias estão se virando e quem está pensando ou se preocupando com isso?

Essas escolas foram importantes para mim, deram o pontapé inicial na minha carreira acadêmica e plantaram sementes dos primeiros sonhos.

Conversando com minha mãe, Dona Creuza, pelo telefone, ela insiste em dizer que as escolas vão acabar naquela região e eu insisto em dizer que elas vão voltar mais fortes do que nunca, e terão um papel fundamental na retomada e na vida das crianças, adolescentes e jovens.

Reigota (2011, p. 81) pontua que,

A escola tem sido historicamente o espaço indicado para discussão e aprendizado de vários temas urgentes e de atualidade, como resultado de sua importância na formação dos cidadãos. É evidente que a escola deve estar sempre aberta ao conhecimento, inquietações e propostas de sua época, procurando consolidar inovações pedagógicas que contribuem para continuar cumprindo seu papel social.

Acredito que mais do que nunca é papel da escola se interessar pela

atualidade, independentemente de onde esteja: no sertão mineiro ou nas grandes metrópoles; essa consciência crítica, reflexiva deve estar conduzindo os estudantes e serem propulsoras das micro ações que trarão alguma possibilidade de vida mais democrática, ética e pacífica.

Enquanto vou escrevendo, a saudade vai aumentando; espero com tamanha ansiedade a vacina, tão discutida e tão polarizada, mas entendo que salvará milhões de vida a curto, médio e longo prazo. Aliás, a história das vacinas nos mostra isso!

Nosso posicionamento em relação à vacina é importante para que, no futuro, outras epidemias sejam evitadas, senão controladas no menor prazo de tempo, evitando o número que só cresce de mortes, como tem sido pela COVID.

Enquanto acompanho pelos noticiários discussões sobre a eficácia da vacina, invasão ao capitólio nos Estados Unidos (deixando três mortes, além do recorde de mortes todos os dias), me pego a pensar no trabalho que teremos ao sairmos dessa situação pandêmica, com o mundo governado por extremos, permeado pela intolerância, pelo preconceito e pela propagação de fake News, que a cada instante arrasta uma multidão de pessoas mal informadas para um lugar de maior ignorância.

Pensar em novas formas de viver, envolvendo todas as camadas da sociedade, com diálogo e respeito, buscando saídas e alternativas, é um caminho desejado e que vem sendo colocado em prática por inúmeros grupos espalhados pelo mundo.

A cultura popular e a comunidade científica podem caminhar lado a lado, todas as expressões humanas podem se conversar, e não apenas aquelas validadas pela comunidade acadêmica, o conhecimento dos indígenas, as tradições regionais, os saberes dos não letrados, podem e devem conviver, inclusive, uns se apropriando dos saberes dos outros em benefício de todos. A escola pode ser um dos espaços de aglutinação dessas misturas, e esse é o desejo expresso por Marcos Reigota (2011, p. 83):

Na escola ecologizada, a chamada cultura popular tem fundamental importância, assim como as chamadas culturas erudita e científica. Nela se misturam as várias expressões humanas, que não são necessariamente as validadas pela burocracia acadêmica como as mais adequadas, as mais sábias, as mais corretas ou as mais verdadeiras. Nessa escola, Pixinguinha e Bach convivem como velhos amigos, o conhecimento dos indígenas é tão importante quanto o dos físicos da NASA, a literatura de cordel e os textos de Machado de Assis fazem parte das leituras cotidianas, a dança dos jovens e as artes marciais se complementam, os problemas do dia a dia são temas para análise, discussão e buscas de alternativas de soluções e intervenções cidadãs.

Enquanto vivia com minha família, no sertão mineiro, sempre que surgiam situações conturbadas, como tempestades ou secas intermináveis, minha mãe costumava dizer que estávamos no olho do furacão. E nesses momentos, ela se valia de suas crenças e rezas para enfrentar a situação.

Recordo-me que em um ano em que a estiagem castigou a nossa região e estávamos quase sem água para beber, os animais já estavam morrendo de sede, em todo fim de tarde, antes do sol se pôr, acompanhava a minha mãe com meus irmãos, numa caminhada de cerca de uma hora sobre os morros para levar água ao pé de uma cruz de um ente querido da família que ali estava enterrado e fazer algumas orações pedindo a chuva. Era uma penitência que tínhamos que fazer todos os dias até a chuva cair.

Pesquisando sobre o significado de “olho do furacão” fui entender a partir de uma página da BBC News (2017), que se trata de uma área de uma suposta calmaria.

O olho do furacão, nesse sentido, é a parte mais perigosa. Pode dar às pessoas uma falsa sensação de segurança porque os ventos diminuem e tudo se aquieta. Mas os ventos vão recomeçar na medida em que o furacão passar, explica o meteorologista australiano Adam Morgan. (BBC News, 2017, on-line)

Estamos passando por um furacão nesse momento que nos aprisionou em casa, um furacão viral; então, que possamos sair de casa apenas quando com as informações mais certas e em segurança.



## **14 Cada volta é um recomeço**

Em 2017, quando me graduei em Psicologia senti que precisava continuar estudando, queria me manter no meio acadêmico, em busca de conhecimento, mas principalmente na sede de enfrentamento de alguns problemas urgentes da humanidade que me deixava com insônia.

Com esse pensamento, em 2018 acabei me inscrevendo, como aluno especial, do Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO).

Como acredito que para algumas coisas nós não encontramos, somos encontrados, isso aconteceu comigo e não poderia ter momento mais oportuno e necessário do que falar sobre os sobreviventes da bomba atômica e de educação e cultura da paz.

Tive o privilégio de ter como orientador o professor Marcos Reigota que há muitos anos milita em favor da paz e contra qualquer tipo de arma, principalmente as nucleares que já acometeram, além das cidades de Hiroshima e Nagasaki, quase uma dezena de cidades ao redor do mundo com acidentes nucleares.

Sempre fui um sujeito que fugia de brigas e discussões, prezava muito pelo diálogo e continuo acreditando que tudo pode se resolver com a força e assertividade de uma boa conversa.

Nunca concordei com os conflitos entre nações, disputando poder, território, riquezas naturais, seja o que for, a vida é sempre quem perde. Não me conformo com a história das grandes descobertas ou navegações, em que outros povos, acabaram invadindo, saqueando e escravizando outros, principalmente negros africanos e povos originários (indígenas), causando grandes massacres e explorações sem medida.

Também sou bastante enfático com as brigas pelas redes sociais, a violência no trânsito, e tantos outros conflitos que rondam nossa vida cotidiana. Onde foi que erramos? Temos (ou tínhamos) um planeta com todas as condições para viver pacificamente.

Através de pequenas ações, como essa dissertação, podemos abrir discussão, pensar novas formas de trabalhos dentro da sala de aula e entender aquilo que não queremos mais e que nos afasta da nossa essência enquanto seres humanos.

Com Ailton Krenak (2019), corroboro com a ideia de que é preciso resistir a tudo o que destrói e se abrir para compreender outras perspectivas de nossa

existência no mundo e, principalmente, “cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu” (KRENAK, 2019, p. 32), tradição comum a muitos povos originários.

Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que esse tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades. Então, vamos vivê-las com a liberdade que fomos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações. O fato de podermos compartilhar esse espaço, de estarmos juntos viajando não significa que somos iguais; significa exatamente que somos capazes de atrair uns aos outros pelas nossas diferenças, que deveriam guiar o nosso roteiro de vida. Ter diversidade, não isso de uma humanidade com o mesmo protocolo. Porque isso até agora foi só uma maneira de homogeneizar e tirar nossa alegria de estar vivos. (Idem, p. 32-33)

O ano de 2020 foi um teste intenso na busca de sentido de viver e de como enfrentar essas mazelas que passamos. É preciso celebrar por estarmos vivos, mas é urgente nosso posicionamento contra essa necropolítica posta em marcha e que ceifa centenas de vidas todos os dias.

Um dos aprendizados que tive com a minha mãe, dona Creuza, foi que aquilo que não nos mata, nos fortalece. Na esperança freireana, torço para que quando tudo isso acabar, estejamos mais cientes de nosso papel de sujeitos de nossa história e da história coletiva. Que saibamos praticar mais empatia, que defendamos a democracia, que nos horrorizemos com políticos exaltando torturadores e que as autoridades tomem providências em relação a isso, pois também é crime. Que possamos construir coletivos a partir de nossa leitura de mundo e dos conhecimentos que vamos adquirindo ao longo da trajetória e, principalmente, que as subjetividades e diferenças sejam sempre festejadas e não apagadas da história como querem alguns grupos, como o do governo federal.

## 15 Os hibakushas

**Figura 14** – Encontro com os hibakushas – UNISO/2019



**Fonte:** Arquivo pessoal

Quando conheci pessoalmente os senhores Takashi Morita e Kunikiko Bonkohara, os hibakushas – sobreviventes da bomba atômica –, não tive dúvidas, essa luta também é uma das que eu sempre acreditei.

Por dias, a imagem daqueles dois senhores, idosos, que poderiam estar aproveitando a vida de outras maneiras, parou em minha cabeça. Dois sobreviventes que experimentaram os horrores de uma explosão nuclear, altamente radioativa e que lhes faz ter ainda mais cuidado com a saúde, no alto de sua lucidez, viajam por vários lugares para espalhar a mensagem de paz. Um apelo para que todos se empenhem nessa luta pacífica contra as armas nucleares, contra todo o tipo de guerra.

Em meio à pandemia, em 2020, os dias seguiam tristes e cinzentos, tive um lampejo de alegria. O jornal Folha de São Paulo, do dia dois de agosto, tinha estampado na capa os hibakushas.

Não hesitei e quis ler toda a reportagem. Duas páginas escritas e dedicadas aos horrores causados pelas bombas atômicas, ali informava que toda aquela história

que já havia acompanhado no livro e na palestra no auditório da universidade de Sorocaba, agora estaria também no teatro. A peça “Os Três Sobreviventes de Hiroshima”, parte do projeto “Sobreviventes pela paz”, “que pretende colocar sobreviventes de grandes tragédias e genocídios em cena como forma de manter a memória desses acontecimentos para que essas histórias não se repitam, com objetivo de propagar e manter a paz” (AGÊNCIA BRASIL, 2017).

Na peça, eles reencenam a história 75 anos depois, a bomba deu início a incerteza sobre a era do armamento nuclear.

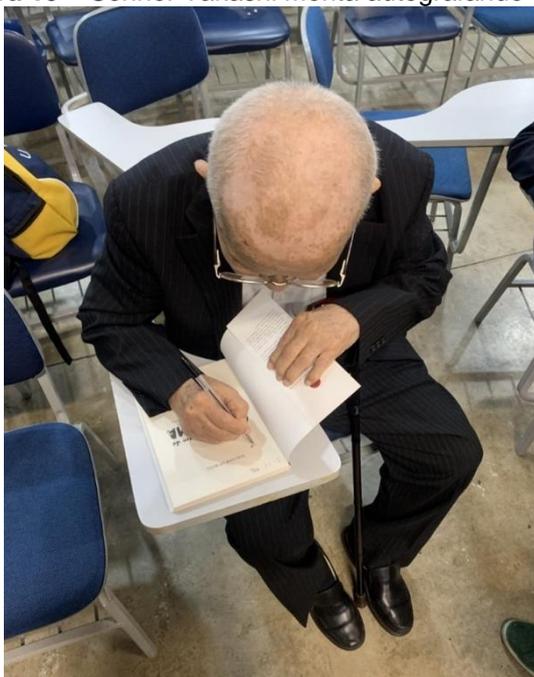
Para Takashi Morita, em entrevista à Folha de São Paulo, “esquecer é enterrar a história do ataque”. Segundo o jornal, nove países possuem hoje aproximadamente 14 mil ogivas nucleares e se empenham em aperfeiçoar sua capacidade de destruição alegando que é para se manterem seguros. A detonação de uma fração desse potencial teria efeitos catastróficos para todas as nações e ameaçaria a sobrevivência da humanidade.

Recordar o horror nuclear de Hiroshima e Nagasaki é um chamado a seguir lutando por um mundo livre de armas atômicas (SPERB, 2020, on-line).

Após a leitura da reportagem, fiquei muito encorajado e cada vez mais convicto daquilo que preciso falar e lutar. Estar ao lado deles e ler a reportagem, compreendi o quanto pequenas ações podem fazer grandes transformações e que em nosso cotidiano podemos também provocar a reflexão de temas importantes do tempo presente, tal qual o uso de energia nuclear, as questões climáticas, a vida dos povos originários, o cuidado com a biodiversidade que ainda resta no planeta, entre tantos outros.

Takashi Morita, Kunikiko Bonkohara e Junko Watanabe e todos da Associação Hibakushas Brasil Pela Paz, são alguns dos exemplos de pessoas que lutam com tanto empenho e resistência e nos mostram que é possível aprender com nossa história, por mais dolorosa que ela seja e se fortalecer e transmitir a mensagem para que mais e mais pessoas passem a promover a ideia da paz e de um mundo pacífico.

**Figura 15** – Senhor Takashi Morita autografando o livro



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Já escrevi sobre o impacto que o evento com os sobreviventes da bomba atômica de Hiroshima, realizado na Uniso, em maio de 2019, causou em mim. Provocado pelas questões do professor Marcos Reigota, passei a buscar colegas que estiveram no evento e solicitei-lhes suas impressões sobre aquele encontro que se tornou o estopim dessa pesquisa.

Obtive essas devolutivas que compartilho a seguir.

Ausentar-se o ausente... o que significava tudo aquilo perante meus olhos, minhas mãos, meu coração? E minha falta de fôlego, ar e expressão? Eu gostaria de dizer: sinto muito pelas ausências, pelos desligamentos e pelo horror (da guerra), mas quando me ausento percebo que a crueldade do mundo dava as mãos para as boas maneiras em nome do amor. Está entendendo? Pois bem, ao mesmo tempo que o choque era tomado, fisgado, e quase no momento seguinte esquecido, eu percebia que a crueldade estava dentro de mim, dentro de nós. Mas como? Como conviver com o horror? Não eram mais somente os olhos derretidos, os corpos queimados, a cidade devastada. Eram... eram... eram... eram os fatos amaldiçoados, precisava jogar luz das velas nos olhos, na imensidão, para procurar abrigo nessa poeira amarga da humanidade. O caminho vertiginoso, as palavras cortadas, pedindo sede para serem acabadas e compreendidas por algo que todos nós fizemos. Bem essa história começa em Hiroshima, mas não pode terminar em Nagasaki. Nem no Japão, nem em Chernobyl e tampouco aqui, nesse presente que me encontro. Eu queria dizer que não poderia sair daquele encontro, sem o livro em minhas mãos. Eu queria dizer que perante o ausente, sobram as fantasias, as mentiras, e as histórias mal contadas. Abre-se espaço para o vale tudo. E o que está em jogo? As mentiras nunca contadas. O silêncio poderia ser de respeito, mas a amargura não. O amargo encolher, encurta histórias e joga de lado. O cheiro de queimado, dos corpos da sala foram espalhados pelas salas, pelos livros, pelos corpos das pessoas

presentes. Estávamos, enfim, apaixonadamente contaminados! A dor do outro, era a minha, era a nossa. (Laura de Aro, novembro de 2021)

**Figura 16** – Ilustração gráfica criada por Ricardo Kazuoo Fujimoto.



**Fonte:** Ricardo Kazuoo Fujimoto.

## 16 A paz pode estar ao seu lado

Idealizado por Guilherme Profeta e Lígia Zanella (2020), ambos de Sorocaba, o livro “Projeto Hibakusha” é uma obra que traz contribuições para o entendimento da história narrada pelos sobreviventes da bomba atômica. Com uma ilustração impecável, o livro relata a trágica explosão da bomba atômica, em Hiroshima e os efeitos dessa catástrofe humana na cidade e, principalmente, nas pessoas. Escreve Profeta (2020, p. 25), logo no início do livro:

A história da bomba atômica é, também, a minha história. A nossa história coletiva. E, por mais que seja dolorido falar sobre ela – muito dolorido –, nós precisamos fazê-lo de tempos em tempos, pensando em novas abordagens quando possível, sem necessariamente ostentar a arrogante pretensão de esgotá-la, mas tão somente para não silenciá-la. Jamais silenciá-la.

Mesmo já conhecendo a história e ouvindo dos próprios sobreviventes, ao ler o livro me emocionei por diversos momentos, percebendo o tamanho empenho dos autores para levar ao leitor a prova de que alguns acontecimentos podem ceifar toda a humanidade e o quanto devemos estar em estado de vigilância.

No decorrer das minhas pesquisas bibliográficas, o professor Reigota me alertou sobre as escritas que estavam sendo feitas pelo Guilherme Profeta. Assim que houve o lançamento, fiz a compra na loja on-line e fui buscar pessoalmente, na casa da Lígia Zanella, a ilustradora do livro e, por coincidência, é praticamente minha vizinha, apenas duas quadras nos distanciam.

Quando cheguei, encontrei um colega da faculdade que também estava adquirindo o livro, e me peguei perguntando: onde esta história vai parar? Até onde ela pode ir?

Enquanto fazia esses questionamentos, a Lígia aparece no portão de forma tímida, mas com uma alegria que transcende a máscara e me contagiou. Apesar de estarmos em meio a pandemia, não perdi a oportunidade de pedir uma foto e um autógrafa. Me sentia com um tesouro nas mãos e não sei porquê, parecia que eu também era participante daquele projeto, afinal, “a história da bomba atômica é, também, a minha história” (PROFETA, 2020, p. 25).

**Figura 17** – Registro com Ligia Zanella, do projeto Hibakusha.



Fonte: Arquivo pessoal

Aquele dia foi marcado por reflexões e pelo desejo de que mais pessoas possam entrar em contato com o livro que é apenas mais uma ferramenta, entre tantas, para alertar, como escreveu a Lígia, na dedicatória do autógrafo “que possamos nos lembrar para nunca repetir”.

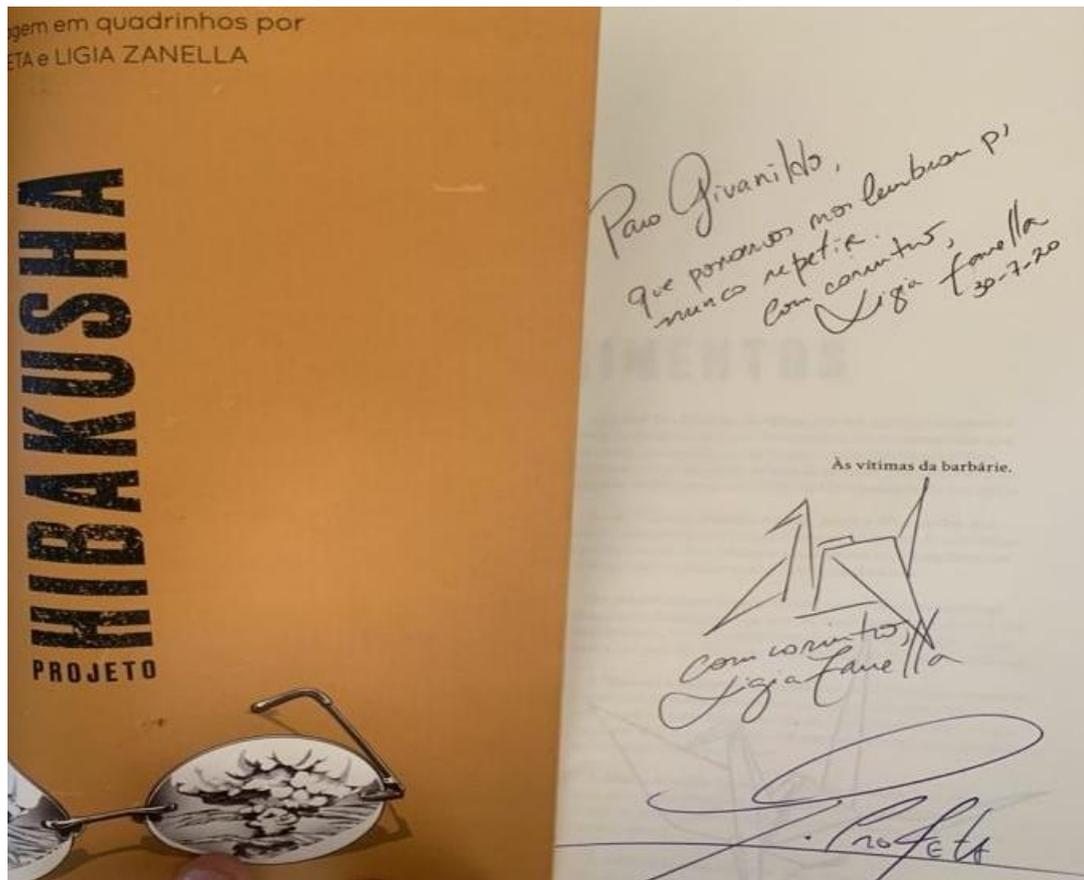
O livro foi tema de uma longa conversa com líderes da empresa onde trabalho. Uma conversa deliciosa regada a café e muitas histórias que saíram da reflexão que estávamos fazendo. Afinal, cada um, a seu modo, é um sobrevivente nesse tempo presente, em que um vírus tem alcance mundial e ao alcançar cada corpo, age de uma forma, sucumbindo a vida de centenas de milhares de pessoas, só no Brasil.

Recomendei para alguns amigos, pois o que é bom tem que ser compartilhado!

Profeta (2020) relata nas últimas páginas a diferença que o projeto provocou em sua vida. O livro é uma reportagem em quadrinhos que narra o encontro do jornalista com duas vítimas que sobreviveram à explosão da bomba atômica de Hiroshima, ocorrida na manhã de seis de agosto de 1945 e uma entrevista que o mesmo faz com a morte, ao caminhar pela cidade japonesa. O autor escreve o “Projeto Hibakusha é um livro sobre os sobreviventes que vieram para o Brasil, mas também é um livro sobre um jornalista brasileiro em busca de sentido (s) para a história da bomba atômica em Hiroshima (PROFETA, 2020, p. 145).

Corroboro com a afirmativa de Profeta, ao concluir a entrevista com a morte, que a história de Hiroshima é uma história de resiliência da vida. Desejo que todos quantos possam ler o livro, também possam viver resilientes a tudo o que se passou, construindo novas histórias, com mais significado para si e para os que estiverem à sua volta.

**Figura 18** – Projeto Hibakusha - autógrafa



Fonte: Arquivo pessoal

## 17 Ritmando paz e amor

Quando ingressei no mestrado, fui incentivado pelos professores do programa, que deveria participar do Grupo de Estudo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar (GREeCE), liderado pela professora Alda Romaguera.

Como sou um rapaz que ouve muito bem os conselhos, não pensei duas vezes e foi uma experiência ímpar de viver e sentir o que um coletivo é capaz de mobilizar dentro dos espaços que adentra.

Desde os encontros realizados, até as leituras indicadas e refletidas, chegando às vivências experimentadas, em que a arte e a cultura estavam enredando os temas do nosso tempo presente.

Nas palavras de Nataliane Martins (2019, p. 73), que se debruçou sobre o GREeCE para tecer sua pesquisa de mestrado,

O Grupo Ritmos: Estética e Cotidiano Escolar (GREeCE) se insere na linha de pesquisa Cotidiano Escolar do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (PPGE/UNISO) e foi criado em agosto de 2016. Esse grupo pretende reunir conceitos e pesquisas que abordam as dimensões ético-estético-políticas da arte e da cultura, criando combinações que possibilitem ampliar visões de mundos nascentes. O grupo se desenha como coletivo que estuda, pesquisa e produz pensamentos e artefatos culturais na universidade.

Esse Grupo de estudos e pesquisa se forma como um Coletivo Ritmos de Pensamento, que estabelece conexões entre a pesquisa acadêmica e as áreas da cultura, arte e educação, de modo a sintonizá-las num ritmo próprio, desenvolvendo para isso ações que andam em outros espaços, ritmando pensamentos e novas conexões que geralmente acontecem fora da universidade, em espaços culturais, Ongs, etc.

Estar no grupo e poder dialogar sobre temas tão diversos contribuíram para que eu pudesse refletir o quanto tudo é cíclico e atravessa as diversas camadas e dimensões da vida.

A cada terça-feira recebia uma lufada de novas possibilidades para pensar sobre esses atravessamentos e o quanto a arte e a cultura também contribuem para tal reflexão.

Infelizmente, com a pandemia, as reuniões passaram a ser remotas e o esforço para elaborar o pensamento e buscar saídas mais criativas para esse período em que tivemos que nos recolher, em casa. Mas as ações concretas do grupo coletivo continuaram a acontecer e isso sempre contribuía, de alguma forma, para manter a esperança de dias melhores vindouros.

**Figura 19** - Grupo Ritmos do Pensamento e Nita Freire



Fonte: Arquivo pessoal

As dissertações e teses discutidas nos encontros são inspiradoras e dialogam com as perspectivas que busco olhar para o mundo e para as questões que me inquietam. Posso dizer que em cada pesquisa analisada, me senti presente. Elas diziam sobre mim, sobre o que eu acredito e busco na Educação e na vida.

O grupo Ritmos foi a vacina para os tempos de quarentena. Me fez sentir parte das incertezas, mas também me mostrou que posso ser a diferença em meio ao ódio que circulam nas redes sociais, posso contribuir com um debate sério sobre a eficiência e a eficácia da Ciência na produção de vacinas que diminuirão as mazelas provocadas pela CODIV, posso acolher, mesmo que a distância, as dores e sofrimentos daqueles que perderam entes queridos.

A condução da professora Alda, sempre muito centrada, ética e consciente nos servia de direção e norteava as discussões com pontuações que cada vez mais elevavam o potencial de atuação do grupo.

Freire (2019) relata que a força do educador democrata está na sua coerência exemplar, é sua coerência que segura sua autoridade. Dessa forma eu vejo a atuação da professora Alda: coerente, repleto de respeito pelos que ali estão; ouvidos atentos para a contribuição de cada uma e cada um; aberta as trocas, as experiências

vivenciadas nos diferentes contextos dos participantes; e acima de tudo, respeito pelas subjetividades.

Reigota (2011, p. 86) escreve:

Aprender com alguém significa, no mínimo, a presença de duas pessoas. Significa que essa relação poderá ocorrer entre iguais e desiguais, que se traduzem em encontros, parcerias, cumplicidade, solidariedade, criatividade e também o lado inverso e menos prazeroso, como desencontros e desorganização.

Esse ambiente do encontro, da conexão com aquelas pessoas do Ritmos, em que a cumplicidade foi intensa desde o primeiro dia.

Que mais grupos como o Ritmos de Pensamento possam existir nas universidades e fora delas, espalhando as bonitezas ética-estética-políticas que brotam a partir de ações interventivas e artísticas para tratar de assuntos que pulsam no nosso cotidiano como as infâncias, os povos originários, a perspectiva ecologista da educação, os modos de ser-em-grupo.



## 18 Escolta de vaga-lumes

Depois de um dia de trabalho intenso, chego em casa cansado. Uma noite fria desponta no horizonte e um vento invade o apartamento.

No celular acesso um site de notícias para ficar informado dos acontecimentos do dia, porém, não suporto por muito tempo, principalmente quando me deparo com a morte do menino Henry Borel, de quatro anos. O principal suspeito é o próprio padrasto, acobertado pela mãe.

Leio sobre diálogos entre a empregada e a mãe do garoto, mas não suporto chegar até o final, a angústia me captura. Dá vontade de chorar. Um misto de sentimentos toma conta do meu corpo todo, que dói: raiva, indignação, sentimento de impotência e uma pergunta que não quer calar diante de mais um caso de extrema intolerância: onde foi que nos perdemos?

Por algum tempo fico no sofá, imóvel, não quero mais olhar para o celular. Uma vida interrompida tão jovem. Henry poderia vir a ser um brilhante profissional. Poderia, se pesquisador, descobrir a cura para algum dos males que nos atormenta. Poderia ser um professor freireano invejável. Poderia ser um cidadão comprometido com as causas de seu tempo. Poderia ser um político que realmente estivesse preocupado com a vida do povo, diferente do padrasto que parecia incomodado com a sua presença daquela criança no relacionamento com sua mãe.

Paulo Freire (2011, p. 30) pontuou que a esperança acontece no instante em que começamos a busca, “pois não seria possível buscar sem esperança”.

Enquanto tento, em vão, compreender como é que uma história como essa ainda acontece nos nossos dias, resolvo sair do sofá e ir até a janela do apartamento que fica de frente para uma mata. Debruço-me na janela e ali fico por alguns instantes tentando respirar todo o ar que notícia acabara me tomando e, ao mesmo tempo, tentando encontrar respostas que não chegaram.

De repente, no meio daquele mato vejo um ponto de luz: parecia ser um vaga-lume. Apuro melhor o olhar e me fixo naquele pequeno lampejo, enquanto me vem à mente, os tempos da infância mineira.

Lá naqueles idos, quando queríamos atrair os vaga-lumes, a gente pegava um tição de fogo e ficava balançando no meio do terreiro. Quanto mais balançávamos o

fogo, mais eles se aproximavam e para nós era uma festa ver tantas luzinhas voadoras ao nosso redor.

De onde estava não consegui me certificar, de fato, se era mesmo um vaga-lume, mas aquela luz pequenina acabara me trazendo alívio para o cansaço do trabalho e de viver nesse mundo onde o valor da vida está cada vez menor e fugaz. Onde se dá cabo na potência vida de uma criança para resolver seu relacionamento. Onde se crê que uma vacina foi criada para implantar um chip da China no nosso corpo, sabe-se lá para quê. Onde...

Aquela luz vaga-lume dissipou as trevas, por um instante, do meu pensamento.

Lembro-me que um dos textos que me chamou a atenção logo no início que começamos a saga das aulas remotas, foi a “Sobrevivência dos Vagalumes”, de Georges Didi-Huberman (2011), sugerido pela professora Alda Romaguera. Numa das passagens encontramos,

Para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo. Ainda que por pouca coisa a ser vista: é preciso cerca de cinco mil vaga-lumes para produzir uma luz equivalente à de uma única vela. (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 54)

Aquela luz no meio da escuridão, que tanto chamou a minha atenção e suspendeu meu pensamento naquele momento em que sofria pela morte de Henry e por tudo que estamos passando, me trouxe a oportunidade de pensar que também nós podemos ser vaga-lumes ao contribuir para que a subjetividade do outro não seja assassinada. Para que possamos acolher mais “Dudas” em nosso caminho. Para que possamos ouvir o outro com interesse e respeito.

Tal reflexão me trouxe, como num filme, diversas pessoas que encontrei pelo caminho e que de alguma forma, foram vaga-lumes em minha vida. Ajudaram a dissipar a ignorância, os preconceitos, os medos e a inveja do meu cotidiano.

## 19 Um hibakusha em meu caminho

Preparo-me para escrever, mudo a mesa de lugar. Em frente à janela acredito ser melhor, há uma paisagem natural lá fora. É confortável olhar para aquele espaço. O vento balança as folhas das árvores, consigo avistar alguns passarinhos fazendo algazarra entre os galhos.

Penso no primeiro contato que tive com o professor Marcos Reigota e lembro-me que ele disse que na nossa escrita temos que estar ali, presentes, mas principalmente, ter alguém ou algum autor que nos acompanhe pelo afeto ou pelo atravessamento causado em nossas reflexões e pensamentos.

Tenho convicção que hoje, em minhas escritas, busco me inspirar por cada ensinamento que tive com Reigota e com os demais professores do programa, além das leituras que me debrucei.

Tento me aproximar da forma da escrita de Reigota. Percebo coerência entre seu discurso e sua prática e isso me impacta profundamente. Talvez num futuro, não muito distante, consiga chegar nessas nuances de olhar para a vida tudo que a atravessa e fazer as devidas conexões.

Quando vou escrever ou falar sobre algo, penso em como o professor Marcos poderia abordar esse tema, numa tentativa de inspirar-me. Pode ser muita pretensão da minha parte, mas me sinto privilegiado em poder ser seu orientando e espero que essa trajetória de aprendizagem e amizade persista para além do mestrado em educação.

Quando estou ouvindo-o ou lendo-o, sinto que o texto fala diretamente sobre a minha trajetória ou de um tema que está muito latente em mim.

O texto “A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens” (REIGOTA, 2010), talvez seja o que melhor traduza o que estou tentando escrever. Nesse texto, apresentado na 32ª Reunião Anual da Anped<sup>4</sup>, em Caxambú-MG, em 7 de outubro de 2009, Reigota esclarece para quem está voltado seu interesse na universidade em que trabalha e que, na maioria das vezes, são alvo dos preconceitos daqueles que se graduam e realizam suas pós-graduações nas universidades públicas, com as regalias de bolsas de estudo e com patrocínio da família burguesa. Os que vêm das margens, só estudam com muito esforço. Ele escreve:

---

<sup>4</sup> Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

Conseguiram estudar por insistência de alguém da família, de um padre ou de uma professora atenciosa. Concluíram o ensino fundamental e médio quase sempre em escola pública e não são poucos os que estudaram no curso noturno. Trabalharam em laboratório fotográfico, lojas de confecções, academias de ginástica, lanchonetes, floriculturas, salões de beleza, farmácias e escritórios de contabilidade. Um foi policial e outro foi jogador de futebol. Um outro toca bateria numa banda de rock pesado. Uma delas fechou a loja de roupas femininas no shopping da cidade, pois o sonho era estudar e se tornar professora universitária. Tem também um que ajudava o pai como motorista de táxi. (REIGOTA, 2010, p. 1)

E mais adiante ressalta que a contribuição pedagógica desses que vêm das margens pode ser percebida pela produção de sentido em práticas sociais e pedagógicas.

A contribuição pedagógica dos que vêm das margens fica explícita quando essas professoras e professores, agora pesquisadoras e pesquisadores, conseguem produzir e dar sentido às suas práticas sociais e pedagógicas cotidianas e desobedecer os padrões oficiais, oficiais e extra-oficiais, fazendo assim com que a escola e suas margens se transformem em laboratórios de possibilidades existenciais, de produção de conhecimentos e subjetividades e de intervenções social e política. (REIGOTA, 2010, p. 5)

Assim vou me percebendo na escrita do professor Marcos e vou me fortalecendo na crença de que minha prática cotidiana, mesmo não sendo no interior de uma escola, tem contribuído para que outras vidas, vindas das margens, possam dar sentido a suas próprias trajetórias, criando possibilidades, mesmo nas brechas e de forma extra-oficial, reconhecendo seu valor e importância dentro do espaço que ocupam.

Marcos Reigota é um Hibakusha em meu caminho e creio, pelas conversas que já tive com pelo menos uma dezena de seus orientandos, na vida de várias outras pessoas. Ele não está apenas fazendo seu trabalho, mas resgatando e lapidando os sujeitos que chegam com sua carga individual marcada pela história, pelos estigmas, insegurança e reprodutores de um sistema marcado por interesses e colonizado por uma ideia de mundo eurocêntrica e que colocou o norte como uma meta a ser alcançada.

São esses sujeitos que, ao se virem como cidadãos e cidadãs, como profissionais indispensáveis, como estudiosos/as e pesquisadores/as do cotidiano escolar, passam a olhar seus alunos e alunas e interagir com eles de forma diferente, alteram suas práticas pedagógicas, desobedecem os pacotes institucionais, os discursos ideológicos e interesses partidários explícitos que chegam até os professores e professoras e que os querem como simples reprodutores. Não, isso não. Não mais. O ambiente escolar em que vivem e atuam se transforma. (REIGOTA, 2010, p. 4)

Reigota me mostra como também sou um Hibakusha. Um sobrevivente nesse mundo que quer formatar o pensamento e os modos de vida, que nos quer mais individualistas, consumistas e tecnológicos e menos sensíveis, preocupados com a produção bélica, com as questões ambientais, educacionais, com o modo de vida e trabalho das comunidades mais remotas desse Brasil profundo.



## 20 Escola da paz

Através do professor Reigota, tive a oportunidade de me aproximar de pessoas que vêm das margens e com sua bagagem e a formação conseguem transformam o ambiente de seu trabalho em práticas pedagógicas exemplares e que dão sentidos mais amplos a ideia de cidadania e ao exercício coletivo democrático, que dialoga com as perspectivas ecologistas de educação e ao legado freireano.

Um desses vaga-lumes é o professor Eder Proença, de quem gostaria de ter estado mais próximo. Mas, infelizmente, com a chegada da pandemia, só pude me aproximar de suas pesquisas de mestrado (2009) e doutorado em Educação (2017), ambas orientadas pelo professor Marcos e ainda ver um vídeo que está disponível no YouTube<sup>5</sup>, que trata do Parque da Paz, desenvolvido na Escola Municipal “Prof.<sup>a</sup> Maria Domingas Tótora de Góes”, localizada na Zona Norte de Sorocaba.

**Figura 20** – Parque da Paz



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PvoyntM5y8g>

O professor Eder Proença foi diretor na referida escola entre os anos de 2012 e 2019. Como um sujeito inquieto e inventor, como é narrado no vídeo, sempre criava ações, a partir de sua escuta, principalmente das crianças, que ampliasse o significado de ser e de estar daquela escola, naquela comunidade.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PvoyntM5y8g>. Acesso em: 2 ago. 2021.

Em 2017, em vias de concluir sua tese de doutorado, convidou o professor Marcos Reigota para participar de uma roda de conversa com as crianças, na escola. Tal evento giraria em torno do livro “Hiroshima e Nagasaki”, de 2015.

**Figura 21** – Marcos Reigota no bate-papo com as crianças



**Fonte:** Eder Proença.

Muitas curiosidades apareciam no decorrer da conversa e o diretor Eder acabou estendendo o assunto para vários encontros com aquelas crianças. Um dos objetivos era pensar em criar algo que pudesse simbolizar todo o movimento realizado e, ainda, apresentar para a comunidade, na Festa da Família, que estava para acontecer.

Eis que as próprias crianças tiveram uma ideia sensacional, transformar o parque infantil da escola no Parque da Paz! Um espaço para celebrar a vida de todos os que morreram nas explosões das bombas no Japão, ao final da Segunda Guerra Mundial, mas principalmente, para lembrar que a paz é construção de cada um e de todos.

Esse projeto, que não está nos livros de pedagogia e tão pouco faz parte de uma política pública do município, foi realizado a muitas mãos, que assim como o diretor, acreditam no potencial do cotidiano escolar, entremeado com arte, diálogo e sensibilidade.

Adentrar o Parque da Paz, na escola, é um convite para refletirmos sobre as barbaridades de uma guerra e a possibilidade de construção diária da cultura da paz.

**Figura 22** – Marcos Reigota e Eder Proença na inauguração do Parque da Paz



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=PvoyntM5y8g>

A mensagem de Yoko Ono, que abre o livro *Hiroshima e Nagasaki*, de Reigota (2015), é um alerta de que a vida não é simplesmente uns se divertirem e terem todas as mordomias que esse consumismo desenfreado nos apresenta diariamente. Há que se dar o devido valor à vida, pois a riqueza pode virar poeira de uma hora para outra, como as torres gêmeas, em 2001.

Nos anos 60, nós queríamos as estrelas, mas o sistema solar nos puxou as pernas. Noticiaram as drogas, caçoaram dos nossos cabelos e nos chamaram de tolos. Mas a queda das torres gêmeas fez com que o desejo por mais paz e amor voltasse com força. De repente, o centro mundial de acumulação de riqueza veio abaixo. Então, todo o dinheiro do mundo deixou de ser suficiente. As pessoas começaram a se olhar e a perceber que a vida também é preciosa. De que adianta o capitalismo, se a morte espreita com ódio? É bom que as pessoas despertem do sonho consumista e percebam que a vida não é se divertir à custa dos outros. (YOKO ONO apud REIGOTA, 2015, p. 7)

Pensar em novas formas de viver em sociedade é fundamental, assim como também refletir sobre novas possibilidades de fazer educação. A ação possibilitada pela escuta sensível do professor Eder Proença, fez a diferença na vida de inúmeras crianças e suas famílias. Qual será o alcance de uma ação como essa?

Talvez seja impossível de se calcular, porém, mais adiante vou voltar a essa questão, ao narrar sobre a visita que realizei na escola.

Antes, quero registrar como foi o meu encontro com o professor Eder Proença. Motivado pelas falas de Reigota e por ter assistido o vídeo do Parque da Paz, tomei a

liberdade e enviei uma mensagem para o Eder, via Messenger, do Facebook, no dia 7 de agosto de 2021, mas neste momento queria uma informação sobre um evento que participaríamos juntos ao grupo de pesquisa da professora Nilda Alves, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

O professor me respondeu prontamente, passando todas as informações e me encaminhando o e-mail de adiamento do evento, em decorrência da morte da nossa querida Marta Catunda.

Ainda vivíamos no período em que as regras de funcionamento dos estabelecimentos estavam aos poucos sendo retomadas, assim como o retorno presencial das crianças nas escolas municipais de Sorocaba.

Nesse contexto, convidei o professor Eder para tomarmos um café juntos, visto que tinha interesse em conversar e saber mais sobre o Parque da Paz, devido a escrita da dissertação. Novamente ele me respondeu com prontidão e a conversa durou algumas horas em que parecia que éramos velhos amigos.

Descobrimos muitas coincidências em nossas trajetórias de nascer e viver durante um bom tempo na zona rural, depois os esforços para dar continuidade aos estudos e finalmente, a vinda para Sorocaba.

Conversamos sobre pessoas queridas em comum e claro, quis saber tudo sobre o Parque da Paz, que eu teimava em dizer que ele era o idealizador e ele frisava que foi apenas o facilitador, quem idealizou foram as crianças, motivadas pelo encontro com o professor Marcos Reigota e a história em torno de Hiroshima e Nagasaki.

Entre um cafezinho e outro, não vimos o tempo passar. Enquanto ouvia com atenção os relatos do Eder sobre a escola, era perceptível notar em suas expressões, como havia entrega e amor, em seu trabalho. Aquele amor que Paulo Freire ([1979] 2008) fazia questão de enfatizar, que não é o amor romântico e piegas das novelas, mas o amor que nos impele a olhar para o:

Não existe educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, assim como não há amor imposto. Quem não ama, não compreende o próximo e não o respeita. (FREIRE, [1979] 2008, p. 29)

Concluimos o último café, no final de tarde e início de noite fria de inverno, no mês agosto e firmamos o compromisso dele me acompanhar até a escola, depois de falar com o novo diretor, para me mostrar o Parque da Paz.

Confesso que fiquei ansioso para realizar a visita na escola, parecia criança quando esperava muito por aquele tão sonhado passeio com a família.

Na hora marcada, o Eder estava no portão da escola me esperando. Acolheu-me com o sorriso de sempre e foi apresentado e cumprimentando às pessoas uma a uma, conforme iam aparecendo pelos corredores e salas. A Sandra Ferraz, vice-diretora nos acompanhou e fiquei impressionado com a receptividade e carinho que todos ali demonstravam pelo Eder, mesmo ele tendo saído da direção há quase dois anos.

Era notável a emoção que seus olhos transmitiam ao ouvir os cumprimentos, o quanto fazia falta ou da saudade que sentiam dele. A história que escreveu ali, junto com aquelas pessoas e tantas crianças, durante os oito anos que estive à frente da direção, ia sendo contada carregada de significados.

Nada havia sido feito por fazer, para chamar a atenção ou apenas para agradar beltrano ou sicrano. Cada ação era pensada a partir do olhar e da escuta de todos os envolvidos. Ali, principalmente as crianças foram ouvidas e levadas a sério!

Passamos pela sala da direção, a Sandra brincou que ele poderia ocupar a sua velha mesa, em frente à porta, sempre aberta para todos que quisessem entrar. Na parede pintada de verde, em frente, a mesma decoração que havia deixado: uma frase de Paulo Freire (1996), do livro “Pedagogia da Autonomia”, enfeitada com borboletas multicoloridas, que fiz questão de registrar com a câmera do meu celular. “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 1996, p.142).

Estava num estado de encantamento. Tudo era muito coerente e dizia exatamente sobre como o trabalho havia sido pensado e realizado naquela escola.

Depois de atravessar toda a escola conversando e ouvindo as histórias contadas ora pela Sandra, ora pelo próprio Eder, eis que aparece uma professora com umas dez crianças da faixa etária dos quatro, cinco anos, que nos cumprimenta e narra para a gente que havia pensado nele, naquele mesmo instante, quando estava para sair do parque e uma criança lhe perguntara por que havia uma árvore morta ali. Entreolhamo-nos sorrindo com os olhos, enquanto a professora dizia que tinha sido a oportunidade de contar para aquelas crianças o sentido do Parque da Paz.

Ou seja, após dois anos de sua inauguração, mesmo ainda dentro de uma pandemia que não nos permite voltarmos à nossa vida normal, pudemos presenciar a materialização de um trabalho bem feito. A educação pela e para a paz estava viva e presente em todo aquele contexto.

Não é possível calcular o alcance de um trabalho como esse, numa escola periférica de uma cidade com mais de duzentas escolas municipais, como é o caso de Sorocaba, mas a certeza de que uma centena de pessoas, principalmente crianças que vivenciam diversos momentos naquele Parque da Paz, elas poderão ter a vida marcada pela importância de cultivar a vida e a semente da paz plantada por professoras como essa que soube aproveitar a curiosidade de uma das crianças para conversar com todas sobre a importância da paz.

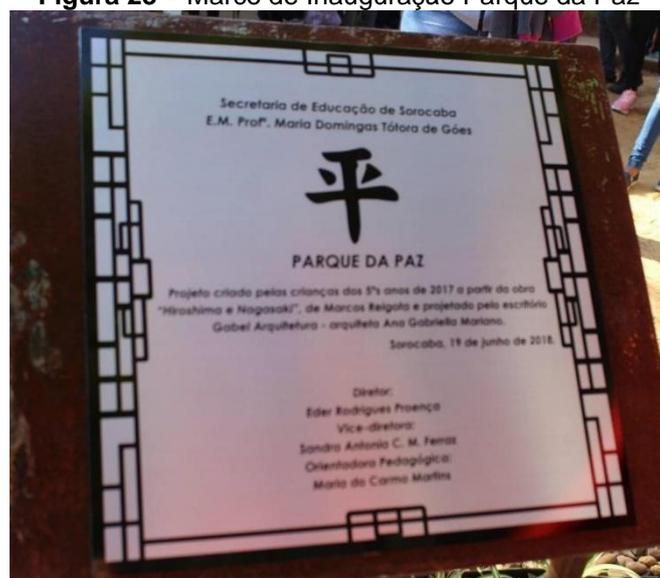
Por fim, chegamos ao Parque, uma mistura de nostalgia e alegria era perceptível no olhar do Eder.

Eu me senti uma criança naquele ambiente e fotografava tudo o que via pela frente. Chamei o Eder e a Sandra e nos despedimos do Parque da Paz, com uma selfie.

Voltamos para o outro lado da escola e ao passar pelas salas, as atividades das professoras eram interrompidas e crianças vinham ao encontro do Eder, com alegria, para mostrar o quanto tinham crescido, ou qualquer outra novidade.

Até que chegamos de volta ao portão de saída, ao nos despedimos, fui embora com a certeza de que as ações que foram desenvolvidas ali, permanecerão deixando marcas por um bom tempo e que os novos gestores tenham a sensibilidade de explorar esses caminhos e avançar a partir do lindo trabalho realizado, tendo em vista a educação para a paz.

**Figura 23** – Marco de Inauguração Parque da Paz



**Fonte:** Arquivo pessoal.

## 21 De volta para casa

Pegar um carvão na fôrnalha enquanto minha mãe cozinhava e ficar brincando de professor escrevendo nas paredes da cozinha, cobertas com barro branco, era uma das minhas diversões infantis. Mesmo com todas as broncas e puxões de orelha, eu sempre estava imitando a professora da escola.

Ali eu dava aula para amigos imaginários. Fui crescendo e esse desejo apenas cresceu dentro de mim. Na oitava série fui escolhido para ser o aluno monitor de uma disciplina, e naquele ano, me senti a pessoa mais realizada do mundo. Tinha que fazer grande esforço, acordando mais cedo para poder ajudar os colegas com mais dificuldades.

Foi a primeira vez que tive oportunidade de estar à frente de outros estudantes e me senti um educador. Os anos foram passando e nunca consegui, de fato, atuar em uma sala de aula oficialmente. A vida me levou para outros caminhos.

Apesar de minha primeira tentativa de graduação aos dezanove anos ter sido a licenciatura em História, como não obtive êxito, acabei deixando de lado os estudos para poder trabalhar e ajudar, financeiramente, minha família. Contentava-me com o ensino médio, pois a vida em São Paulo não seria fácil, teria que trabalhar duro para pagar aluguel e ainda conseguir mandar um pouco de dinheiro para casa em Itacambira-MG.

Trabalhando no terceiro turno de uma padaria na cidade de Sorocaba, quase não tinha tempo para leituras que era algo que gostava, até que comecei a fazer parte de uma equipe responsável pelos treinamentos da empresa.

Voltei a sentir o gostinho de estar contribuindo com a formação de outras pessoas. Aquilo fazia tanto sentido, me animava a buscar novos conhecimentos para compartilhar com os grupos que estava à frente. Daí para o gosto de estar novamente em uma sala de aula, foi um pulo.

Escolhi o curso de Psicologia, pois acreditava que seria uma formação que me ajudaria a ajudar das outras pessoas do meu espaço de trabalho. No fim da graduação, percebi que de fato, o curso me ajudou a me tornar mais consciente da minha presença no mundo, além do autoconhecimento.

A necessidade de continuar nessa trajetória de formação me levou a buscar a pós-graduação e encontrei na Universidade de Sorocaba (UNISO), um espaço que

me conquistou logo quando fui fazer a entrevista para iniciar o percurso como aluno especial. Uma professora do programa questionou por que um psicólogo, gerente de uma empresa, teria interesse no mestrado em educação? Estava ali uma questão desafio. De certo modo, para acalentar meu sonho de ser professor, estar em sala de aula, já era um bom motivo, mas enquanto responsável pela formação de uma equipe de trabalho, parece-me uma resposta muito mais cabível.

E naquele dia passei a refletir: será que a educação é exclusividade dos espaços escolares oficiais? – Acredito que para aquela professora que me questionou, sim. No cotidiano do trabalho, em nossos afazeres em casa ou na rua, não podemos também contribuir para que mais pessoas possam estar ampliando seus conhecimentos, suas reflexões acerca da vida e de tudo que a atravessa?

Paulo Freire (1996) em “Pedagogia da Autonomia”, escreveu que “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 98). Ora, se enquanto líder da formação do grupo com o qual trabalho, não estiver convicto de que minha presença e aquilo que eu acredito e compartilho é importante para o crescimento profissional e, principalmente, de cada um e uma que está comigo, então, o meu lugar não é ali.

Não estou à frente do grupo preocupado com apenas com a sua formação técnica, em favor da empresa, mas sim, com sua formação que resultará na futura atuação que o mesmo desempenhará consigo mesmo e no mundo. Dessa forma, e dizendo com Paulo Freire (Ibidem, p. 102-103),

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de decisão. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isso e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou essa aberração: a miséria na fartura. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar.

Encontrei em Freire a resposta, tanto para a professora que estranhou minha procura pelo mestrado em educação, como para as questões que me acompanham desde meus sonhos mais tenros. Eu sou professor. Mesmo não estando em sala de aula, num espaço oficializado.

Minha ação profissional está na minha presença e ação no ambiente de trabalho, em minhas buscas por saber e na preocupação com cada um dos profissionais que fazem parte do quadro da empresa. Está na postura em que me coloco em relação a cada um dos clientes que atendo.

**Figura 24** – Em uma formação da equipe do trabalho – Fazenda Ipanema.



Fonte: Arquivo pessoal.

## 22 Anunciação

No momento que começo a escrever essa narrativa, o número de mortos pela pandemia, no Brasil, ultrapassa trezentos mil pessoas. Com os ensinamentos de meus pais na cabeça, de que de tudo a gente pode aprender e que é no sofrimento que encontramos forças para enfrentar aquilo que nos oprime, eu sigo esperando a la Paulo Freire, acreditando que podemos contribuir para a (re)construção de um mundo menos feio, e violento, mais pacífico e democrático.

Ler “A sombra desta mangueira”, de Paulo Freire (2019), nessa noite, trouxe um acalento para o meu coração. Apesar de nossa vulnerabilidade mediante ao inimigo invisível, a esperança de que dias melhores virão, é renovada pela escrita comprometida, marcadamente posicionada por senso político que consegue visualizar as mazelas pelas quais seu tempo atravessa, denunciando-as e contribuindo para seu fim.

Fico imaginando também poder encontrar embaixo de uma árvore frondosa, os amigos dos grupos de pesquisa, ou voltar a oferecer as formações com a equipe do trabalho, ou ainda poder sentar e prostrar, sem preocupação com minha família, lá no sítio, em Itacambira-MG e renovar com toda essa gente, que traz sentido para minha existência, o otimismo e a esperança de alterar de alguma forma esse estado de guerra contra o vírus, contra o negacionismo à Ciência, as violências que atinge os grupos minoritários e acabam nos atingindo também. Quando isso puder acontecer, quero estar com a mesma disposição de Paulo Freire (2019b),

A última pessoa que desfrutou comigo da sombra dessa mangueira me perguntou, como se já soubesse a resposta que lhe daria, até onde andariam o meu otimismo e minha posição esperançosa em face da desmedida quantidade de fatos negadores do mais mínimo otimismo. Ocorrências diárias, assaltos a bancos, assassinatos de testemunhas da candelária, desfalques, sequestros, estupros, escândalos envolvendo congressistas que cedo são anistiados por seus colegas ....

Meu amigo viera à sombra da mangueira para ouvir de mim que apesar de tudo minha esperança e meu otimismo continuam vivos, sua pergunta aumentou a minha responsabilidade porque senti e percebi que procurava na minha esperança alento para a sua. A luta pela esperança é uma luta permanente e se intensifica na medida em que se percebe que não é uma luta solitária. (FREIRE, 2019b, p. 152).

Coloco a música “Anunciação”, de Alceu Valença para tocar. De certa forma, ela contribui para que o desejo de continuar crendo e esperando que dias melhores

estão por vir e que eu, dentro do meu micro espaço de vivência, possa ajudar a adiar o fim do mundo.

#### Anúnciação

Composição: Alceu Valença

Música link: <https://youtu.be/PrdBYorYboU>



Na bruma leve das paixões que vêm de dentro  
Tu vens chegando pra brincar no meu quintal  
No teu cavalo, Peito nu, cabelo ao vento  
E o sol quarando nossas roupas no varal

Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais

A voz do anjo sussurrou no meu ouvido  
Eu não duvido já escuto os teus sinais  
Que tu virias numa manhã de domingo  
Eu te anuncio nos sinos das catedrais

Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
Ah ah ah ah ah ah  
Ah ah ah ah ah ah  
Ah ah ah ah ah ah  
Ah ah ah ah ah ah

A música, gravada em 1983, faz parte do álbum “Anjo Avesso”. Apesar de haver várias interpretações para a canção de Alceu Valença, quase sempre voltadas para o fim da ditadura civil militar que o Brasil estava atravessando e estaria exatamente anunciando novos tempos, de democracia e liberdade para todos.

Paulo Freire e Alceu Valença me animam e fortalecem minhas convicções do potencial do cotidiano escolar e também dos espaços em que podemos desenvolver ações que contribuem para dar sentido a nossa e a existência de tantos outros sujeitos que nos atravessam.

Em minha cabeça começam pipocar imagens desses seres vaga-lumes: a escrita e presença de Marcos Reigota, com seu acolhimento que faz a diferença na relação professor-aluno; as bonitezas que Alda Romaguera realiza com o grupo Ritmos de Pensamento; o modo de pensar e fazer educação de Eder Proença; a provocação da reportagem em quadrinhos de Guilherme Profeta e Lígia Zanella; as fotografias e narrativas orais sobre estudantes de José Neto; a colcha de retalhos de Íris Cardoso que vê o mundo com um olhar inclusivo; e tantos outros e outras colegas

que, através de suas pesquisas, estão pensando e produzindo educação da melhor qualidade, em seus espaços de vida e de trabalho. São freireanos e freireanas que levam a sério sua passagem por esse mundo, na tentativa de superar os horrores que estamos submetidos, estes e estas, se encontram muito bem posicionados a favor da vida, da democracia, da paz, por isso realizam intervenções políticas, mobilizados e mobilizando outros à sua volta, sempre demonstrando esperança, coerência e tolerância entre o que vivem, o que falam e fazem.

## 23 Movimentos ecopacifistas

Um dos aspectos mais importante do pensamento ecologista contemporâneo é a noção de interdependência: biológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais. Assim, a identidade ecologista é internacionalista, múltipla e diversa, procurando romper com as fronteiras entre nações e nacionalidades com a hierarquia de conhecimentos e cultura, com a homogeneização de modelos sociais e econômicos e com políticas colonialistas e neocolonialistas, rompendo com todos os paradigmas clássicos culturais, sociais, econômicos políticos e científicos.

Questões complexas como a mudança climática, efeito estufa, o desaparecimento da biodiversidade, a produção de armas nucleares, as chuvas ácidas, o crescimento demográfico etc., dizem respeito a todos os habitantes do planeta, não obedecendo os limites das fronteiras nacionais. (REIGOTA, 2011, p. 59).

Marcos Reigota, desde suas pesquisas sobre as questões ecológicas, na década de 1990, vem chamando a atenção que, mais do que a população se preocupar com a preservação das espécies e destino correto do lixo que produz, precisa compreender que é parte da questão, que não possui nacionalidade ou fronteira, mas que permeia a cada um e a todos os que vivem no planeta Terra.

Ou seja, Reigota, assim como Paulo Freire já vinha sinalizando em seus textos, chama a atenção para a postura de cada um em relação à própria vida. Se dizer neutro, na verdade, é compactuar com toda a produção mercadológica e a disseminação do consumo que só tende a impactar cada vez mais as questões ambientais e, conseqüentemente, todas as demais esferas sociais.

Krenak (2019) também nos traz grande contribuição ao chamar nossa atenção para o destino que nós, enquanto humanidade, estamos determinados a nos tornar, se continuarmos cegos, em torno do consumo e da vida de bem-estar preconizado pelos centros de produção mundiais.

Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que decoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível, tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobra do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernália para nos entreter.

Para que não fiquem pensando que estou inventando mais um mito, o do monstro corporativo, ele tem nome, sobrenome, endereço e até conta bancária. E que conta! São os donos da grana do planeta, e ganham mais a cada minuto, espalhando shoppings pelo mundo. Espalham quase que o mesmo modelo de progresso que somos incentivados a entender como bem-estar no mundo todo. (KRENAK, 2019, p. 19-21)

Em “A queda do céu”, Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015), descrevem o que essa ganância doentia do ser humano em relação às riquezas naturais do planeta estão nos levando à ruína. Não dá para continuar assistindo a essa exploração desenfreada e ignorar que todos esses “desastres naturais” que assolam a cada tempo um lugar do planeta e aqui no Brasil, temos os acidentes com as barragens de Marina e Brumadinho, que dizimaram vidas de todas as espécies, além de fatores climáticos como chuvas em demasiado em algumas áreas e a falta dela, provocando até o rodízio na distribuição da água, pelas empresas de abastecimento, como temos vivenciado aqui na região de Sorocaba, principalmente nas cidades de Salto-SP e Itu-SP.

É mais do que fundamental pensar em novas formas de viver em sociedade, em novas relações com a natureza. Não podemos nos esquivar de desenvolver essas questões no cotidiano escolar e nos grupos que participamos. Não é possível continuarmos assistindo os desmandos de um governo sanguinário, que não mede esforços para criar um Marco Temporal<sup>6</sup> que contraria a luta dos povos indígenas para a demarcação das terras, assim como a liberação escancarada da exploração de mineradoras nas terras da Floresta Amazônica.

De acordo com Reigota (2011), entramos no terceiro milênio constatando a nossa incapacidade e fragilidade em deter o barbarismo e banalização da violência. É preciso estabelecer novas formas de resistência. É essencial a mobilização da sociedade civil, de forma organizada, para denunciar as estruturas de dizimação das espécies.

Acredito que a nossa atuação nos espaços de formação é primordial para despertar a compreensão tão presente nos grupos indígenas de que somos parte desse organismo maior, que podemos co-habitar de forma pacífica, respeitando cada um dos seres que o compõem. É preciso trazer a sabedoria e a cosmovisão dos poucos povos indígenas que ainda resistem a toda a barbárie imposta pela ideia civilizatória ocidental, dando sentido a tudo o que existe. “As pessoas podem viver com o espírito da floresta, viver com a floresta, estar na floresta” (KRENAK, 2019, p. 25).

---

<sup>6</sup> Marco Temporal é uma tese jurídica que busca restringir os direitos constitucionais dos povos indígenas. Nessa interpretação, defendida por ruralistas e setores interessados na exploração das terras tradicionais, os povos indígenas só teriam direito à demarcação das terras que estivessem sob sua posse no dia 5 de outubro de 1988. (CONNECTAS, 2021, on-line)

## **24 Novos tempos exigem novas práticas**

Quando criança, as brincadeiras com meus irmãos e vizinhos eram sempre com coisas criadas com os poucos recursos dos quais dispúnhamos ali no sítio. Nunca tivemos brinquedos comprados. Os recursos financeiros eram gastos com alimentação daquilo que não era produzido ali, no sítio e para nossos calçados e roupas. Não tenho nenhuma fotografia da infância até os catorze anos.

Viver esse período sem essa tecnologia que possuímos teve outro sentido. Não era preciso ter um aparelho de televisão em casa. Como não nos fazia falta o aparelho de telefone. Quando sentíamos saudades de um parente, íamos fazer-lhe uma visita, sempre regadas com café com bolo ou um gostoso almoço, preparado no fogão à lenha, com muita conversa, histórias e causos vividos.

Na escola, bastante avessa a educação que Paulo Freire nos convida a criar em nosso cotidiano, possuía poucos livros, mas as incursões que fazíamos com a professora pelos espaços naturais que tínhamos próximo à escola e, que contribuíram muito para que eu pudesse despertar a atenção para a observação de pássaros, borboletas, vaga-lumes, sapos, calangos, as árvores e todo o tipo de espécie. Ali aprendemos in loco o que é um anfíbio, que as aves eram animais ovíparos, assim como as cobras.

A professora Netinha, apesar de ser uma pessoa muito amável, exigia disciplina e concentração. Confesso que tinha medo dela, não dela em si, mas de não realizar as atividades a contento, a ponto de desapontá-la. Não me lembro de ter sido motivado a criar livremente, seja ao desenhar ou de fazer alguma outra investigação.

Como apresentava algumas dificuldades em relação aos estudos e não tinha apoio em casa, nem dos meus pais, menos ainda dos meus irmãos, eu acabava me enviando embaixo da cama e treinava a escrita e leitura de palavras. Esse esforço era muito valorizado pela professora e isso sempre me deixava muito feliz.

Na atualidade, apesar de toda diferença no contexto de cada região do país, a realidade é outra, há uma infinidade de recursos chegando às escolas, pelo menos é o que temos visto aqui no estado de São Paulo. Porém, não podemos precisar como tais recursos estão sendo utilizados e de que maneira os estudantes estão se beneficiando. Nesse período de pandemia, o abismo entre escola pública e escola

particular ampliou-se gigantescamente. Não raro, vemos pela mídia, caso de comunidades inteiras prejudicadas pelas ausências de recursos tecnológicos que proporcionam aos estudantes, o acompanhamento das atividades remotas.

De qualquer maneira, vale lembrar, a partir de Marcos Reigota (2011), que como educadores, devemos desconstruir valores arraigados em nossa cultura e, como pessoas, estarmos atentos na formação de “cidadãos de primeira categoria e não consumidores de vulgaridades” (REIGOTA, 2011, p. 147).

É preciso questionar os saberes, reinventar novos modos de viver e viver em grupo, repensar nossa alimentação, como utilizamos os transportes, como nos relacionamos com a natureza, que também somos nós.

Em “30 Anos no Quintal: trajetórias atravessadas pela Educação Ambiental”, Tânia Aversi e Valter Almeida (2019), nos convidam a pensar sobre nossas ações educativas a partir de um projeto desenvolvido em uma escola na cidade de Itapetininga-SP.

A Tânia Aversi, uma colega querida, que está no processo de conclusão de sua tese de doutorado no grupo Perspectiva Ecologista de Educação, tanto nos encontros, quanto na noite de lançamento do livro, em Itapetininga, lembra que nosso papel, enquanto pesquisadores e atuantes da formação de cidadãos, é repensar constantemente a própria educação. Colocar em xeque as verdades que nos apegamos em nossa trajetória e refletir como podemos contribuir para que as futuras gerações criem mais empatia com as questões ecológicas e adotem uma postura de ser parte que integra o planeta e não como seres que se pensam superiores e que podem continuar explorando-o sem precedentes.

É importante, mais do que nunca, que em cada espaço formativo que integramos, seja a escola ou não, nossas ações pedagógicas sejam para o desenvolvimento de uma educação mais crítica e voltada para o desenvolvimento do cidadão que irá habitar o planeta nas próximas décadas. Ele deverá ter ciência de que será responsável pela manutenção da vida na Terra.

**Figura 25** – Lançamento do livro de Tânia Aversi – Itapetininga-SP – 2019.  
(Da esquerda para direita, Nataliane Martins, Vilma Frazoni, Venâncio, Marta Catunda, Tania Aversi,  
Magda Bellini, Marcos Reigota, Leonardo Bezerra, Givanildo Oliveira)



Fonte: Arquivo pessoal

## **25 Um olhar para o futuro: micro ações no cotidiano**

Envolvido em todo esse contexto de pandemia que já passa de um ano e a cada dia faz mais vítimas e tem colapsado o sistema de saúde em várias regiões do Brasil, parece impossível pensar em vida normal novamente ou um futuro que vejamos outras possibilidades para a existência humana em formatos mais democrático, pacífico e com igualdade de direito de fato para todos e todas.

Porém, o que seria de nós se não nós valêssemos da utopia? Não é em vão que o pensamento de Paulo Freire roda pelos quatro cantos do mundo e é, de acordo com levantamento do Google Scholar, o terceiro pensador mais citado em trabalhos acadêmicos no mundo todo (MONTESANTI, 2016).

A partir de Paulo Freire, o professor Marcos Reigota nos incentiva a acreditar na possibilidade de fazer educação sempre numa perspectiva ecologista e, dessa forma, viabilizar as experiências subjetivas que construímos em contato com nosso mundo mais íntimo e também em nossa família em grupos que estamos envolvidos. Esse desnudamento revela nos cenários de nossas pesquisas, ações de pertinência política e pedagógica que legitimam nossa atuação.

Uma cena que me comove bastante e que tem aumentado muito nos últimos tempos é a presença de jovens e crianças vendendo mercadorias, principalmente doces nos semáforos de Sorocaba.

Sempre que posso, paro para conversar com esses meninos e meninas, quero saber suas idades, se estão matriculados na escola, o que os pais estão fazendo e quase sempre, ofereço àqueles que demonstram interesse, a possibilidade de se inscreverem para o programa de jovem aprendiz da empresa em que trabalho.

Outro dia, por exemplo, recebi um telefonema de uma colega, responsável por uma das casas de acolhimento de crianças em situação de vulnerabilidade daqui de Sorocaba – essas crianças e adolescentes, em sua maioria são separadas dos familiares por questões como o envolvimento dos responsáveis com drogas, violência e maus tratos. Naquele dia ela me contou que estava numa situação muito delicada em que quatro dos adolescentes, da casa, estavam prestes a completar dezoito anos e, como não haviam voltado para a família ou alguma família teria tido interesse por adotá-los, perderiam o direito de viver abrigados naquela casa.

Para três deles a colega havia conseguido as últimas vagas no abrigo municipal, mas um, se não tivesse nenhuma ajuda, com certeza, iria viver em situação de rua.

A primeira ação foi encaminhar os quatro para o cadastramento e contratação como jovens aprendizes na empresa e em seguida, acionando a rede de amigos que formei em Sorocaba, encontramos um espaço que foi possível mobiliar, minimamente, com as doações de uns e de outros, para que o último daqueles adolescentes pudesse iniciar sua nova jornada.

Depois de uma longa entrevista com os quatro e com a garantia de que seguiriam a principal regra de se esforçarem nos estudos enquanto estivessem na empresa, todos seguem trabalhando até o momento, porém, agora com carteira assinada e uma perspectiva de alçarem novas oportunidades na empresa, assim como eu.

Esse tipo de ação se tornou um programa da empresa e a cada ano, novos jovens aprendizes chegam cada qual com sua história de vida e de luta. São verdadeiros sobreviventes, novos hibakushas nesse mundo opressor e que na maioria das vezes, não oferece nenhuma oportunidade para que esses meninos possam mostrar o melhor de si, que está muito longe dos pequenos delitos que acabaram cometendo por não ter nenhuma perspectiva até que chegam ali e são acolhidos, ouvidos, enxergados como meninos que são e, pelo menos setenta e cinco por cento deles e delas, acabam se estabelecendo no trabalho.



## 26 Paulo Freire vive e pacifica

Sei que os tempos são difíceis... sei que os tempos são difíceis, sei que os tempos são de dores, sei que os dias são ásperos demais. E que o inimigo do homem cada dia se disfarça menos. Pois apesar de tudo eu te digo simplesmente: Resiste! Resiste, companheiro capricórnio. Resiste, companheiro de qualquer signo! Resiste, porque o zodíaco é um sol para quem vive ofendido no mais profundo da vida. Resiste, companheiro, é o que digo a teu amor por que sei que vais vencer a luta que é a tua vida na alegria do teu povo. Ainda que os braços do inimigo pareçam tão largos como asas de moinho, luta, avança, companheiro, não desanimes nunca, e verás a verdade chegar dentro da manhã, manhã geral de amor que vai chegar. (MELLO, 1982, on-line)

A história da humanidade sempre foi marcada por imensos desafios e quanto mais barbáries nos acometem, mais será necessário nos fortalecer.

A série de documentários Paulo Freire, um homem do mundo, com a direção de Cristiano Burlan lançada pela SESC TV e TVT em março de 2020, sobre a trajetória de Paulo Freire me trouxe força, esperança e desejo de resistência diante de tudo o que estamos vivendo.

Em abril de 2021, retomo os documentários a fim de fortalecer minha posição e resistência ao que me atravessa. E em uma altura do episódio que estou assistindo, Freire questiona qual o sujeito do nosso sonho? Nesse momento, perdi o sono e fiquei por um bom tempo refletindo, uma vez que ele responde que o dele era liberdade e respeito.

Ainda continuo pensando a respeito, porém, de maneira mais pontual, responderia com o tema desta dissertação, meu sonho é a paz.

No episódio “40 Horas na Memória” (que alfabetizou cerca de 300 adultos em 40 horas, utilizando-se de práticas educacionais orientadas por Paulo Freire), os depoimentos dos alfabetizados são ricos em significados e me levou a reconhecer o valor da educação, que não precisa ser necessariamente a escolar, institucionalizada, mas a que acontece quando pessoas estão dispostas a partir de sua realidade, conhecer as letras, dominar a escrita e ampliar a sua leitura de mundo.

“Agora não sou massa, sou povo” é uma das frases citadas pelos personagens que participam do documentário e diz muito que o domínio da palavra escrita e falada pode transformar a vida de uma pessoa que apenas sobrevive em condições que lhe foi imposta como natural ou desejada por uma divindade.

Talvez, como ocorreu após Angicos, que Paulo Freire acabou sendo exilado para não perder a vida como inúmeros presos políticos, durante a ditadura militar que

deflagrou guerra aos que se contrapunham aos desmandos das forças militares, que tolheram direitos, liberdade e manifestação popular, seja o que está acontecendo na nossa atualidade, em que o chefe máximo da nação, juntamente com seu grupo, quer destituir o título de Patrono da Educação Brasileira a Paulo Freire, pois temem que se a população for realmente alfabetizada, tome as rédeas da situação e o arranque do governo.

Isso não pode ocorrer quando uma massa de alienados aplaude um mito que é contra a vacina e fez de tudo para retardar ao máximo a liberação dos recursos para sua compra e vai à mídia para fazer propaganda de medicamentos sem nenhuma eficácia comprovada pelos órgãos competentes para a prevenção da COVID.

Os desafios para o futuro são enormes: não basta apenas matar a fome de alimentos pela qual grande parte de nossa população padece, é necessário cuidar para que a fome de saber e de contribuir para que mais pessoas possam se tornar sujeitos de sua própria história.

Quando dei por mim, já estava assistindo a sequência do documentário e a noite avançava. Em “O exílio”, não contive a emoção e chorei. Nessa época eu ainda nem existia. Na escola, muito pouco foi dito e os meus interesses estavam em outros assuntos.

Quantos homens e mulheres foram mortos pelos militares durante a ditadura? Quantos deixaram o país como Paulo Freire?

A resistência desse homem foi de tirar o fôlego, mesmo sofrendo todo tipo de violência possível, nunca deixou de pensar no seu país, no seu povo e nas possíveis transformações. Nunca se aquietou, manteve viva sua indignação contra as mazelas sofridas pelo menos favorecidos.

Foi diante das dificuldades que surgiram suas principais criações, apontando-nos a importância de uma consciência coletiva e de uma ação concreta para a transformação da realidade, para criar ou recriar uma nova sociedade.

Um dos compromissos mais importantes no cotidiano escolar ou não, é o de não conceber o ser humano fora de sua inquietude. Problematizar as questões políticas, sociais, culturais e econômicas é essencial para pensar mudanças e não se sujeitar às normas impostas pelos grupos que sempre dominaram o nosso país.

Para Paulo Freire, fica evidente que nossa vocação é ser mais para minorizar as distorções desumanas que se perpetuam em nossa história. É preciso descolonizar o saber.

Quase três horas da manhã, acaba o episódio, desligo o computador, mas demoro a adormecer. Enquanto o sono não vem, fico imaginando como Freire também foi um sobrevivente, mais um Hibakusha que, espalha seus saberes e suas reflexões em vista de uma vida mais democrática, digna e de igualdade para todos aqueles e aqueles que sofrem com as misérias e injustiças perpetuadas socialmente, que pela falta de maiores recursos, enfrentam filas enormes para comprar osso para preparar talvez a única refeição do dia.

As palavras que encerram o episódio e também fecham o livro “Pedagogia do Oprimido”, ficam ressoando em minha mente: “Se nada ficar dessas páginas, algo pelo menos esperamos que permaneça: nossa confiança no povo, nossa fé nos homens e na criação de um mundo que seja menos difícil amar”. (FREIRE, 2017, p.253)

Um salto no tempo e, mais recentemente, tive meu encontro virtual com Paulo Freire, na exposição comemorativa pelos 100 anos de seu nascimento, realizada no Itaú Cultural, Avenida Paulista, São Paulo.

Era um domingo um pouco nublado, reservei a tarde para o encontro. De Sorocaba, segui viagem com uma amiga, conversando sobre nossas impressões sobre o Patrono da Educação Brasileira. Ela estava entusiasmada para saber mais sobre Paulo Freire e seu legado.

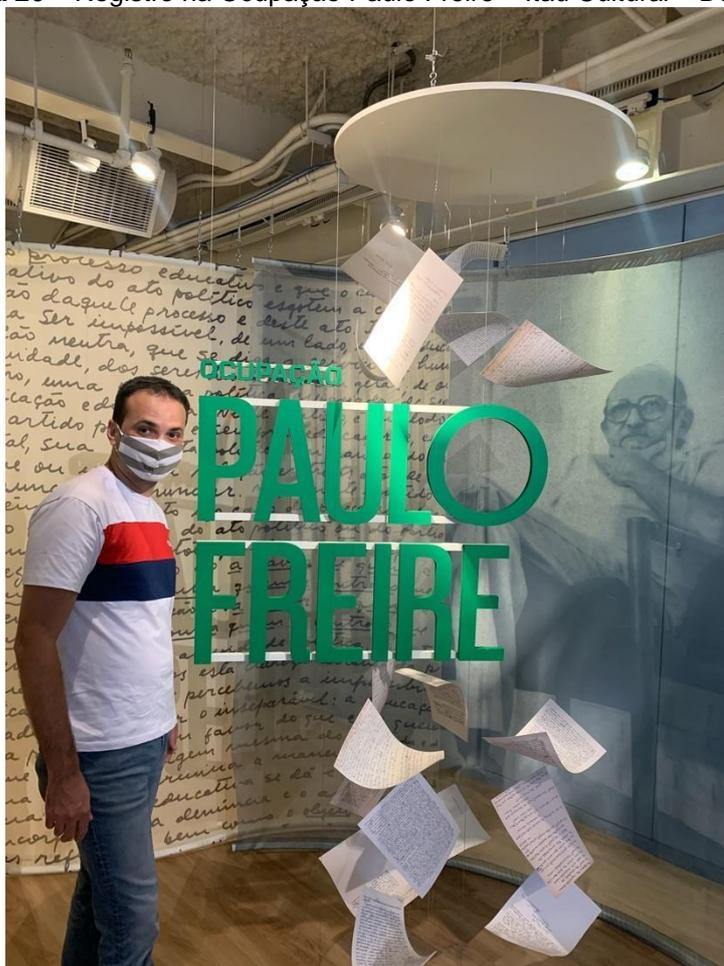
Comentei que Freire havia sido casado com Elza e, após ficar viúvo, redescobriu o amor ao lado de Nita Freire e que o livro “Nós dois”, publicado por ela, depois de sua morte é uma das histórias de amor mais terna e bela que já pude ler. Minha amiga ficou bastante interessada e combinamos que eu lhe emprestaria meu exemplar.

A conversa foi tão gostosa que não vimos o tempo passar e quando menos esperávamos, já estávamos entrando no local da exposição.

No piso multiuso, estava a 53ª edição do programa Ocupação Itaú Cultural – Ocupação Paulo Freire. Uma exposição repleta das bonitezas freireanas, acessível a todos os públicos – piso tátil, áudios auto descritivos –, ou seja, para mostrar o

educador que lutava por incluir e valorizar os que vêm das margens, não poderia ser diferente.

**Figura 26** – Registro na Ocupação Paulo Freire – Itaú Cultural – Dez/2021



**Fonte:** Arquivo pessoal.

Adentramos a exposição observando cada detalhe. Foi possível acompanhar sua história desde o nascimento, passando por suas escritas a mão, ali cópias e seus originais na nossa frente, canetas por ele usadas, entrevistas, seu método de alfabetização, posto em prática em Angicos, sua criatividade e amor no ensinar. Naquele ambiente cheio de detalhes, percebo um slide criado por Brennand para auxiliar Freire no processo de alfabetização.

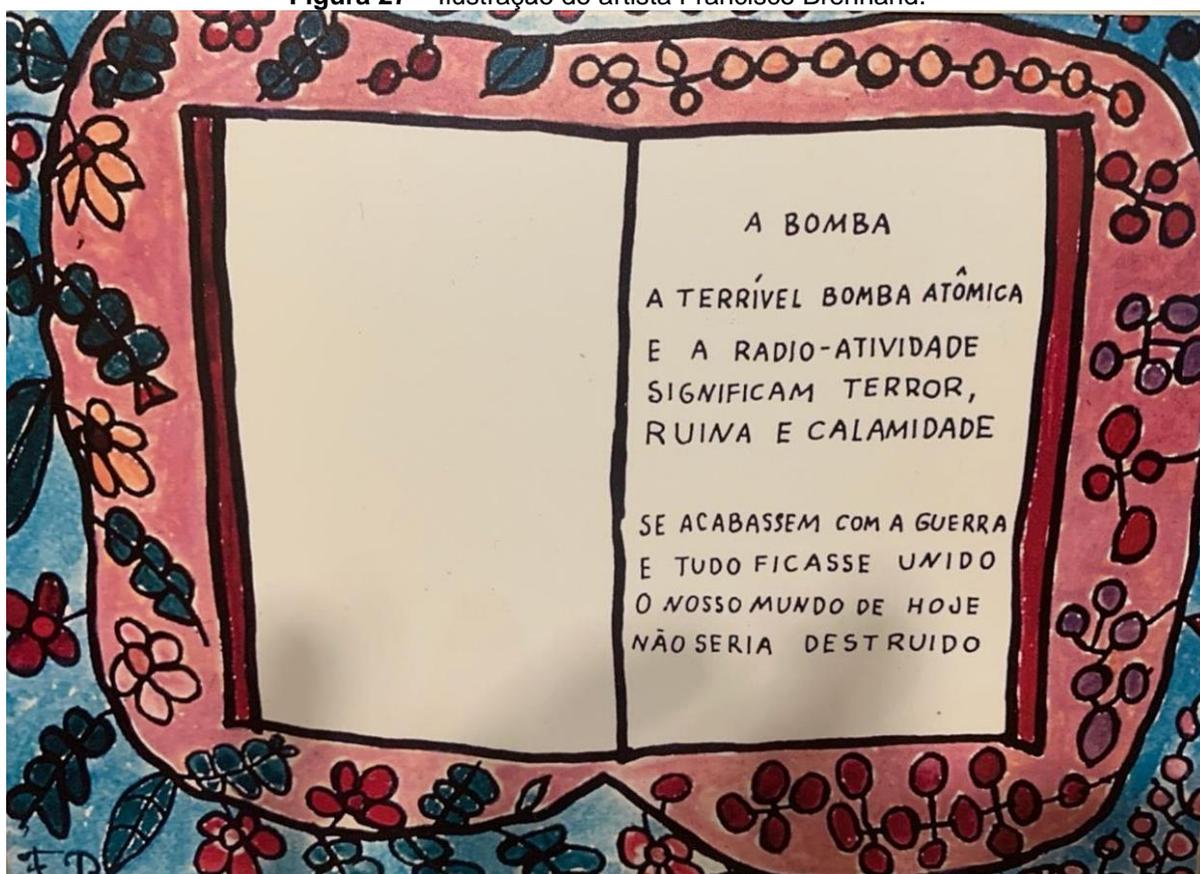
Nesse material, uma poesia sobre o horror da bomba atômica. Por alguns minutos fiquei ali imaginando a força e potência daquele pensamento e o quanto as ideias de Freire reverberaram e ainda reverberam pelo mundo, agora motivadas pelo seu centenário de nascimento.

Em alguns momentos me emociono e percebo que a minha amiga também está totalmente imersa naquele universo freireano. Não tínhamos coragem de falar nada,

apenas continuamos caminhando lentamente pelos corredores, observando o que os olhos conseguiam captar e os sentidos absorver.

Adentrar essa exposição e perceber a pertinência política e pedagógica da vida e trajetória de Paulo Freire, me fez de inúmeras pessoas queridas que me ajudaram a me tornar o que o sou: a professora Maria Aparecida, do curso de Psicologia, que percebia o meu cansaço e não se incomodava com os meus cochilos em sala de aula, visto que eu sempre me esforçava para compreender todo o conteúdo e garantir boas notas ao final do semestre; o seu José, cliente da empresa e que sabe ouvir as pessoas como ninguém; me pego pensando em como está a Duda, lá no Paraná? Será que eu poderia ter feito algo a mais para ela? Será que ela encontrou um lar com respeito e o amor que ela merece? E finalmente, no professor Marcos Reigota, meu orientador que me possibilitou esse encontro com Paulo Freire e me mostrou, através das aulas e de seu modo de ser e estar no mundo, com muita coerência entre o que escreve e o que vive, me fazendo compreender que mais do que trazer uma série de autores tradicionais nas pesquisas acadêmicas, o conhecimento também se dá quando paramos para ouvir uma música ou ler um livro ou parar para ouvir dois dedos de prosa com outra pessoa, que tem uma leitura de mundo bastante diferente da minha.

Figura 27 – Ilustração do artista Francisco Brennand.



Fonte: Arquivo pessoal.

## 27 Bonitezas em meu caminho

### Passarim

Composição: Tetê Espíndola e Marta Catunda

Música link: <https://youtu.be/7Qh1jsoFzpY>



Passarim da brisa dourada,  
Fica aqui nessa pousada.  
Coração também é lindo,  
Solidão um só destino.

Voo das asas,  
Para as palavras.  
Como os sonhos, para acordes,  
Para que despertes passarim.

Voo das asas,  
Para as palavras.  
Como os sonhos, para acordes,  
Para que despertes passarim.  
Em mim.  
Passarim, em mim.

Passarim, ouço teu clarão  
Vem lá, vai daqui.  
Emoção, uma revoada  
Devoção, um só caminho.

Um livro organizado por Nita Freire (2021), cujo título chamou bastante a minha atenção “A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire”. Estava precisando ler algo que me inspirasse e me desse um pouco de tranquilidade nesse período difícil que atravessamos.

O título me chamou a atenção e eu queria entender mais a fundo o sentido de boniteza tão utilizada por Paulo Freire e seus admiradores.

Nita Freire escreve que a palavra “boniteza” na relação com Paulo Freire abrangia diversas dimensões de mundo. Do que era transcendente e do que acontecia e existia e era valorizado por ele, as utopias, os inéditos viáveis e sonhos a realizar. Freire, segundo ela, dera um salto qualitativo ao elaborar um significado para a palavra boniteza com embasamento científico, filosófico, político, ético-estético e

antropológico.

Lisete Arelaro (2021) que participa do livro concede à palavra boniteza três vertentes, que na sua opinião eram pilares da pedagogia freireana: 1. A possibilidade de transformação pelas práxis sociais; 2. A educação e cultura na luta pela conscientização libertadora e; 3. A luta por melhores condições de trabalho.

A leitura me instiga, as palavras saltam aos meus olhos e vou me encantando com as possibilidades para uma palavra tão simples, mas que Freire a carregou de sentidos.

Donaldo Macedo (2021) também ressalta a boniteza como linguagem da possibilidade da esperança de sermos plenamente humanos, ao sairmos da posição de objetos para a de sujeitos da nossa própria história. Há boniteza na luta ética e estética, ambas andam de mãos dadas.

Uma pausa na leitura, vou preparar um café, que sempre contribui para a deglutição desse pensamento tão necessário para o mundo que estamos. Aproveito enquanto a água esquentar e coloco outra boniteza no som: Marta Catunda e Tetê Espíndola.

As composições dessas duas artistas ecológicas me embalam, me acalmam, me instigam a pensar mais na palavra boniteza.

Marta Catunda atravessou brevemente meu caminho e deixou marcas importantes a partir de seus escritos, composições e a paixão pelos passarinhos, que remete aos tempos de menino, em Itacambira-MG.

O podcast organizado pelo grupo da professora Nilda Alves, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), fez uma linda homenagem a Marta Catunda, cuja perda repentina foi sentida por todos aqueles e aquelas que com ela convivia ou que por ela foram inspirados.

A participação especial da professora Alda, na homenagem, traz o seu encontro com a Marta, já na sua chegada na Uniso, quando ela fazia o pós-doutorado em Educação, com a coordenação do professor Marcos Reigota. Alda expressa sua admiração pela potência do pensamento e a coragem de pensar o não pensado que Marta Catunda sempre trazia para os grupos.

Sua sensibilidade era expressa em cada gesto, desde a produção dos textos, a composição de músicas, o cultivo de sua mini horta, as pinturas e na culinária. A ética e a estética estavam sempre em vibração em sua existência.

Segundo a professora Alda, a Marta tem uma presença estelar que sempre nos acompanhará.

Termina a homenagem e eu fico pensando, Marta Catunda e a palavra boniteza se equivalem.

Não houve uma pessoa que tivesse conversado, desde o fatídico acidente da Marta, que se lembra dos gestos sensíveis, das profundas e potentes reflexões, do carinho com que vinha se dedicando às aulas com a garotada do Ensino Médio; as doçuras do seu cantar e de suas pesquisas.

Minha homenagem à Marta Catunda é a foto (Figura 25) que fiz na exposição Frestas – Trienal de Artes 2020/21 – O rio é uma serpente, no Sesc Sorocaba.

Quando retorno ao livro organizado por Nita Freire (2021), me deparo com o sentido da palavra boniteza para Frei Beto, que escreve que boniteza para Freire não é apenas o que se escreve ou fala, mas também o que se faz, para ele eleição é boniteza, o caráter político da educação também é boniteza, desocultar a verdade, mudar o mundo, a sociedade, transformar a feiura em boniteza, sonhar, alimentar a utopia, pensar, questionar e criticar.

Ao findar o texto, olho pela janela do apartamento e testemunho um bando de maritacas, fazendo algazarra numa das palmeiras. Sorrio e sinto que a Marta Catunda veio me presentear com essa boniteza logo ali, ao alcance do meu olhar e de minha escuta, que busco ser tão sensível quanto a dela.

**Figura 28** – Revoada dos passarinhos – Trienal Frestas – Sesc Sorocaba.



**Fonte:** Arquivo pessoal.

## **28 Um encontro para falar de guerra e paz**

Na última semana do primeiro semestre de 2021, sou surpreendido com um convite do professor Marcos Reigota para participar de um encontro com o Grupo de Pesquisa Currículos, Redes Educativas e Imagens, liderado pela professora Nilda Alves (UERJ). O encontro marcaria o lançamento do e-book “Conversas com Kurosawa”, que apresenta diversos textos, escritos a muitas mãos, a partir do diálogo entre educação e o filme “Sonhos”, de Akira Kurosawa (1990).

O que me surpreendeu é que para esse encontro, eu como orientando e com a pesquisa que estava fazendo, deveria preparar uma fala para apresentar, juntamente com ex-orientandos do Reigota, que tiveram alguma aproximação com a temática das bombas atômicas lançadas sobre o Japão, em 1945.

Apesar de ter ficado apreensivo, no primeiro momento, uma alegria perpassou todo meu corpo. Jamais pensava em participar de um evento com a professora Nilda Alves, a quem tenho um imenso respeito desde a época da graduação em Psicologia que me aproximei de sua escrita e que traz tantas contribuições, principalmente para o campo da educação.

Seria algo em torno de dez minutos para que eu pudesse expor as principais ideias da pesquisa. Num primeiro momento, o evento estava marcado para o dia 9 de agosto, data próxima do aniversário das explosões das bombas atômicas, mas precisou ser adiado ante o ocorrido com a Marta Catunda, que era muito querida por Nilda Alves, além de todos aqui dos Grupos Perspectivas Ecologista de Educação e Ritmos do Pensamento.

Para ser mais objetivo, começo a pensar e escrever um texto para a apresentação, que agora seria no dia 30 de agosto, data inclusive, em que o professor Marcos não poderia participar por motivos de saúde.

O grande dia chega, o sol brilha e deixa o dia mais intenso. O nervosismo toma conta do meu ser, e pouco antes do horário abro o link de acesso e fico esperando alguém me admitir na sala de reunião, acho que fui o primeiro.

Os participantes do grupo de Nilda Alves também vão chegando e uns vão cumprimentando os outros. Quando faltava apenas cinco minutos para o início, aparece a professora Nilda, que antes de cumprimentar os participantes, me chama

pelo nome e diz “que bom que você está aqui, por um momento pensei que não estaria, pois não conseguia enviar sequer um e-mail para você”, agradeço o carinho e o gesto de dizer que nossos nomes são parecidos Nilda e GivaNildo. Me enchi de alegria por estar ali, entre pessoas tão queridas.

Quando entramos ao vivo no YouTube<sup>7</sup>, parecia que vivia um sonho, era uma boniteza sem tamanho poder fazer parte daquele momento. Após a professora Nilda dar as boas-vindas a todos e comentar brevemente o objetivo do encontro e lamentar as perdas daquele mês, além da Marta Catunda, um colega do grupo que estava realizando a pesquisa de doutorado veio a falecer em decorrência da COVID.

Antes de nos passar a palavra, a professora Nilda contou, emocionada, que é militante pela paz desde criança, quando, por influência do pai, assinou um manifesto pela paz no mundo, com apenas seis anos de idade.

Apesar de não termos combinado, a professora Nilda queria passar a palavra na sequência de quem concluiu o doutorado primeiro, e acertou. Primeiro foi o Eder Proença, que nos brindou com a construção do Parque da Paz na escola onde havia sido diretor, na rede municipal de Sorocaba-SP.

Em seguida foi a vez do Guilherme Profeta, que discorreu sobre o Projeto Hibakusha, em parceria com a Ligia Zanella, onde desenvolveram história em quadrinho reportagem sobre os sobreviventes da bomba de Hiroshima.

E, finalmente, chega a minha vez e eu apresento o seguinte texto:

*Recebendo o convite para participar de um evento tão significativo para mim, pensei que não poderia deixar de relatar as minhas andanças até aqui. Participar de um evento convidado pela Nilda Alves e Reigota tem um valor inestimável, mas disso vou voltar a falar disso, daqui a pouquinho.*

*Sou o filho mais novo dos quatro irmãos, pai e mãe cheios de simplicidade e sabedoria mantiveram a nossa subsistência com o trabalho rural, e com meio salário mínimo que a minha mãe ganhava em uma escola municipal, pelos serviços de limpeza. Ensinando-me sempre através das suas palavras, gestos e valores que contribuíram para me tornar o que sou: verdade, respeito, amor, paz e união.*

*Percorrendo grande distância a pé, consegui concluir o ensino fundamental, com muita dificuldade, pois, ali na zona rural, não existia sequer escolas próximas. Era uma caminhada de quatro horas todo dia para ir e voltar da escola.*

*O sonho de ser professor me fez sair de casa aos 13 anos e morar em uma cidade vizinha, ali mesmo no vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, para concluir o ensino médio. Tentei o vestibular na Universidade Estadual de Montes Claros, mas infelizmente, não fui aprovado, encerrava ali, o meu*

---

<sup>7</sup>Link evento de lançamento do e-book “Conversas com Kurosawa”, organizado pela professora Nilda Alves, da UERJ: <<https://drive.google.com/file/d/1Ma2p6ibieExkanqwQkuA6vIRMI3E59Zk/view>>.

*desejo de continuar estudando, pois, a condição financeira se agravava e precisava muito conseguir um trabalho.*

*Comecei a trabalhar e depois de 4 anos coloco uma mochila nas costas, me despeço da família e sigo com destino a Sorocaba-SP. Em 19 de março de 2006, iniciava uma nova experiência, cheio de sonhos e o desejo de voltar à escola era marcante.*

*O início foi conturbado como todo recomeço, aquele menino criado no meio do mato, comendo fruta do pé, sentiu medo e receio de todas as novidades que encontrava, e por 6 anos teve que se contentar apenas com o trabalho, pois dessa forma, garantia, sua subsistência e ajudar um pouquinho a família que estava em Minas.*

*Dá vontade imensa de ser professor, me descobri na Psicologia, e depois disso, prometi para mim mesmo que nunca mais deixaria a sala de aula. Terminando a graduação me enveredei logo na busca do mestrado, foi quando entrei como aluno especial na Universidade de Sorocaba e me deparei com professores de extrema sabedoria, humildade e simplicidade, dentre os quais, tive a honra de ter aula com a Eliete Jussara Nogueira e Alda Romaguera, que me disseram logo de cara, que “ninguém pode sair daqui sem ter feito uma disciplina com o Reigota”.*

*Foi paixão à primeira vista. Doçura, leveza, cuidado e reflexão, eram características de suas aulas que me faziam ficar encantado.*

*E em um dos encontros, ele nos convida para participar de um evento que aconteceria num dos auditórios da Uniso, no dia seguinte, com os sobreviventes da bomba atômica de Hiroshima. E frisou que seria uma oportunidade única.*

*No dia 8 de maio de 2019, logo pela manhã, lá estava eu concentrado e cada vez mais impressionado com as falas dos sobreviventes da bomba atômica. Algo que nunca tinha ouvido falar nos bancos da escola e só fui ter contato naquele momento.*

*Ficava imaginando como alguém que teve o seu país e suas cidades destruídas estar falando de paz com tanta empolgação e com tanto desejo? Terminado o encontro, comprei o livro, fiz questão de pegar o autógrafo e tirar fotos com aqueles dois senhores incríveis.*

*Na próxima aula do professor Reigota, fui falar com ele sobre as minhas impressões do encontro e agradecê-lo pelo convite. Foi naquele instante que tive certeza que esse seria o tema da pesquisa: a mensagem de paz através da minha dissertação.*

*Na sequência, entrei em contato com mais pessoas que já estavam envolvidas, de alguma forma, com essa temática, além do professor Reigota, o Guilherme Profeta que estava preparando um livro junto com a Lygia Zanella - e que hoje se encontra na minha cabeceira -, e o Eder Proença que na escola onde era diretor, construiu junto com as crianças, um Parque da Paz para lembrar os acontecimentos de Hiroshima e Nagasaki. Tudo isso me deixava maravilhado e empolgado, saber que já tinham mais pessoas tecendo essa grande rede.*

*Encontrar os sobreviventes da bomba atômica, já aos 90 anos de idade, me fez entender o quanto é importante haver mais pessoas empenhadas em levar essa mensagem adiante, estar aqui nesse evento de hoje e poder falar sobre isso é de uma importância e relevância sem tamanho.*

*Sinto-me privilegiado em ter presenciado esses sujeitos da história relatando os acontecimentos e provocando transformações através de suas histórias.*

*Os encontros proporcionados me atravessaram profundamente, e aquele menino com uma vontade louca de ser professor, brincando com o carvão nas paredes pintadas de barro da minha mãe, ganha cada vez mais força. Jamais imaginava participar de um evento dessa grandiosidade, com pessoas de tamanha contribuição para o cotidiano escolar, mas entusiasmado e disposto para onde estiver nunca deixar de falar e promover ações em prol da paz e da continuidade da vida.*

## 29 Dialogando com Kurosawa

### Imagine

Composição: John Lennon

Música link: <https://youtu.be/dq1z1rkjw-E>



Imagine não haver o paraíso  
É fácil se você tentar  
Nenhum Inferno abaixo de nós  
Acima de nós, só o céu

Imagine todas as pessoas  
Vivendo o presente

Imagine que não houvesse nenhum país  
Não é difícil imaginar  
Nenhum motivo para matar ou morrer  
E nem religião, também

Imagine todas as pessoas  
Vivendo a vida em paz

Você pode dizer que eu sou um sonhador  
Mas eu não sou o único  
Espero que um dia você junte-se a nós  
E o mundo será como um só

Imagine que não há posses  
Eu me pergunto se você pode  
Sem a necessidade de ganância ou fome  
Uma irmandade dos homens

Imagine todas as pessoas  
Partilhando todo o mundo

Você pode dizer que eu sou um sonhador  
Mas eu não sou o único  
Espero que um dia você junte-se a nós  
E o mundo viverá como um só

Tradução da canção de John Lennon

Impactado pela participação no evento organizado pela professora Nilda Alves, começo a ler o e-book “Conversas com Kurosawa”, lançado naquele e também procuro o filme para assistir.

O filme é a junção de pequenas narrativas que retratam os sonhos de Akira Kurosawa, ainda criança. Em “Sonhos”, lançado em 1990, foi considerado pela crítica, um dos melhores filmes do diretor japonês.

As histórias são: “Raios de sol através da chuva”, “A horta dos pessegueiros”, “A Nevasca”, “O túnel”, “Corvos”, “O Monte Fuji em vermelho”, “O demônio chorando” e “A aldeia dos Moinhos d’água”. O diretor traz reflexões sobre a vida, crenças,

guerras, armas nucleares, destruição do planeta, a biodiversidade e mudanças climáticas e por fim, nos presenteia com uma nova forma de viver, respeitando a vida e a morte.

O filme, assim como o e-book organizado por Nilda Alves, caíra em minha vida no momento certo, percebi conexões com o momento presente. Como alimentar os sonhos em tempos de pandemia?

As pequenas narrativas se entrelaçam às imagens da minha infância, às histórias contadas nas rodas de fogueira, até chegar aos hibakushas, quando vejo a narrativa sobre o acidente na usina nuclear.

A imbecilidade humana construindo algo para ser sua própria ruína.

No episódio do diabo chorando, sou tomado por um misto de sentimentos por perceber a proximidade da narrativa com a pandemia que estamos passando que além de provocar centena de milhares de mortes, acabou aumentando muito as desigualdades sociais e tem produzido milhares de miseráveis, com fome, sem casa, sem emprego e sem expectativas de melhoria.

Quando pensamos que tudo está perdido o diretor nos presenteia com a aldeia dos moinhos d'água que traz esperança e felicidade diante de uma obra prima de vida numa aldeia que o tempo do relógio não é considerado, que as pessoas se conhecem e celebram a vida e a morte, que é compreendida diferente daquilo que nós ocidentais entendemos.

Dia 7 de dezembro de 2021, tarde fria. O vento sopra a copa das árvores, que se agitam diante da minha varanda. Ouço a versão portuguesa da música de John Lennon, enquanto sonho com o fim da pandemia e a expectativa de rever meus pais no próximo ano.

### 30 Afinando e refinando o olhar

#### Reconvexo

Composição: Caetano Veloso

Música link: <https://youtu.be/FYZpzzbEcHo>

Eu sou a chuva que lança a areia do Saara  
Sobre os automóveis de Roma



Eu sou a sereia que dança, a destemida lara  
Água e folha da Amazônia

Eu sou a sombra da voz da matriarca da Roma Negra  
Você não me pega, você nem chega a me ver

Meu som te cega, careta, quem é você?

Que não sentiu o suingue de Henri Salvador  
Que não seguiu o Olodum balançando o Pelô  
E que não riu com a risada de Andy Warhol  
Que não, que não, e nem disse que não

Eu sou o preto norte-americano forte  
Com um brinco de ouro na orelha  
Eu sou a flor da primeira música a mais velha  
Mais nova espada e seu corte  
Eu sou o cheiro dos livros desesperados, sou Gitá Gogoya  
Seu olho me olha, mas não me pode alcançar

Não tenho escolha, careta, vou descartar  
Quem não rezou a novena de Dona Canô  
Quem não seguiu o mendigo Joãozinho Beija-Flor

Quem não amou a elegância sutil de Bobô  
Quem não é recôncavo e nem pode ser reconvexo.

Sempre olhei para a vida com um olhar de beleza, mas confesso que setembro de 2021 me trouxe um profundo inverno, perdi a vontade de escrever, de ler, de fazer qualquer coisa que não fosse ir para o meu trabalho pela manhã e quando voltava, ia direto para o meu quarto. O desânimo era tanto, que já não conseguia me concentrar nos estudos e na escrita.

Pensava nas pessoas queridas que havia perdido, a saudade de casa, em Minas apertava cada vez mais o meu coração.

Buscava inspiração e força nesses interlocutores que trago na pesquisa, pensadores da educação, filósofos, psicólogos, artistas, em geral. A interpretação de Maria Bethânia para a música do irmão trazia algum alento e por isso, seguindo a sugestão do professor Marcos, agendei a visita à exposição “O rio é uma serpente”, a 3ª edição de Frestas – Trienal de Artes do Sesc Sorocaba.

Segui à risca as orientações! Fui sozinho e foi um momento em que pude olhar

para as obras e olhar também para mim. Perceber o quanto merecemos ter momentos só nossos.

A exposição, com curadoria de Beatriz Lemos, Diane Lima e Thiago de Paula Souza e com assistência de curadoria de Camila Fontenele, traz cinquenta e três artistas e coletivos de diferentes nacionalidades. Cada obra ou instalação nos atrai por um viés.

Enquanto serpenteava pelo espaço da exposição, vinham à lembrança pessoas que gostaria que também tivessem essa experiência e outras que as obras me faziam pensar.

Algumas me chamaram uma atenção especial, como a obra de Davi de Jesus do Nascimento, de Pirapora, norte de Minas Gerais e perto de onde nasci. Ele retrata o Rio São Francisco e seus mistérios. Os mesmos que minha mãe contava, quando era criança, como a história do Caboclo d'Água, entidade que nos protegia dos inimigos. Estar diante daquelas obras era como se voltasse no tempo e revivesse novamente, os bons momentos em que estava com minha mãe.

Só por aí, eu já conseguia voltar a ter certa alegria e vontade de voltar à escrita.

Continuo andando e observando e a obra de Haseeb Ahmed, dos Estados Unidos, chama a minha atenção novamente. Ela traz a música Reconvexo, composta por Caetano Veloso, em 1989. Fiquei pensando nas coincidências da vida. A música estava no meu som outro dia e sempre que posso a ouço, pois me provoca uma sensação boa. Na obra, o artista explora as ideias calcadas no colonialismo que teima em nos assombrar, com recursos muito mais sofisticados, a partir de imagens por satélite sobre a movimentação da areia carregada do Saara até a Amazônia brasileira.

Sigo vagueando, enquanto cantarolo a música que não saiu mais da cabeça até me deparar com a obra de Jaider Esbell, indígena do povo Macuxi, da Terra Raposa Serra do Sol, Normandia, em Roraima. Suas obras também nos convidam a refletir sobre o processo de colonização e o quanto esse ainda nos submete a interesses de outrem, para fugirmos desses percalços, sugere que abandonemos as ferramentas impostas para a decodificação do mundo, ou seja, é um convite a nos abriremos a cosmovisão que os povos indígenas, por exemplo, têm da vida, das relações entre nós e os demais seres e tudo o que existe no planeta e também o que não existe.

Impactado pela produção e reflexão de Jaider Esbell, que inclusive veio a

falecer no início do mês de novembro, dei mais uma circulada por entre as obras e me deparo com uma revoada de “Pássaros”, obra de Laura Lima, uma mineira de Governador Valadares. Percebi que as pessoas que estavam por ali se deitavam no chão para ter outra visão da obra. Não me contive e acabei me deitando também. Eu vi festa no céu, pássaros de diversos tamanhos e espécies se encontravam para celebrar a vida, que ainda teima em continuar, apesar de toda violência, sofrimento e morte que estamos vivendo. Ao ler mais tarde, o Guia de Visitação, Catarina Duncan (2021, p. 81), escreve:

Pássaros é uma instalação composta por pequenas esculturas e desenhos de aves, emoldurados e pendurados para além dos limites das paredes. Inspirada no filme homônimo de Hitchcock, trata-se de uma revoada em que pássaros de muitas dimensões se encontram em um exercício coletivo de fuga e libertação.

Ali, deitado no chão, imaginando esse sobrevoo intenso de pássaros acima do meu corpo, me chega a passarinha Marta Catunda, com seu canto doce e contribuições sensíveis e potentes que deixou impressa nos Grupos Perspectiva Ecologista de Educação e Ritmos de Pensamento.

Percebo alguém se aproximando e, com delicadeza, me comunica que meu tempo na exposição já havia sido ultrapassado. Pedi desculpa e sai ainda mexido por tudo aquilo que tinha observado naquele dia.



**Passarinho**

Composição: Marta Catunda

Eu sonhei que um passarinho  
Foi chegando de mansinho  
Dentro do meu coração

Com folhinhas e carinho  
Bem desperto fez seu ninho  
Sem aviso ou intenção

Mais um dia o pequenino  
Desejou tanto voar!

Foi pousar imprevidente  
No seu peito de repente  
De lá se pôs a cantar

Você me quer, você me quer!  
Eu te quero, quero-quero!  
Você me quer, você me quer!  
Eu te quero, quero-quero!

### 31 Ser cultivador como meus pais

**Figura 29** – Dona Creuza, minha mãe



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 30** – Seu Antônio, meu pai.



Fonte: Arquivo pessoal.

Desde os seis anos de idade acompanhava a minha mãe, meu pai e irmãos no trabalho de cultivo da terra, sempre no intuito de garantir a nossa alimentação. Intrigava-me a relação das estações do ano com as épocas do plantio e, apesar dos meus pais explicarem, eu nunca entendi muito bem. Mas quando via aquelas plantas

estourarem do solo e ganhar vida, me enchia de felicidade, eu tinha prazer em poder fazer essas observações, sempre achei lindo.

Nunca fui muito bom com o plantio, mas essa prática e ver as plantas se desenvolverem, sempre me encantou. Por algumas vezes em que arrisquei o cultivo, acabei me frustrando, mas meus pais sempre foram bons com o cultivo da terra.

Talvez, se tivesse ficado em Minas, poderia ter aprendido mais, porém, minha trajetória tomou outros rumos e hoje, eu me arrisco em cultivar algumas plantas nos vasos, dentro do apartamento. Tenho duas ráfias e um pé de "*Ora-pro-nóbis*". Com elas venho desenvolvendo algum aprendizado de como lidar com um ser vivo.

É preciso um ambiente correto. Às vezes precisa de um pouco mais de luz, outras necessitam ficar expostas diretamente ao sol. Água na quantidade correta, nem muito, nem pouco. Periodicamente é preciso fazer a poda, para que novas folhas possam crescer e deixar a planta mais linda ainda.

Agora aquelas explicações que meu pai tentava me dar, começam a fazer sentido. Assim como as conexões que fazia com as estações do ano e as fases da lua, que determinavam o que se podia e o que não se deveria plantar para alcançar uma boa safra.

Cuidar de pessoas também é um exercício de cultivo, de realizar as podas, arrancar mudas e plantar em outros lugares e com solo preparado. Precisamos repensar a relação com o outro e com o planeta ou estaremos fadados ao fracasso.

O cotidiano escolar tem uma fundamental importância para formar pessoas que saibam se relacionar com as outras e conviver em grupo. Nesse contexto que está alicerçado as bases para o futuro do nosso planeta.

O mesmo cuidado que aprendi a ter com as plantas precisamos ter com tudo o que está à nossa volta e que compõe o nosso habitat.

Para Reigota (2011) nosso desafio como profissionais e cidadãos é identificar de que maneira as questões globais aparentemente distantes do nosso cotidiano nos atingem e, pensarmos como podemos agir politicamente nesse processo, inclusive, tratando desses temas, em sala de aula. É importante não termos apenas consciência sobre o tema, mas ampliar o conhecimento e as inúmeras representações que trazemos de nosso contexto.

Dessa forma, percebo que o esforço da minha professora, lá nos primeiros anos escolares, nos levando até a horta, explicando sobre a rega das hortaliças, os plantios

de sementes e mudas, tinham objetivos muito maiores que só os de compreender o cultivo das espécies e as fases de desenvolvimento e alimentação. Naquele momento ela estava nos incentivando a cultivar a vida, a cuidar do que está à nossa volta.

Tentando entender mais esse equilíbrio da natureza e o quanto ele pode nos ensinar, eis que me deparo com um texto de André Yang, Marcos Reigota e Rodrigo Barchi (2018) que me faz refletir. Nessa ocasião, Reigota relatava a sua observação a uma planta que sobreviveu à explosão da bomba atômica em Hiroshima:

Como os bichos e as plantas sobrevivem? Se é que sobreviveram, evidentemente.... Nesse enfoque atual de minhas pesquisas sobre Hiroshima e Nagasaki e sobre os posteriores acontecimentos de devastação da vida, procuro saber a história dos que não podem narrar, de forma que nós, humanos, possamos entrar em conversação. Quais narrativas ela nos enfatiza, na linguagem do silêncio, no balbucio do vento nas suas folhas, nas cigarras que nela se instalam, no pouso dos corvos nos seus galhos? O que contam os sulcos do seu tronco, os galhos que pendem e as suas entranhas que as fotos diante dela não podem captar? (YANG, REIGOTA, BARCHI, 2018, p. 10)

Pensando em tudo isso, percebo que as contribuições da natureza e das plantas com a humanidade é de fundamental importância, que precisa ser uma presença marcante no cotidiano escolar e na vida de todos nós, entender o cuidado, como é o desenvolvimento das diferentes espécies, sua resiliência, a resistência de cada uma, sua dinâmica em atrair outras espécies, principalmente animais (que muitos nomeiam como pragas), além de nos conectar com a terra, essa mãe que nos dá tanto e que muitas vezes, não lhe agradecemos com o afago necessário, pelo contrário, usamos apenas de forma exploratória e sem cuidado.

**Figura 31** – Árvore sobrevivente em Hiroshima.



**Fonte:** Marcos Reigota.

## 32 O fiel da balança

Na venda do seu Dedé, quando criança, além de ficar observando os pirulitos e doces, me chamava atenção, uma balança que ali estava exposta para a pesagem e conferência das mercadorias. Era daquelas bem antigas, tinha alguns pesos que eram colocados em um dos pratos, de um lado, e do outro o produto, quando os pratos estivessem na mesma posição, equilibrados, o peso estaria equivalente.

Ficava observando o ponteiro, no meio da balança, que ia de um lado para outro até se equilibrar no meio. Esse era chamado fiel da balança.

Nunca via os clientes da venda ficar observando se o que o seu Dedé pesava estava correto, existia ali, confiança no comerciante.

Quando estou de férias, o primeiro lugar que sempre vou é para Minas Gerais, na casa dos meus pais e, todas as vezes, eu passo na venda do seu Dedé. Aquele lugar cheira minha infância. É um lugar nostálgico e que ainda me encanta. A balança continua lá, agora empoeirada, apenas como mera decoração e lembrança de um tempo que não volta.

Fico pensando naquele ponteiro balançando até alcançar o ponto ideal como metáfora para nossas medidas em relação ao que fazemos na vida e nas relações com o outro.

Ainda temos aquela confiança cega que os moradores do povoado de Crispim, em Itacambira tinham no seu Dedé? Qual a medida de nossa paciência em acolher aquele que está chegando e ensinar os primeiros passos dentro do trabalho? Qual a medida que julgamos as ações daqueles que estão à nossa volta? Não nos sentimos, cada dia mais, os juízes bem ou mal-intencionados, que determinam o que o outro é ou deixa de ser?

Fecho os olhos e aquele ponteiro não para de balançar em minha memória! Encontrar essa justa medida em tudo que realizarmos e em todas as nossas relações, talvez possa ser para cada um de nós um desafio constante.

### **33 Beija-flor professor**

Se existe alguma coisa que gostava muito de observar nos meus tempos de criança, era o comportamento dos passarinhos, e a beleza dos seus gingados. Acordava muito cedo, tomava o café da manhã e sentado na varanda, ficava de frente para os pés de laranjeiras e balão.

Em certa época do ano, a florada das árvores perfumava o ambiente e atraía abelhas, outros insetos e os passarinhos buscando alimento. Era uma festa: a mistura de vários deles com seus cantos, era a trilha sonora daquelas manhãs.

Entre todos os bichos que desfilavam em frente aos meus olhos, o que mais chamava minha atenção, era o beija-flor, pequeno, na maioria das vezes de um verde que se confundia com as folhas das árvores, que batia suas asas tão rápido que até desapareciam no ar.

Achava lindo seu movimento, beijando flor por flor, para sugar seu néctar e ao mesmo tempo, contribuir com a polinização das plantas. É uma das menores aves do mundo, no entanto, a que tem o maior coração proporcionalmente ao corpo – o peso do coração de um beija-flor equivale a 5% do seu peso. Além de ser uma das únicas aves que voa para trás e fica suspenso no ar. Sua pigmentação não vem das penas, mas de um fenômeno muito parecido com aquele que acontece com o arco-íris, em que a incidência da luz e do ângulo de visão, por exemplo, podem causar alterações em sua coloração.

O ritual das manhãs ganhava mais alegria quando via o beija-flor, mas passado um tempo, aquelas flores viravam frutos, os balões se abriam e enfeitam toda a volta de casa, num espetáculo para ver e sentir tudo sendo intermediado por muitos atores, a maioria deles, da própria natureza.

Para mim, observar os pássaros, principalmente os beija-flores era sinônimo de aprender. Aquele passarinho minúsculo tinha importância grande para a existência de uns cem números de frutas e outras espécies. E então, nomeei-os de beija-flor professor.

Envolvido por todos os acontecimentos que nos atravessam, nessa polarização política partidária que o país vive, onde as redes sociais, como terra de ninguém, servem ao propósito de grupos extremistas que disseminam o ódio e a intolerância, penso que temos que olhar com especial atenção para o cotidiano escolar que precisa ser repensado e reinventado para que daquele lugar, os cidadãos e cidadãs possam

entender que estamos aqui de passagem, que esse espaço, chamado Terra, é um bem comum para todos e todas e precisa ser cuidado.

É o momento de sermos cada vez mais o beija-flor professor, que poliniza, que fecunda e ainda oferece beleza ao mundo.

Paulo Freire (2019) escreve sobre a importância de sermos coerentes entre o que dizemos e o que vivemos,

Não podemos falar a nossos filhos ou em sua presença de um mundo melhor, menos injusto, mais humano e explorar quem trabalha conosco. Podemos às vezes pagar melhor salário, no entanto caímos na cantilena hipócrita segundo a qual “a realidade é assim mesmo e que não sou só eu que salvarei o mundo”.

É preciso testemunhar a nossos filhos que é possível ser coerente, mais ainda, que ser coerente é um sinal de inteireza de nosso ser. Afinal a coerência não é um favor que fazemos aos outros, mas uma forma ética de nos comportar. Por isso não sou coerente para ser compensado, elogiado, aplaudido. Posso até perder materialmente alguma coisa por ter sido coerente. Pouco importa. (FREIRE, 2019, p. 51)

O maior desafio que temos hoje é provocar que tantos outros beija-flores professores estejam a fim de polinizar a coerência entre o ser e o fazer, criando novos beija-flores a fim de mudar esse quadro desolador que estamos atravessando.

Enquanto escrevo, busco em minha *playlist*, a música “Beija-flor”, de Flávio Venturini. A música, aliás, tem sido minha vacina enquanto espero ansiosamente pela vacina que vem sendo desenvolvida pelos centros de pesquisa universitários e laboratórios farmacêuticos, para a COVID.

São quase duas horas da manhã, início do mês de junho. Muito frio em Sorocaba. Ainda com som ligado, apago as luzes, faço uma breve oração pela minha família e pelas 475 mil vidas perdidas até o momento no país pela pandemia. Tento adormecer e nessa noite queria sonhar com beija-flor.

## Beija-flor

Composição: Ronaldo Bastos e Flávio Venturini

Música link: <https://youtu.be/-VkJU0X6W4Q>



O que faz o beija-flor  
Ter lampejos cor do mar?  
Quando eu penso em você  
Meu desejo é navegar

O que faz o beija-flor  
Ter mais prata que o luar  
Faz o mel da tua flor  
Ser mais doce ao paladar

Vai dizer ao meu grande amor  
Que eu sempre estou e vou tão só  
Diz também para o meu amor  
É só voltar, beija-flor

Quando riscas o céu  
És mais doce que o mel  
Que tiras da flor  
Mais do que viver  
Só te importa voar beija-flor

O que faz o beija-flor  
Ter vontade de voar?  
Vai e diz ao meu amor  
O que viu do meu penar

Vai dizer ao meu grande amor  
Que eu sempre vou tão só  
Diz também para o meu amor  
É só voltar, beija-flor

É só voltar, beija-flor  
É só voltar, beija-flor  
É só voltar...

**Figura 32** – Plantas no apartamento que moro.



**Fonte:** Arquivo pessoal

## 34 Considerações finais

### A começar em mim

Composição: Grupo Vocal Livre  
Música Link: <https://youtu.be/SzwZdlxcVMo>



Cedo me acordo, a oração  
É o coração que está apertado  
Para ver um mundo diferente  
Da notícia repetida da televisão

Eu me pergunto onde é que foi  
Alguém me explica  
Por favor, onde é que foi  
Que nós desaprendemos a viver em união

Quero ver mudar, mas se eu aqui só esperar  
Eu sou um deles, sou só um deles  
Minha oração, só é real transformação  
Se começar em mim

Haja mais amor, a começar em mim  
Amor que eu tanto quero ver  
A começar em mim  
A começar em mim  
Quem me perceber  
Que antes possa me reconhecer  
Me descrever em teu amor

E se tivesse mais perdão  
Se no lugar de apontarem tantos erros  
Fossem estendidos mais abraços  
Mais olhares de aceitação  
Se não mais tanto tempo em vão  
Se nosso bem mais precioso  
Não faltasse quando pra ouvir  
Pra entender o meu irmão

Posso até sonhar  
Mas se eu aqui só esperar  
Eu sou um deles, sou só um deles  
Minha oração só é real transformação  
Se começar em mim

Haja mais amor  
A começar em mim  
Amor que eu tanto quero ver  
A começar em mim  
A começar em mim  
Quem me perceber  
Que antes possa me reconhecer  
Me descrever em teu amor

Lala, Lara, Lala, lalara, lálá  
Mais amor (a começar em mim)  
A começar em mim  
A começar em mim....  
Lara, rara, lala, lalara, lálá  
Mais amor, em mim

Em 2019, quando já havia iniciado o mestrado como aluno regular e convicto de que o meu tema iria girar em torno do conceito da paz na educação, eis que uma notícia bastante trágica e violenta toma conta da mídia naquela semana. Dia 13 de março, a Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano, Grande São Paulo, sofre um atentado em que dois adolescentes, ex-alunos da escola, adentram armados e matam cinco alunos e dois funcionários e depois se suicidam.

A banalidade da vida escancarada para todas as famílias de bem do país, que não cansaram em justificar que o ocorrido era culpa de não haver liberação ao porte de arma da população civil.

Na ocasião, grupo gospel Vocal Livre, indignado com a situação, fez a música “A começar em mim”, uma homenagem às vítimas e que abri essa narrativa, num esforço de homenagear também a todas as vítimas que pagaram com suas vidas o descaso e morosidade do governo em relação às vacinas contra a COVID e demais violências que aconteceram e acontecem em nosso país.

Quando decidi falar de uma educação para a paz, ainda não tinha ideia dos caminhos que a pesquisa iria tomar. O contato com os sobreviventes da bomba atômica de Hiroshima foi essencial para entender que a resiliência e a força de sua mensagem podem contribuir para que novas histórias sejam superadas e também dissipadas pelo vento, para que produzam outras e outras.

Fui atravessado pelos hibakushas que, no fim das contas, me mostraram que também sou um deles. Não vi e nem passei pela grande explosão atômica, mas minha trajetória, assim como a de muitos que encontrei nessa jornada e que encontro cotidianamente em meu trabalho e nas ruas, é marcada pela luta por sobrevivência.

Eu poderia estar morando até hoje no sítio da minha família, no povoado de Crispim, em Itacambira-MG. Poderia estar feliz ao estar ao lado dos meus. Plantando e colhendo o pouco é suficiente para a subsistência da casa, poderia estar conformado com minha situação e a situação de muitos que ainda lá estão. Porém, uma força interior me fez sair de lá em busca de outros horizontes, de novos conhecimentos. Paciência se uma universidade pública, com seus vestibulares elitizados, me excluiu da possibilidade de me tornar professor de história, como havia sonhado durante o Ensino Médio.

A possibilidade de me tornar o que me tornei, tinha que passar pelas dores e alegrias vividas. Um trabalho que não era o esperado. Uma chance dentro da

empresa. O retorno aos bancos escolares, numa graduação em Psicologia, que como muito bem trouxe a professora Maria Aparecida, na banca de qualificação, narrando que em muitas das suas aulas eu acabava pegando no sono, afinal, sou trabalhador. Saia direto do trabalho para a faculdade.

Mas me esforcei o suficiente e aprendi também, talvez ainda não o suficiente, pois como seres inacabados que somos, segundo Paulo Freire, pretendo seguir aprendendo a cada dia e, assim, quem sabe, me tornar um sujeito melhor.

Nessa trajetória, a maneira com que cada leitura, encontro com colegas ou personagens desconhecidos, até então, visita a exposições, as músicas ouvidas, filmes e documentários vistos, me atravessaram e deixaram marcas que ficaram impressos nessas páginas e me ajudaram a compreender aquilo que Reigota (2010) trata no artigo sobre as contribuições políticas e pedagógicas dos que vêm das margens:

Ao dar espaço à reflexão e re-elaboração de si, de sua trajetória, como cidadão, como cidadã, professor e professora, estudante, mestrando/a e futuro pesquisador/a da educação, os que vêm das margens se redescobrem, se identificam, como sujeitos políticos que enfrentam os mais diversos preconceitos e privilégios de classe solidificados na sociedade brasileira. (REIGOTA, 2010, p. 3)

Minha trajetória, até aqui é marcada pela minha leitura de mundo, que começou lá no Vale do Jequitinhonha, em Minas e atravessa uma série de novos mundos que toda a bibliografia, as conversas com professores, os encontros com colegas, as visitas a exposições, os filmes vistos e músicas que me acompanharam na escrita, foram interlocutores que me auxiliaram e trouxeram mais questionamentos do que respostas.

Passei a compreender que não posso mudar o mundo, eu mal posso me transformar, aliás. Para isso, se requer muito esforço e vontade. Mas podemos proporcionar ferramentas e reflexões para que cada qual, a sua maneira e em seu tempo, possa pensar sobre si e seu modo de ser e estar no mundo; assumindo um posicionamento diante dessa sociedade capitalista e neoliberal que quer nos engolir a todo preço.

Nesse ínterim, uma pandemia assolou nosso cotidiano. Precisamos mudar nossa maneira de viver, de nos cumprimentar com abraços, de nos encontrar pessoalmente. Tivemos que nos recolher para evitar que o coronavírus em suas infinitas variantes nos contaminasse e espalhasse, atingindo mais e mais pessoas e

causando mais mortes. Até o momento, os números oficiais contabilizam mais de seiscentos e vinte e duas mil mortes no Brasil.

O cotidiano escolar também se transformou. A escola passou a habitar a nossa casa, pelo menos nas de quem, como eu, tem o privilégio de contar com o serviço de internet pago e possui aparelhos que o mantém conectado pelo tempo necessário diariamente.

Professores relatam, em conversas informais, que passaram a trabalhar muito mais horas do que realmente recebem. Muitos tiveram que se virar nos trinta para dominar, minimamente, os novos recursos e ferramentas de trabalho.

Algumas questões não saíram da minha cabeça: e os jovens, adolescentes e crianças que estão longe da vida tecnológica? Que habitam as periferias, a zona rural, os lugares mais remotos do país? Como foi ou tem sido para esses, o cotidiano sem a vivência cotidiana na escola, sem a alimentação que, para o bem ou para o mal, é oferecida? O que têm chegado de propostas pedagógicas?

Em meu cotidiano de trabalho apesar de todos os problemas, pouco fiquei em casa, em trabalho remoto, afinal uma empresa de alimentação é considerada de serviço essencial para a população. Nesse período, como ressaltai em algumas das narrativas, graças aos aprendizados oportunizados pela pesquisa, apurei meu olhar e atenção para onde pudesse ter pessoas precisando de ajuda, e algumas ações foram possíveis, graças à colaboração da rede de amigos que integro e aos meus chefes que sempre aceitaram as ideias que apresentei para que a empresa pudesse abraçar de forma mais significativa e inclusiva as pessoas portadoras de deficiência, garotos em medida sócio educativas ou que estavam completando dezoito anos e não teriam para onde ir, ao sair do abrigo, ou ainda, a inserção de pessoas trans. – que ainda hoje são estigmatizadas por essa sociedade patriarcal, machista e homofóbica e que se diz cristã, mas sequer consegue se colocar no lugar do outro e estender suas mãos para ajudá-lo.

Essas micro ações passaram a impactar na forma de gerir o grupo de trabalho e também no estabelecimento da ampliação do diálogo com outras pessoas que pudessem fazer parte dessa rede e contribuir para que esses novos funcionários tivessem uma formação humanizada e de duplo viés: enquanto contribuimos para ampliar sua visão de mundo, eles também trazem oportunidades de aprendizagens e de ampliação de nossa visão de mundo.

Não sou professor que atua diretamente no cotidiano escolar, mas, enquanto líder responsável pela formação da equipe, em serviço, passei a enxergar como o meu cotidiano está impregnado de educação, no sentido mais amplo e freireano da palavra, para além dos muros da escola.

As aprendizagens que essa pesquisa me possibilitou, desde as reflexões nas disciplinas que fiz, os encontros acontecimentos e eventos que participei, me inundaram de uma vontade de também ser um portador de dessas bonitezas que é semear a paz, a defesa da democracia e o fortalecimento de cada um e cada uma como sujeito de sua história e da história coletiva.

Escrever estas narrativas proporcionou-me um novo olhar sobre inúmeras questões que acontecem diariamente diante dos meus olhos e que talvez sem as novas leituras e encontros propiciados pela pesquisa, não pudesse acontecer. Mais do que nunca, é fundamental trazê-las para a discussão, seja no trabalho, no grupo de amigos e também na sala de aula, ou nos corredores da escola, ou quem sabe no Parque da Paz.

Conhecer a história dos hibakushas é tão importante quanto conhecer histórias como a da Duda, ou dos meninos que conseguimos empregar na empresa. Esses e essas são sobreviventes desse mundo caótico, que preza mais mísseis do que a vida das tartarugas – para lembrar Manoel de Barros –, ou dessas pessoas que estão ao nosso lado e mal tem onde encostar a cabeça para ter uma noite digna de descanso.

A pesquisa não tinha por objetivo analisar ou concluir de forma específica sobre determinado objeto de estudo. Não entendo a pesquisa das Ciências Humanas e, principalmente, da Linha de Pesquisa Cotidiano Escolar, da qual faço parte, como um trabalho que precisa apresentar um resultado final, pelo contrário, as pesquisas como a que estou encerrando, é muito mais para apresentar o quão subjetivo é um tema e se outro a tivesse realizado, esse texto teria percorrido caminhos bastante diferentes do que fui capaz e me dediquei.

Apresento, ao final, muito mais questionamentos, que podem vir a ser pensados em outras pesquisas, por mim, ou outros colegas que se inquietam por essa temática como eu.

Sigo acreditando que é possível concatenar outras vozes em prol da vida, da busca e construção da educação para a paz, para que a vida não continue a ser tão banalizada, para que meninos não invadam escolas tirando a vida de outros meninos

e profissionais, para que mais pessoas possam crer na eficácia da Ciência para produção da vacina que nos livre dessa pandemia de uma vez por todas e mais nenhuma vida seja perdida, ou que pelo menos, chegue ao fim de forma natural, com muitas narrativas traçadas com ética e esteticamente.

Creio, ainda, na amorosidade, aquela defendida por Paulo Freire (2019), que não está restrito ao gostar e cuidar do outro, mas sim e, principalmente, do mundo que vivemos e está em constante mudança – tanto nos aspectos físicos, quanto humanos – pois somos seres históricos e políticos. Amorosidade que inclui cuidar, ter afeto, respeitar e compreender a toda expressão de vida.

Ainda temos muito trabalho pela frente!

### **Queremos saber**

Composição: Gilberto Gil

Música link: <https://www.youtube.com/watch?v=XFWwQxLSbJY>



Queremos saber  
O que vão fazer  
Com as novas invenções  
Queremos notícia mais séria  
Sobre a descoberta da antimatéria  
E suas implicações

Na emancipação do homem  
Das grandes populações  
Homens pobres das cidades  
Das estepes dos sertões

Queremos saber  
Quando vamos ter  
Raio laser mais barato  
Queremos, de fato, um relato  
Retrato mais sério do mistério da luz  
Luz do disco voador

Pra iluminação do homem  
Tão carente e sofredor  
Tão perdido na distância  
Da morada do senhor

Queremos saber  
Queremos viver  
Confiantes no futuro  
Por isso se faz necessário prever  
Qual o itinerário da ilusão  
A ilusão do poder

Pois se foi permitido ao homem  
Tantas coisas conhecer  
É melhor que todos saibam  
O que pode acontecer  
Queremos saber, queremos saber  
Queremos saber, todos queremos saber

## Referências

**08:45** de 1945. Direção: Fernando Fernandes. O Movimento Falso Filme. Argentina/Brasil, 2012.

**40 Horas na Memória: resgate da experiência dos alunos de Paulo Freire em Angico/RN.** Direção: Passos Júnior. Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Disponível em: <

**AGÊNCIA BRASIL.** Sobreviventes de Hiroshima relatam drama da bomba atômica em peça teatral em SP. 2017. [on-line]. Disponível em: <https://agencia-brasil.jusbrasil.com.br/noticias/442220291/sobreviventes-de-hiroshima-relatam-drama-da-bomba-atomica-em-peca-teatral-em-sp>. Acesso em: 04 ago. 2021.

ALVES, Nilda (org.). **Conversas com Kurosawa.** Os sonhos de Kurosawa na pandemia [livro eletrônico]: 'fazerpensar' escolas com estudantes e docentes. Petrópolis, RJ: DP et Alii. Laboratório Educação e Imagem. 2021.

ARELARO, Liseti. Esperança e resistência em Paulo Freire. In: FREIRE, Ana Maria de Araújo (org). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire.** São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 25-49.

AVERSI, Tânia Lídia Ribeiro. **Pedagogias em deslocamento no cotidiano da (in)diferença:** narrativas desde uma revisita à perspectiva Freire(e)Ana. 2021. 2v. Tese (Doutorado em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2021.

AVERSI, Tânia; ALMEIDA, Valter (org.). **30 Anos no Quintal:** trajetórias atravessadas pela Educação Ambiental. Campinas, SP: Pontes Editores. 2019.

**BBC News Brasil.** Afinal, o que há no olho do furacão? 7 set. 2017. (on-line). Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-41190257> Acesso em: 19 ago. 2021.

CARVALHO, Maria Elisete Guimarães; BARBOSA, Maria das Graças da Cruz. Memórias da educação: a alfabetização de jovens e adultos em 40 horas (Angicos/RN, 1963). **Revista HISTEDBR.** On-line. Campinas, SP, v. 11, n. 43, p. 66–77, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639928> Acesso em: 6 ago. 2021.

**CONECTAS.** Marco temporal: entenda por que julgamento no STF pode definir o futuro das terras indígenas. 24 set. 2021. Disponível em: <https://www.conectas.org/noticias/marco-temporal-entenda-a-importancia-do-julgamento-no-stf-para-os-indigenas/> Acesso em: 10 jan. 2022.

DUNCAN, Catarina. Laura Lima. Pássaros. In: **GUIA de Visitação**: 3ª ed. de Frestas – Trienal de Artes. O rio é uma serpente. Sorocaba, SP: Sesc, 2021. Disponível em: [https://issuu.com/sesc\\_sorocaba/docs/guia\\_frestas\\_paginas\\_unicas\\_2021\\_1](https://issuu.com/sesc_sorocaba/docs/guia_frestas_paginas_unicas_2021_1). Acesso em: 10 jan. 2022. p. 80-81.

FERNANDES, Augusto. Águia de Ouro vence o carnaval de São Paulo com referência a Paulo Freire. In: **Correio Brasiliense**. Brasil. 25 fev. 2020. (on-line). Disponível em: <https://www.aguiadeouro.com.br/post/aguia-de-ouro-vence-carnaval-de-sao-paulo-com-referencia-a-paulo-freire>. Acesso em: 04 ago. 2021.

FREIRE, Ana Maria de Araújo. Educação para a paz segundo Paulo Freire. In: **Revista Educação**. Porto Alegre: PUC/RS. Ano XXIX, n.2, Maio/Agosto, 2006. p. 387-393. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/449>. Acesso em: 10 dez. 2021.

\_\_\_\_\_. **Nós dois**: Nita Freire e Paulo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

\_\_\_\_\_. **Paulo Freire**: uma história de vida. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Ana Maria de Araújo (org). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 39 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

\_\_\_\_\_. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lilliam Lopes Martins. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coleção Educação e Comunicação vol. 1. 31 ed. 2008.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

\_\_\_\_\_. **A sombra desta mangueira**. 12 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 63 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

**GILDÁSIO** Jardim. Direção:Israel Campos. Produção independente. Palestina Israel. Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g8BQQqJGbJI>. Acesso em: 06 jan. 2022.

GOSS, Carolina Cristine de; SILVEIRA, Larissa Aparecida; SALLES FILHO, Nei Alberto. Conceituando direitos humanos, cultura de paz e sustentabilidade: caminhos para refletir sobre a Agenda 2030 da ONU. In: SALLES FILHO, Nei Alberto; SALLES, Virgínia Ostroski (orgs.). **Cultura de paz, direitos humanos e sustentabilidade**: olhares interdisciplinares. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2018. p. 10-25.

**GUIA de Visitação:** 3ª ed. de Frestas – Trienal de Artes. O rio é uma serpente. Sorocaba, SP: Sesc, 2021. Disponível em: [https://issuu.com/sesc\\_sorocaba/docs/guia\\_frestas\\_paginas\\_unicas\\_2021\\_1](https://issuu.com/sesc_sorocaba/docs/guia_frestas_paginas_unicas_2021_1). Acesso em: 10 jan. 2022.

**IBGE.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados. Itacambira. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/itacambira.html>. Acesso em: 01 dez. 2021.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão.** Tradução: Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: UNESP, 2015.

DIDI-HUBERMAM, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes.** Tradução: Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Revisão: Consuelo Salomé. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu:** palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACEDO, Donaldo. Boniteza como linguagem da possibilidade e da esperança. In: FREIRE, Ana Maria de Araújo (org). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire.** São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 51-84.

MARTINS, Nataliane Isabela Oliveira. **Ritmos de pensamento:** rastros de cotidianos-educação. 2019. 247f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2019.

MELLO, Thiago . Horóscopo para os que estão vivos. Edição de luxo ilustrada e editada por Ciro Fernandes. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1982.

MONTESANTI, Beatriz. Paulo Freire é o terceiro pensador mais citado em trabalhos pelo mundo. **Nexo.** 4 jun. 2016 (atualizado em 16 abr. 2019). Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/04/Paulo-Freire-%C3%A9-o-terceiro-pensador-mais-citado-em-trabalhos-pelo-mundo>. Acesso em: 17 dez. 2021.

MORAES, Vinícius de. **Novos Poemas II.** Rio de Janeiro: São José. 1959.

NAKAGAWA, Cristiane Izumi. **Hiroshima: a catástrofe atômica e suas testemunhas.** 2014. 163f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2014.

NASCIMENTO, M. **Bola de meia, bola de gude.** LP “Miltons”. Gravadora CBS.1988.

**PAULO** Freire, um homem do mundo. Direção: Cristiano Burlan. Série documental em 5 episódios. Sesc TV. 2021. Disponível em: <https://sesc.tv.br/programas-e->

<series/paulo-freire/?mediald=3c628c0514fa361bb5e88752efe96893>. Acesso em: 10 ago. 2021.

PROENÇA, Eder Rodrigues. **Cartografia dos corpos estranhos**: narrativas ficcionais das homossexualidades no cotidiano escolar. 2009. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do subterrâneo**: narrativas trans, éticas, estéticas e políticas dos e nos cotidianos escolares. 2017. 347f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, São Paulo, 2017.

PROFETA, Guilherme Augusto Caruso. **Projeto Hibakusha**. Arte Lígia Zanella; projeto gráfico Priscila Nakajima. Sorocaba-SP: Ed. do autor, 2020.

REIGOTA, Marcos. **Iugoslávia: registros de uma barbárie anunciada**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2001.

\_\_\_\_\_. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 21, p. 1-06, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/533/446>>. Acesso em: 01 dez. 2021.

\_\_\_\_\_. **Meio ambiente e representação social**. 8 ed. São Paulo: Cortez. 2010.

\_\_\_\_\_. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. 4 ed. São Paulo: Cortez. 2011.

\_\_\_\_\_. Grupo de Pesquisa: Perspectiva Ecologista de Educação. **Pesquisa em Educação Ambiental**. Vol. 5, n. 2, 31 dez. 2010. p. 113-117. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/pesquisa/article/view/6223/4569>. Acesso em: 08 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **Hiroshima e Nagasaki**. Sorocaba-SP: O autor. 2015. (e-book).

\_\_\_\_\_. Fragmentos de Havana: “Al final de este viaje...” com Nita e Paulo Freire. In: FREIRE, Ana Maria de Araújo (org). **A palavra boniteza na leitura de mundo de Paulo Freire**. São Paulo: Paz e Terra, 2021. p. 304-331.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliodora Soares do. **Educação ambiental: utopia e práxis**. São Paulo: Cortez, 2008. (Col. cultura, memória e currículo; v. 8).

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 22 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

SALLES FILHO, Nei Alberto. **Cultura de paz e educação para a paz**: olhares a partir da teoria da complexidade de Edgar Morin. 2016. 357f. Tese (Doutorado em Educação – Área de concentração: Educação). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, Paraná, 2016.

SALLES FILHO, Nei Alberto; SALLES, Virgínia Ostroski (orgs.). **Cultura de paz, direitos humanos e sustentabilidade**: olhares interdisciplinares. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2018.

**SONHOS**. Direção: Akira Kurosawa. Warner Bros. Entertainment Inc. Japão. 1990.

SPERB, Paula. Sobreviventes de Hiroshima reencenam história 75 anos depois. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2 ago. 2020. p. A14-A15

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 20 Edição Especial, p. 70-77, 2008. [on-line]. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>. Acesso em: 02 ago. 2021.

TAKASHI, Morita. **A última mensagem de Hiroshima**: o que vi e como sobrevivi à bomba atômica. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.

YANG, André Luiz Chaves; MACHADO, Carmem Silva; REIGOTA, Marcos. O processo de narrar-se como um movimento de questionamento do tempo presente. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, vol. 22, núm. 79, 2017. Universidad del Zulia, Venezuela. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27956721012>. Acesso em: 15 de mar. 2021.

YANG, André Luiz Chaves; REIGOTA, Marcos; BARCHI, Rodrigo. Ecosofia tropical, educação ambiental canibal e a aventura de desnudar-se. **Linha Mestra**, Campinas, n. 35, p. 265-277, maio-agosto, 2018. [on-line]. Disponível em: <https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/55/70>. Acesso em: 27 ago. 2021.